

JOÃO FERNANDO DE MORAES TROIS

POR UM “NÓ” EPISTEMOLÓGICO DA LINGÜÍSTICA

E DA PSICANÁLISE :

UM ESTUDO SOBRE SAUSSURE, JAKOBSON, BENVENISTE E LACAN.

Porto Alegre (RS)

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ESTUDOS DA LINGUAGEM

TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

POR UM “NÓ” EPISTEMOLÓGICO DA LINGÜÍSTICA

E DA PSICANÁLISE :

UM ESTUDO SOBRE SAUSSURE, JAKOBSON, BENVENISTE E LACAN.

JOÃO FERNANDO DE MORAES TROIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Teorias do Texto e do Discurso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, atendendo requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre (RS)

2004.

Para meu filho **André**,
pelo essencial.

Para **Silvia**,
pela renovação do desejo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador Professor Doutor Valdir do Nascimento Flores por me emprestar o léxico e a sintaxe da lingüística, por sua generosidade e pelo prazer sempre renovado de tê-lo como amigo; seu ensino me permitiu escrever sobre a lingüística.

Agradeço a Alduísio Moreira de Souza por seu precioso e preciso ensino da psicanálise lacaniana, por transmitir sua paixão pela linguagem e compromisso com a palavra; seu ensino me permitiu escrever sobre a psicanálise.

Agradeço as instigantes questões estabelecidas na interlocução com os colegas do grupo de pesquisa sobre *O sintoma na linguagem*, que me fizeram pensar e trabalhar muito. Eles foram um vivo encorajamento ao trabalho interdisciplinar. Nomeadamente: Luiza Milano Surreaux, Jefferson Lopes Cardoso; Fabiana de Oliveira ; Tanara Zingano Kuhn.

Agradeço aos professores do PPG em Letras da UFRGS, pelo acolhimento nesta “casa”.

Agradeço aos professores que aceitaram compor a banca examinadora desta dissertação de mestrado: Professora Doutora Margareth Schäffer ; Professora Doutora Maria José Bocorny Finatto; Professora Doutora Marlene Teixeira.

Escrever é reaprender a errar a língua.

Manoel de Barros.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é construir recursos operatórios de leitura que permitam articular, desde um ponto de vista epistemológico, lingüística e psicanálise. Esta temática surge de uma problemática de pesquisa atual, relativa à crescente demanda, endereçada a lingüística, por diferentes práticas clínicas nas quais a linguagem está implicada. Neste sentido, procura-se relacionar um paradigma de linguagem com uma teoria da subjetividade apropriada tanto à reflexão clínica quanto à reflexão epistemológica. Desta forma, esta dissertação opta por um estudo teórico, visando a construção de operadores conceituais que possibilitem a articulação entre a psicanálise lacaniana e as teorias da linguagem de Saussure, Jakobson e Benveniste, utilizando como *corpus* de análise essas próprias teorias lingüísticas e psicanalíticas. Portanto, seu procedimento analítico pode ser qualificado como metateórico. Quatro critérios são utilizados para a seleção dos autores: 1º) as três teorias são, cada uma a seu modo, estruturalistas – isso significa que a estrutura é o conceito operador que permite pensar as proposições que estão na base de cada teoria (seus axiomas); 2º) as três teorias estabelecem proposições sobre o objeto língua – isso requer perguntar quais axiomas sobre a língua cada teoria teve que construir para dar conta da estrutura. Desses dois critérios deriva-se um terceiro; 3º) as três teorias conformam três “sistemas de linguagem” que não dissolvem o “objeto língua” para se constituírem em sua especificidade (diluindo-a em objetos de outros domínios teóricos, exteriores ao campo da linguagem – ou da lingüística – propriamente dito, tais como, por exemplo, a biologia, a psicologia, a sociologia). Cada sistema é representado por um nome próprio : I – Sistema de Linguagem elaborado por Saussure; II – Sistema de Linguagem tratado por Jakobson; III – Sistema de Linguagem concebido por Benveniste. Como critério de fechamento, temos que : 4º) as três teorias interessam de perto ao Sistema de Linguagem da psicanálise lacaniana. A relação entre tais teorias deverá servir de suporte de leitura à interlocução estabelecida no campo interdisciplinar sobre a presença da linguagem nas diferentes clínicas, assim como revitalizar os campos conceituais tanto da lingüística quanto da psicanálise.

Palavras-chave: epistemologia – estrutura – enunciação – lingüística – língua – linguagem – *lalange* – metáfora – metonímia – psicanálise – paradigma – sujeito – significante – signo – topologia.

ABSTRACT

The goal of the present work is to build reading resource tools which allow to articulate, from the viewpoint epistemological, linguistic and of psychoanalysis. This thematic emerges from a current problematic research related to an increasing demand, addressed to linguistic, by different clinic practices in which language is implicated. In this regard, it was tried to connect a paradigm of language with a subjectivity theory proper to the clinical reflection as well as to the epistemological reflection. Therefore, this dissertation chose a theoretical study way, viewing the construction of conceptual tools which possibilitate the articulation between the Lacanian psychoanalysis and the language theories of Saussure, Jakobson and Benveniste, using as analysis bodies these same linguistic and psychoanalytical theories. Then, the analytical procedure of this work can be qualified as a theoretic goal. Four criteria were used for the selection by the authors: 1°) The three theories are in their way structuralists – this means that the structure is the operational concept that allows to think the propositions which are on the base of each one of them (their axioms); 2°) The three theories establish their propositions on the object of the language. – the question is which axioms each theory had to build about the language to (care) for the structure. From these two criteria arises a third one; 3°) the three theories conform three “systems of languages” that do not desintegrate the language object in order to constitute themselves in its specificity (diluting it in objects of other theoretical dominions, outside the language site – or of linguistic itself, such as, for example, the biology, psychology and sociology). Each system is represented by a proper name: I – elaborated language system by Saussure; II – the language system elaborated by Jakobson; III – the elaborated language system by Benveniste. And as a closing criterion: 4°) That the three theories are of interest to the Lacanian psychoanalysis language system. The relation among these theories will serve as a reading support to the established colloquy in the interdisciplinary site about the presence of the language in different clinics, as well as to revitalize the conceptual sites of linguistic and psychoanalysis.

Keywords: Epistemology structure - enunciation – linguistic, tongue- language – *lalange*- metaphor metonymia – psychoanalysis – paradigm – subject - significant - sign - topology.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Princípios de uma pesquisa | 10 |
| 1.2 Justificativa deste estudo | 28 |
| 1.3 Do corpus de análise | 30 |
| 2 OS SISTEMAS DE LINGUAGEM..... | 32 |
| 2.1 O Sistema de Linguagem de Saussure | 37 |
| 2.1.1 A exclusão do sujeito em Saussure..... | 49 |
| 2.2 O Sistema de Linguagem de Jakobson | 54 |
| 2.2.1 A língua é um sistema hierárquico de sistemas de signos..... | 58 |
| 2.2.2. O retorno imaginário do sujeito em Jakobson..... | 66 |
| 2.3 O Sistema de Linguagem de Benveniste – a língua é um sistema de enunciação..... | 70 |
| 2.3.1 O retorno simbólico do sujeito em Benveniste..... | 83 |
| 2.4 Uma falta comum..... | 89 |
| 2.5 Finalizando o capítulo..... | 94 |
| 3 POR UM CONCEITO DE SUJEITO | 96 |
| 3.1 O Trajeto da Estrutura ao Sujeito – Saussure via Lacan | 101 |
| 3.2 A Travessia do Sujeito na Estrutura – um retorno de Lacan a Freud via Saussure, Jakobson e Benveniste | 108 |
| 3.4 O Inconsciente é a condição da linguística | 119 |
| 4 O RETORNO À LÍNGUA | 127 |
| 4.1 A língua é uma linha que se estende em busca de um sujeito | 135 |
| 4.2 A psicanálise é o Sinthoma da lingüística..... | 136 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 141 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 153 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|------------|
| FIGURA 1: O CONTÍNUO | 15 |
| FIGURA 2: OS TRÊS TENCIONAMENTOS TEÓRICOS | 17 |
| FIGURA 3: A EXPLOSÃO DAS BOLHAS | 20 |
| FIGURA 4: OS DESENCAIXES..... | 20 |
| FIGURA 5: OS TRÊS CÍRCULOS | 20 |
| FIGURA 6: AS TRÊS CONSISTÊNCIAS | 23 |
| FIGURA 7: A SOBREPOSIÇÃO | 25 |
| FIGURA 8: A CONSISTÊNCIA DE AMARRAGEM..... | 26 |
| FIGURA 9: O PAR ORDENADO..... | 26 |
| FIGURA 10: O RETORNO DO SUJEITO..... | 52 |
| FIGURA 11: O ESQUEMA RETANGULAR DE JAKOBSON..... | 69 |
| FIGURA 12 : O ESQUEMA MOEBIANO DE JAKOBSON | 69 |
| FIGURA 13: O ESPELHO LINGÜÍSTICO DE JAKOBSON | 69 |
| FIGURA 14: O APARELHO FORMAL DE ENUNCIÇÃO..... | 75 |
| FIGURA 15: A ENUNCIÇÃO ENGLOBANTE | 78 |
| FIGURA 16: O ESQUECIMENTO DE NOMES PRÓPRIOS – FREUD..... | 112 |
| FIGURA 18: O ESQUECIMENTO DE NOMES PRÓPRIOS – LACAN | 114 |
| FIGURA 19: O PENTE FREUDIANO | 120 |

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é verdadeiramente o que não pode avançar sem se torcer e se enrolar, sem se contornar de uma maneira da qual não posso dizer que não dê aqui o exemplo (Jacques Lacan, A Terceira, 1986).

1.1 Princípios de uma Pesquisa

Este trabalho visa à constituição de uma metáfora teórica que permita construir alguns recursos operatórios de leitura de um campo interdisciplinar. Este campo vem configurando-se ultimamente através de múltiplas demandas endereçadas à lingüística por diferentes práticas clínicas nas quais a linguagem está implicada. E uma demanda – seja ela teórica ou não – é sempre uma convocatória para que se encontre uma escuta. Quando isso se dá, uma interrogação se produz. Deixar-se interrogar é arriscar a colocar radicalmente em jogo a construção que nós fazemos para poder sustentar tanto aquilo que nos concerne enquanto sujeitos quanto aquilo que nos compete enquanto produção teórica. Manter esta relação de alteridade no interior de um campo interdisciplinar tem como seu correlato ético o “deixar-se alterar”. Isto é, implicar-se nas questões mobilizadas por este

campo, estando , ao mesmo tempo, interno e externo a um mesmo conjunto de interrogações que compõem as condições de enunciação destas questões.

Esta forma de pensar é definida por Dany-Robert Dufour, em seu livro *Os Mistérios da Trindade*, como sendo a de um *estilo implicado* de operar sobre as definições dos campos entre si. Assim, diferentes campos teóricos, ao flexionarem-se sobre si mesmos, não estariam “explicando” uns aos outros mas produzindo questões e compartilhando entre si de suas próprias interrogações, na constituição de alteridades a partir das quais acabam implicando-se uns aos outros. No lugar de uma “explicação” temos uma “implicação”.

Apesar de existir uma profunda unidade entre os campos assim definidos, não se trata de “articulá-los”. A unidade, assim constituída, não consiste em conteúdos temáticos mais ou menos próximos, mas liga-se a um *estilo*, uma forma específica de lidar com os axiomas¹, ou seja, com as proposições de base, que definem cada campo.

Este *estilo implicado* de operar exige certo grau de ousadia. A ousadia necessária para produzir respostas a partir do que nos interroga de um outro lugar (campo, disciplina), expondo uma forma própria de combinar as diferentes teorias para tentar dar conta destas interrogações.

Somente assim, cada um poderá, dentro de um campo interdisciplinar, “enunciar no seu *eu* ”, como condição de sua própria enunciação, algo que lhe permita suportar estas questões articuladas na própria estrutura da linguagem e também suportar-se nela enquanto sujeito.

Dito isso, definimos o que se lerá como tendo a estrutura de uma ficção (ou de um ensaio, se preferirem). Uma travessia de leituras, através da qual um leitor se faz em suas tentativas de construir respostas as suas próprias interrogações. O processo de gestação desta metáfora teórica expressa-se concomitantemente pela travessia de um leitor em produtor de uma escrita.

Escolhemos a figura da metáfora por ser ela mesma uma construção de linguagem que propicia outras construções de linguagem – por ser geradora de “equivoco” não cola a palavra a seu significado deixando-a aberta a novas significações. Por isso, a metáfora torna-se uma forma de construção criativa que nos permite abordar as teorias de diferentes autores por meio de aproximações sucessivas – não as tomando como formas definitivas, mas numa seqüência de abordagens que as tornem mais próximas, reconhecendo relações possíveis entre elas e as constituindo numa combinatória.

Operacionalmente, nossa metáfora teórica se constituirá a partir de um ponto: a psicanálise lacaniana. É, então, deste “lugar”, que irá se articular a sua série metonímica, composta de três teorias da linguagem (que lhe são fundamentais): Saussure, Jakobson e Benveniste.²

Como nos ensina Jakobson, não há metáfora sem metonímia. Assim, nossa metáfora se constrói em seu duplo movimento metafórico e metonímico. De um lado, o procedimento metafórico nos autoriza representar estas teorias lingüísticas em sua ausência – em outro campo. Em nosso caso, o da psicanálise. Passando, assim, a atuar como presença simbólica fundamental nesse campo. Partilhando da seleção de um mesmo

¹ C.f. o Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. Lalande (1996).

paradigma – estrutural, como veremos mais adiante.³ De outro lado, as três teorias lingüísticas se encadeiam por transferência metonímica. Em cada uma delas opera-se uma virada na significação de seu conjunto próprio, em que tomamos a parte (alguns conceitos, mas não quaisquer) pelo todo (de seu sistema específico), designando assim um deslocamento. É como não-toda que cada uma (cada teoria lingüística) se faz representar em seu encadeamento. Esta função da ausência no interior da cadeia (seqüência) nos permite a transferência de determinados *significantes*⁴ de uma teoria à outra.

Os critérios de escolha das teorias – representadas, aqui, pelos nomes próprios de Saussure, de Jakobson e de Benveniste – se expressam em três princípios mais um, referenciado por outro nome próprio, externo-interno ao campo da lingüística: Jacques Lacan:

1. primeiro critério: as três teorias são, cada uma a seu modo, estruturalistas. Isso significa que a estrutura é seu conceito operador, isto é, aquele que permite pensar as proposições que estão na base de cada uma delas (seus axiomas);
2. segundo critério: as três teorias estabelecem proposições sobre o objeto língua. Trata-se, então, de perguntar quais são os axiomas sobre a língua que cada teoria teve que construir para dar conta da estrutura. Desses dois critérios deriva um terceiro;

2 Cada um desses autores será objeto específico de análise no decorrer deste trabalho.

3 Posteriormente veremos como esta própria ausência é representada pela psicanálise.

4 Tal como o define Lacan (o jogo dos significantes determina efeitos de significação). Este conceito, de significante, será abordado, em sua especificidade, no decorrer deste trabalho.

3. terceiro critério: as três teorias constituem-se em três “sistemas de linguagem” que não dissolvem o “objeto língua” para se constituírem em sua especificidade⁵ (diluindo-a em objetos de outros domínios teóricos, exteriores ao campo da linguagem – ou da lingüística – propriamente dito, tais como, por exemplo, a biologia, a psicologia, a sociologia).

Assim, podemos nomeá-los pelos três nomes próprios que os representam:

I – Sistema de Linguagem⁶ elaborado por Saussure

II – Sistema de Linguagem tratado por Jakobson

III – Sistema de Linguagem concebido por Benveniste

Falta falar ainda do quarto critério, o mais um, qual seja: a psicanálise lacaniana.

4. Quarto critério: as três teorias⁷ interessam de perto ao Sistema de Linguagem da psicanálise lacaniana. Seu nome próprio : Jacques Lacan. Inicia-se aqui o procedimento de construção de nossa metáfora teórica.

Os três sistemas têm em comum o fato de partirem do conceito de Língua e, de certa forma, permanecerem nele, para tecerem suas conceitualizações sobre a Linguagem. Destacando-se o fato de que este conceito de Língua não é um conceito qualquer. Sendo saussureano, o conceito de Língua , em seu fundamento , implica o conceito de Signo,

5 Confirmam o trabalho de Marlene Teixeira sobre a construção do objeto língua. In: Letras de Hoje , nº 116, p.31-64, junho de 1999. Porto Alegre, PUC-PGLEtras.

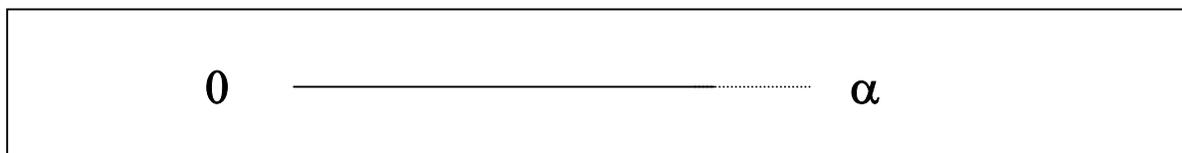
6 Passaremos a grafar com maiúscula as palavras que indicam estar elevadas ao estatuto de conceitos.

7 Excluimos Hjelmslev e sua glossemática, por motivos que serão descritos mais adiante neste trabalho. cf. 1.2 Do **corpus**.

“*Pedra de toque* da lingüística estrutural” (Flores, 1999, p.104). Esse fundamento, embora reformulado, será mantido em seu caráter paradigmático tanto por Jakobson quanto por Benveniste.

Assim, podemos dizer que, entre nossos autores de referência, a Língua é tomada como um contínuo, ou seja, como algo que se repete. Em outros termos, a Língua como objeto comum a cada um destes Sistemas de Linguagem seria, assim, representada como uma linha⁸ estendida no espaço entre dois pontos – um ponto de partida e um de chegada (situado como seu horizonte possível).

Graficamente tem-se:



[figura 1: O contínuo]

Imaginemos que esta linha – este contínuo – vá aos poucos se tensionando através da diferença interna produzida por diferentes pontos de vista lançados sobre ela – esta “língua-linha” – na tomada que lhe dá cada um de nossos autores de referência. E que a partir desta tensão vá se criando em seu interior – desta “língua-linha” – um espaço de diferença, de vazio, que representaria o não realizado em outro sistema, formando assim, o que poderíamos chamar de um “resto” que sobra da tentativa realizada pela operação de configuração específica a cada campo. Certamente teríamos nosso “vazio” inaugural, desta série, em Saussure – sua diferença sendo aquela que funda a lingüística estrutural como

⁸ Esta “linha” refere-se à idéia de um contínuo; não se trata da linearidade da cadeia da fala (referida por Saussure no *Curso*); aproxima-se da noção de “reta” da geometria projetiva, que se fecha em um ponto no infinito.

ciência ao recortar nela seu objeto Língua. Esta “diferença-Saussure” se constitui no *a posteriori* das leituras realizadas por Jakobson e por Benveniste, que situam os *Significantes* saussureanos como fundantes do paradigma estrutural da lingüística.

Saussure seria uma espécie de ponto zero (um absoluto fundante), que não contém nem a teoria de Jakobson nem a de Benveniste, assim como, por exemplo, o zero não pode conter o um (Um sistema teórico de Jakobson; Um sistema teórico de Benveniste). Saussure estaria, assim, funcionando como uma alteridade teórica radical que permite a Jakobson e a Benveniste fundarem suas próprias teorias. Cada um deles, ao tomar a palavra em relação a Saussure e ao fundar cada qual a sua teoria – o “um” singular de cada teoria – passa a nomear “o seu Saussure”, e o constitui como seu outro, como seu interlocutor privilegiado. Dessa forma, pode contar-se a partir de Saussure, constituindo-se cada qual como Um ao constituir “seu” Saussure como um outro. E, ao situar sua própria teoria através do grau de pertença que estabelece em relação à teoria de Saussure, pode integrar-se nela, assim como o **dois** pode conter o **um**. Em uma palavra: Saussure torna-se a condição de enunciação das teorias de Jakobson e de Benveniste.

Figurativamente teríamos uma Língua composta de três diferenças internas. Essas diferenças, produzidas pela negação (um é o que o outro não é no interior do Sistema), vão produzindo um tensionamento no Sistema – até atingirem seu ápice com a questão posta sobre a presença de uma teorização do Sujeito na Língua. Expressaremos metaforicamente este tensionamento evocando a imagem de uma bolha⁹ prestes a explodir.

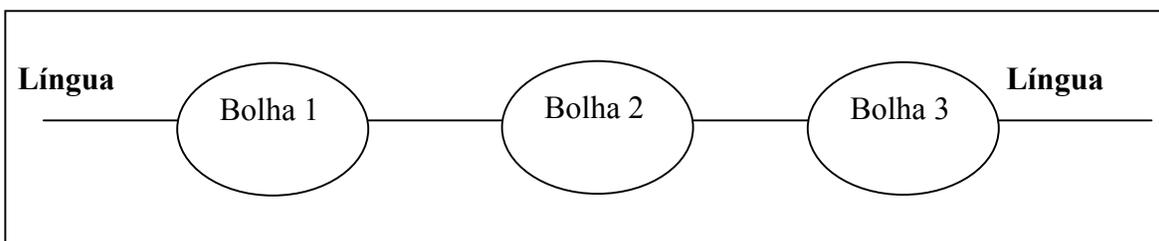
9 Nos servimos da imagem da bolha, a partir da leitura do trabalho de Aldúisio Moreira de Souza *Sobre a interpretação e a finitude da análise*, in.: *Revista Che vui ? psicanálise e cultura* n° 3/4 – 1987. Esta imagem foi cunhada, inicialmente, por Lacan no seminário *A lógica do Fantasma*.

Bolha 1: Produzida pelo tensionamento teórico de Saussure

Bolha 2: Produzida pelo tensionamento teórico de Jakobson

Bolha 3: Produzida pelo tensionamento teórico de Benveniste

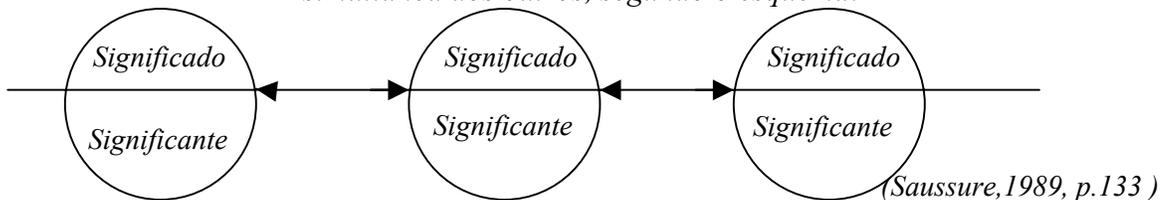
Figurativamente:



[Figura 2: Os três tensionamentos teóricos]

Esse esquema irá constituir o conceito de Língua que nos interessa. Tomado em sua totalidade, ele representará esta “Língua”, cujo sistema minimalista de Signos está representado por nossos autores de referência – cada um “vale” por sua diferença no interior do Sistema. Gesto de transposição metafórica da questão colocada por Saussure, segundo a qual os Valores emanam do Sistema. Confirmam adiante.

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea dos outros, segundo o esquema:



Os conceitos são, eles próprios, “puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por sua relação com os outros termos

que emanam do sistema” (Saussure,1989, p.136). Assim, por exemplo, o Significado de Língua terá o seu Significante saussureano, o seu Significante jakobsoniano e o seu Significante benvenistiano. Mas como estes “Signos” estão ligados uns aos outros, entre si, por pontos de contato e não de identidade, a significação deste conceito de Língua será produzida pelo jogo diferencial entre os Significantes de cada Sistema particular dentro do Sistema geral.

Resumidamente, podemos definir estas configurações como sendo as posições de base de cada Sistema. Teremos então:

I - A Língua é um Sistema de Signos – em Saussure.

II - A Língua é um Sistema de Sistemas (Hierárquico de Signos) – em Jakobson.

III - A Língua é um Sistema de Enunciação – em Benveniste.

Se tomarmos esses três Sistemas de Língua em suas diferenças, podemos tratá-los como três conjuntos, cada um contendo sua consistência teórica própria.

O que eles têm em comum ? Um traço que faz série: a Língua como lugar de fundamento para todos. E o fato de, ao abordar a Língua, apresentarem a mesma falta – ou uma falta comum: a ausência de um conceito, de uma teorização sobre o Sujeito.

Assim, definimos também o método de análise utilizado. Trata-se de um procedimento comparativo, ou seja, da “operação pela qual se reúnem dois ou mais objetos ... para lhes isolar as semelhanças ou as diferenças” (cf. Lalande, 1996). Como dito anteriormente, há um eixo comum que define estas abordagens da linguagem, que pode ser

denominado de lingüística estrutural. Tal eixo comum é condição (necessária e suficiente) do procedimento comparativo.

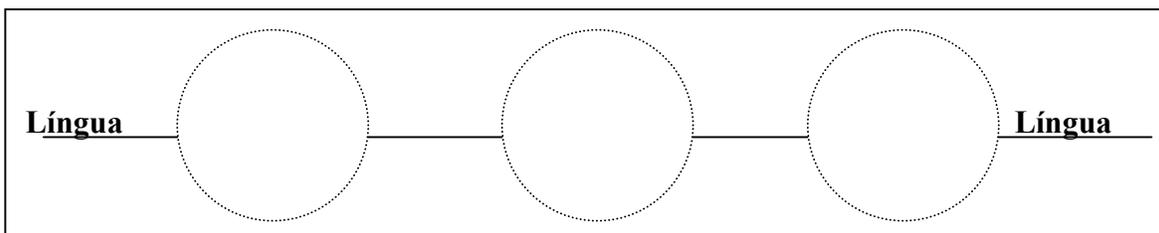
Retomando, sinteticamente: ao relacionarmos esses lingüistas, proporemos uma figuração, uma espécie de correspondente topológico para enunciar nossa metáfora teórica.¹⁰

A Língua é uma linha (um contínuo) que tem como horizonte (teórico) de suas interrogações um Sujeito. Dito de outra forma, a Língua busca um Sujeito. Mas na busca de estabelecer sua própria consistência, cada sistema constitui sua falha – a seu modo. E, ao falhar, estabelece um corte no contínuo Língua, produzindo a unidade de seu campo conceitual, sustentada pela falha (fundamental) e através da qual busca contornar o Real (impossível) que se lhe apresenta (em seus sistema). Impossível que haja “sujeito” no sistema da Língua em Saussure; impossível que haja “sujeito” que não se comunique em Jakobson; impossível que haja “sujeito” que não o da enunciação (que enuncia a partir de um lugar determinado na língua) para Benveniste.

Nessa busca, nossas bolhas explodem, e cada Sistema se separa na tentativa de recuperar o que ficou de fora, descompletando o Sistema. Processo que pode ser representado da seguinte forma:

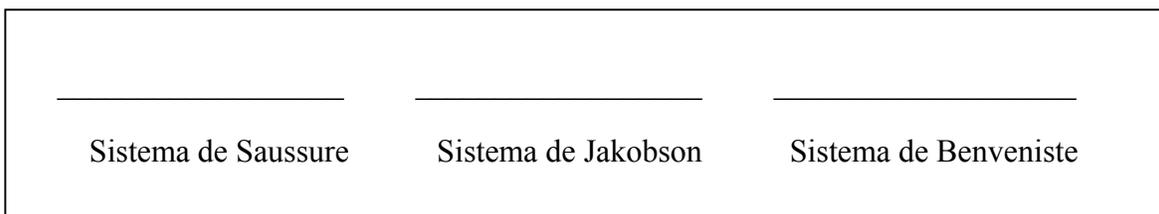
10 O objetivo de nosso trabalho não é a utilização propriamente dita da topologia, enquanto fundamento epistemológico da noção de estrutura. Convocamos estas “figuras” na função de esquemas com valor explicativo, ou mesmo didático, como utilização de construtos que possam figurar os momentos constitutivos de nossa metáfora teórica. Mesmo assim, cabe lembrar a indicação de Lacan sobre a figura topológica central de seu ensino, de que o “nó borromeano” *ele deve ser usado bestamente*, ou seja, sem que se dê muita importância a seu estatuto epistemológico (Cf. Granon-Lafont, 1990).

1ª variação¹¹: as Bolhas explodem.



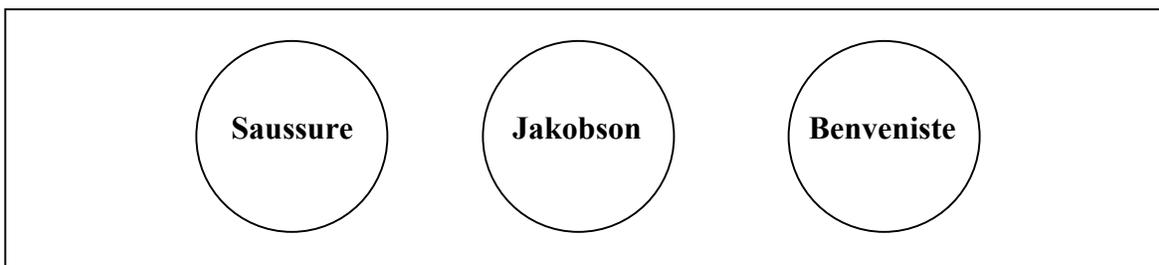
[Figura 3: A explosão das bolhas]

2ª variação: os três sistemas teóricos, ao explodirem, se desencaixam, em relação à forma de refratar o Sujeito, produzindo um vazio entre eles:



[Figura 4: Os desencaixes]

3ª variação: ao constituírem-se separadamente formam três consistências, que apresentam uma falta comum : nenhuma consegue introduzir o Sujeito na Língua. Cada linha retorna a seu ponto de partida, tornando-se um círculo.



[Figura 5: Os três círculos]

¹¹ Usamos a expressão “variação” buscando evocar a forma musical em que a melodia obedece o princípio de “mudar, em cada repetição, um ou alguns de seus elementos constitutivos (ritmo, compasso, etc.)” para permitir ao ouvinte reconhecer o tema original. Cf. Aurélio (1986, p.1754), ou seja, a estrutura permanece.

O ponto de chegada de cada Sistema se fecha ao tocar refratariamente o Sujeito – como o escaravelho se fecha ao nosso toque – e sobrepõe-se a seu ponto de partida, consistindo, dessa forma, o Um de seu conjunto ao deixar fora o Sujeito, no espaço da exterioridade teórica. Fecham-se os campos teóricos buscando sua coerência interna.

Como dissemos, cada Sistema, a seu modo, deixa fora o Sujeito. Assim, em Saussure o Sujeito está foracluído¹² pelo gesto da ciência – só há lugar para a língua (que produz as relações de sentido através de um jogo interno de pura diferença).

Em Jakobson, desenha-se a figura de um ser falante que encontra em seu interlocutor a miragem de sua própria completude, cuja garantia é sustentada pelo ideal de comunicação. A dimensão de eficácia desse mito é mantida pelos rituais de exorcismo de toda a possibilidade da presença de qualquer ruído que possa vir a colocar em perigo a pureza deste universo comunicacional. Talvez seu horizonte fantasmático vise à transparência do sentido elevada à condição da telepatia.

Em Benveniste, a Língua, enquanto pura virtualidade, transforma-se em discurso quando um “sujeito” dela se apropria através *de um ato individual de utilização* (Benveniste, 1989) a partir do qual a língua se semantiza. Seria possível, então, encontrarmos uma teorização do Sujeito em Benveniste, pensada na relação que o locutor

12 O termo foraclusão foi utilizado por Lacan para designar um mecanismo específico da psicose: *rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito* (Roudinesco e Plon, 1998, p.245). No discurso jurídico o adjetivo foraclusivo significa a exclusão do uso de um direito não exercido no momento oportuno. Na lingüística foi definido por Pichon, em 1928, *para expressar a idéia de que o segundo membro da negação em francês aplicava-se a fatos que o locutor já não encarava como fazendo parte da realidade* (Roudinesco e Plon, 1998, p.245). Em nosso caso podemos dizer, simplesmente, que um sujeito não pode ser atribuído à estrutura, estando dela foracluído. Ele não está presente pela ausência, como na negação ou mesmo na denegação. Ele está excluído da estrutura.

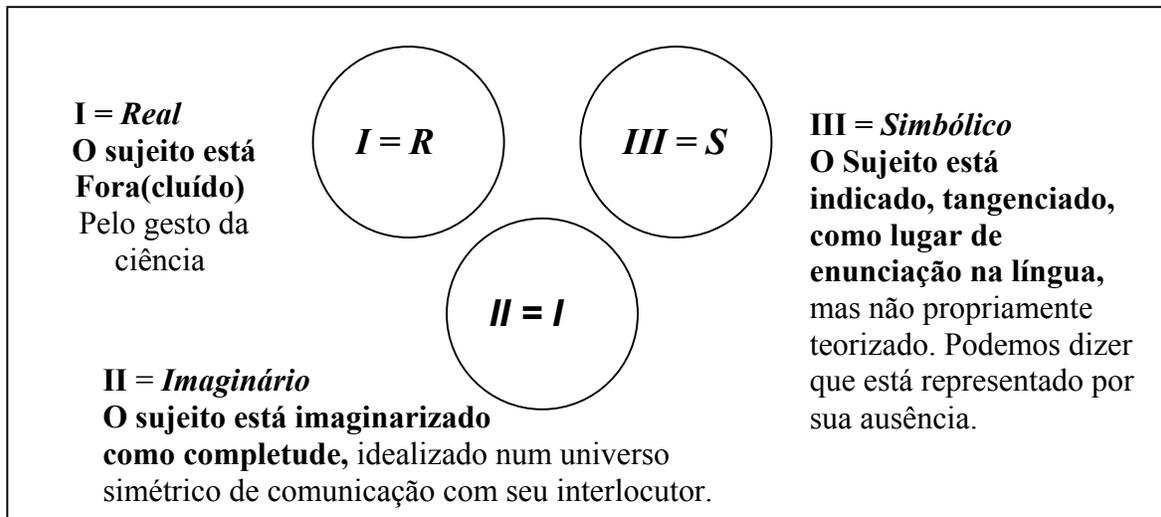
estabelece com a Língua e relacionada a uma teoria do sentido. Mas esta teoria não está realizada pelo autor. Encontramos nela, a indicação de um Sujeito, como lugar de enunciação na própria Língua, interno e externo a esta, mas em nenhum momento encontramos a formulação do conceito de “sujeito da enunciação”. De forma geral, seu Sujeito limita-se aquele “sujeito” que enuncia em uma dada Língua e numa dada situação de discurso.

Por isso, concordamos com Flores (2001) quando diz que,

A lingüística da enunciação toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-se ao processo de sua produção: ao sujeito, tempo e espaço. A lingüística da enunciação deve centrar-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas (Flores, 2001, p. 59).¹³

Altera-se, assim, nosso esquema anterior. Nossos autores de referência deixam de ocupar a mesma posição na seqüência diacrônica. Sendo a “falta de sujeito” tratada diferentemente por cada um deles, cada conjunto deve passar a ser representado em sua verticalidade, assumindo a posição sincrônica de seu próprio sistema. A forma como cada sistema está estruturado tem seu correlato topológico na figura laciana do nó borromeu, isto é, três dimensões – Real, Simbólico e Imaginário – representadas por três círculos anolados. Assim, em cada sistema teremos três dimensões, das quais ressaltaremos sua respectiva predominante. Como vemos, abaixo, na *figura 6*:

13 Estas definições nos bastarão, como indicação geral do posicionamento de nossos três autores, neste momento. Posteriormente dedicaremos uma sessão a cada uma destas abordagens do sistema da língua.



[Figura 6: As três consistências]

Lê-se:

I – Consistência do campo Saussureano (Saussure do *Curso*¹⁴) – sua consistência se constitui pelo procedimento de exclusão do sujeito de seu campo. Propomos para este campo o adjetivo nominal “Real”,¹⁵ destacando o predomínio, no sistema saussureano, da dimensão do Real sobre as demais dimensões do Imaginário e do Simbólico.

II – Consistência do campo Jakobsoniano (Jakobson da *Comunicação*¹⁶) – sua consistência se constitui pelo procedimento de simetrização imaginária entre locutor e ouvinte. Propomos para este campo o adjetivo nominal “Imaginário”, destacando o

14 É Saussure do *Curso* porque exclui o dos Anagramas e o do Indo-europeu.

15 Lacan utilizou amplamente a figura topológica do *nó borromeano* de três anéis, atribuindo a cada anel uma dimensão, que nomeou de Real, Simbólico e Imaginário. Esta relação a três define a estrutura do sujeito falante. Segundo Souza (2003) o nó “respeita integralmente a preocupação lacaniana do caráter adjetivos nominais das dimensões do Real, Simbólico e Imaginário (...) Se não os consideramos como dimensões adjetivas as fazemos substantivas, de forma que haveria então um real, um simbólico e um imaginário” (Souza 2003, p. 26 - 27) quando se tratam de três nomes para um mesmo ser (sujeito). Encontramos uma excelente comparação deste sujeito trinitário lacaniano com o mistério da Santíssima Trindade em Dufour (2000).

predomínio, no sistema jakobsoniano, da dimensão do Imaginário, sobre as demais dimensões do Real e do Simbólico.

III – Consistência do campo Benvenisteano (Benveniste do *Aparelho formal da enunciação*¹⁷) – sua consistência se constitui pelo procedimento de constituição de um *aparelho formal da enunciação* na língua, que indica um lugar (simbólico) para o sujeito enunciar na língua. Propomos para este campo o adjetivo nominal “Simbólico”, destacando o predomínio, no sistema benvenisteano, da dimensão do Simbólico, sobre as demais dimensões do Real e do Imaginário.

Em resumo, se por um lado, as duas primeiras variações representam, respectivamente, um desencaixe em relação à forma de abordagem do sujeito (1ª variação) e um retorno na forma de constituição dos três campos (2ª variação) , por outro lado, podemos pensar em uma terceira variação, qual seja, aquela que relaciona as duas anteriores – o procedimento é modificado: não se trata mais de encaixar e desencaixar os sistemas, mas de sobrepô-los.

Assim, a terceira variação é aquela que nos permite sobrepor as três consistências presentes na *figura 6*.

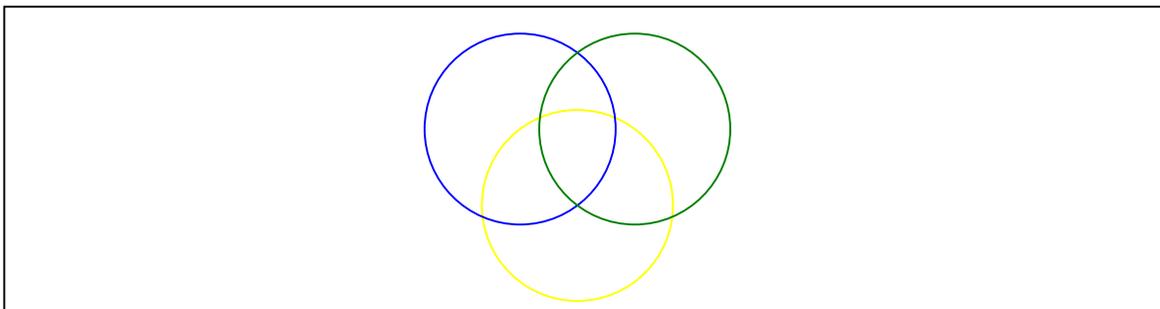
Essas três maneiras de recortar a Língua para constituir seu conjunto teórico próprio não podem ainda ser anuladas – pois apresentam-se fechadas em suas próprias

16 É Jakobson da *Comunicação* porque exclui o da fonologia, o da antropologia, o das afasias...

17 É Benveniste do *Aparelho formal da enunciação* porque exclui o do Indo-europeu, o da sintaxe, o da lingüística geral ...

consistências teóricas – mas apenas sobrepostas, denotando espaços de similaridade ou de co-pertencimento do lugar dado por cada uma ao conceito de Língua.

Assim, temos a *figura 7*, abaixo, a partir da *figura 6*.



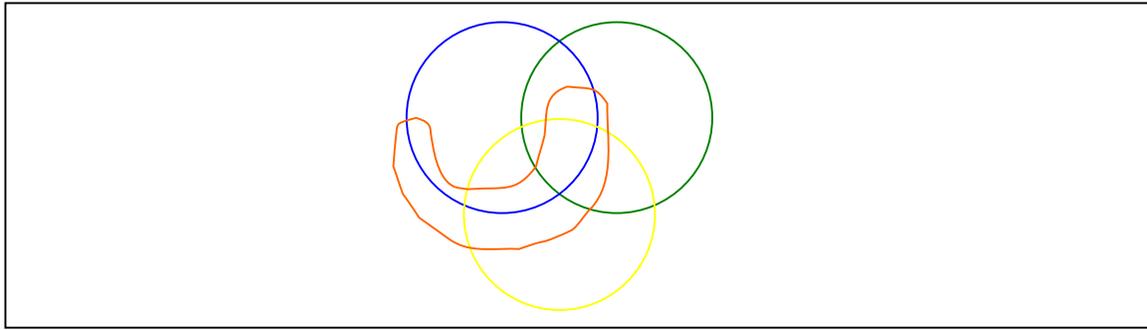
[Figura 7: A sobreposição]

Trata-se, agora, de tentar ultrapassar estas supostas interseções, para, então, passarmos a re-criar novas relações (de estrutura) entre os termos. Um novo procedimento. Eis porque é necessário uma variação a mais.

4ª variação : a consistência de amarragem das anteriores.

Para colocar em relação cada um dos três conjuntos, seria necessário abrir um furo em cada uma de suas três consistências, produzindo nelas um buraco que indique o lugar da falta – a exclusão interna do conceito de Sujeito. Por esses furos passaria nossa 4ª consistência, e assim poderíamos teorizar o conceito faltante: o Sujeito.

Esta teorização sobre o conceito de Sujeito iremos encontrá-la somente na psicanálise lacaniana. Neste caso, propomos tomar o campo da psicanálise lacaniana como nossa quarta consistência, que tem a função de amarramento das anteriores.



[Figura 8: A consistência de amarragem]

Este 4º campo teórico (da psicanálise) transfere para os outros três, por extensão ou contágio, as características de sua própria consistência. Fazendo com que os conjuntos anteriores, apenas sobrepostos, passem a estabelecer uma relação entre eles, sem perderem cada qual sua consistência própria.

Através do procedimento de anolamento, estabelecido pelo campo da psicanálise, atribui-se à relação sua propriedade borromeana. Ou seja, “uma cadeia borromeana é uma cadeia tal que, se cortarmos qualquer um dos seus anéis, todos se desligam” (Granon-Lafont, 1990, p. 127)

Chegamos, assim, ao conceito de Língua que passa a ser um objeto definido pela ausência. É , portanto, no *a posteriori*, que se constitui nosso campo de análise, conforme indica a *figura* abaixo:

Teoria de Saussure (T. Jakobson (T. Benveniste (T. Saussure – T. Lacan)))

[Figura 9: O par ordenado]

A leitura que propomos da *figura 9* é a de considerar que, a partir de Lacan, uma nova cadeia simbólica se estabelece. O funcionamento por retroação introduz o conceito de sujeito, que estava excluído internamente, quando, então, torna-se possível uma relação estruturada, tal como a do par ordenado da teoria dos conjuntos. Estabelecendo, assim, a forma específica de relação entre os conjuntos, como nos indica Marc Darmont (1994):

Sendo dados dois conjuntos a e b , o conjunto $\{ \{a\}, \{a,b\} \}$ é um par ordenado. Nesta recordação elementar da teoria dos conjuntos, vemos que o par ordenado relaciona um dos conjuntos a não com o outro conjunto b , mas com a relação entre o primeiro e o segundo, sendo esta própria relação um conjunto (cf. Darmont, 1994).

Assim como em nosso esquema: $\mathbf{a (a (a (a , b))))}$

Trata-se, aqui, da própria relação de diferença, enquanto conjunto, que é tomada como um Significante.

Dessa forma, nosso esforço analítico será o de produzir a passagem entre os Sistemas da Língua do *sujeito* primeiro tomado *como impossível* (de estar na Língua), depois *como unívoco* (enquanto um lugar definido *a priori* na Língua) e finalmente *como equívoco* (produto de um trabalho de reelaborações na busca de novos Significantes que revitalizem o uso da Língua). Assim, produzimos nossa montagem através dos sucessivos re-encaixes da Língua em busca de um Sujeito. Vamos “gestando” nossa metáfora para que seja expressiva da condição de um Sujeito na Língua. Metáfora dos lugares de produção das metamorfoses no “corpo” da Língua, que indicam a “gestação” de um Sujeito.

Antes de passarmos às abordagens das teorias propriamente ditas, algumas palavras sobre a justificativa deste estudo e seu corpus de análise.

1.2 Justificativa deste Estudo¹⁸

Este trabalho justifica-se em duas direções que estão diretamente relacionadas. Uma delas é teórica e outra é prática. Ambas estão ligadas à minha trajetória de pesquisa no curso de letras da UFRGS, no projeto de pesquisa intitulado *Linguística e o sintoma na linguagem: a instância da falha na fala*¹⁹. A partir da interlocução estabelecida neste grupo de pesquisa, tenho refletido sobre a posição da psicanálise, enquanto um campo de saber definido por suas proposições específicas, em relação à abordagem interdisciplinar do sintoma da / na fala.

Estas reflexões me levaram a desenvolver algumas idéias sobre a noção de *falta*, oriunda da psicanálise lacaniana, que acabou caracterizando-se como uma noção chave para articular as interrogações interdisciplinares entabuladas no projeto em questão. Por uma

18 Este item será escrito na primeira pessoa, já que se trata de expor as razões de uma escolha.

19 Este projeto está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação do professor Dr. Valdir do Nascimento Flores. Trata-se de um projeto interinstitucional, com apoio do C.N.P.Q., envolvendo membros docentes e discentes do PPG-Letras da UFRGS, docentes do curso de Fonoaudiologia do IPA/IMEC, docentes da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). São pesquisadores membros do grupo: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores; profa. Fabiana de Oliveira; prof. Jefferson Lopes Cardoso; prof. João Fernando de Moraes Trois; profa. Luiza Milano Surreaux; e, como bolsista de iniciação científica, Tanara Zingano Kuhn. A pesquisa trata de uma reflexão interdisciplinar sobre o estatuto da linguagem nos campos da psicanálise, da linguística e

limitação temporal, foi impondo-se, no âmbito da pesquisa, a necessidade de fazermos a economia de uma série de mediações que seriam necessárias a uma abordagem propriamente conceitual. No tocante as contribuições esperadas do campo psicanalítico, tratava-se de tecer elaborações sobre o conceito de falta que permitisse considerar as relações sobre: a língua, a articulação do sujeito na língua e o lugar do sintoma. Estes três pontos–questões apresentavam um traço comum, que os unificava: a relação de entrelaçamento da clínica e da linguagem. Esta idéia de unidade, foi a que me permitiu articular o ponto – onde entrelaçar o nó – da interdisciplinariedade, que resumo da seguinte forma ²⁰:

Percebemos, então, que apesar de existir uma profunda unidade entre os campos assim definidos, não se trata de “articulá-los”. Nem a lingüística à fonoaudiologia ou à psicanálise e vice-versa. A unidade, assim constituída, não consiste em conteúdos temáticos mais ou menos próximos, mas liga-se a um estilo, uma forma específica de lidar com os axiomas, ou seja, com as proposições de base, que definem cada campo (cf. Trois, 2003).

Essa idéia de implicação entre os campos torna-se fundamental para estabelecer a forma de interlocução interdisciplinar. Assim, por exemplo, esse projeto de pesquisa, ao

da fonoaudiologia, visando constituir operadores epistemológicos e conceituais eficazes às práticas clínicas que tenham a linguagem como fundamento de sua práxis.

20 Extraído do trabalho que integrou a mesa redonda intitulada Lingüística e o Sintoma da/na fala na aquisição desviante da linguagem (Encontro Nacional de Aquisição de Linguagem 2003 – PUCRS) coordenada pelo professor Valdir do Nascimento Flores. Esta mesa redonda teve como objetivo abordar, desde o lugar da lingüística fundada a partir de F. De Saussure, o sintoma da/na fala no processo de aquisição desviante da linguagem. Os trabalhos que integraram a mesa foram divididos em quatro momentos: iniciando com uma reflexão sobre os aspectos da linguagem, teorizados por uma lingüística tributária do pensamento saussureano, seguiu-se uma discussão a respeito da estruturação subjetiva e sua determinação pela linguagem, assim como sobre os aspectos referentes a denominação do sintoma na fala, tendo como fecho o estabelecimento de algumas considerações, daí decorrentes, sobre a clínica fonoaudiológica, que passamos a denominar como clínica de linguagem.

constatar e acolher as múltiplas demandas que são endereçadas à lingüística, advindas de diferentes clínicas nas quais a linguagem está implicada, toma posição nesta relação trazendo a discussão para dentro de seu campo enunciando como a lingüística implica-se nessa relação.

Nesse sentido, as reflexões teóricas que focalizam as relações entre os conceitos da lingüística e da psicanálise podem contribuir grandemente sobre as questões epistemológicas e metateóricas que surgem do debate interdisciplinar.

Este trabalho realiza-se no que puder incluir sua modesta contribuição neste debate.

1.3 Do Corpus

Utilizaremos como *corpus* de análise as próprias teorias lingüísticas e psicanalíticas indicadas na introdução deste trabalho. Sendo assim, nosso procedimento analítico pode ser qualificado como metateórico. A seleção dos autores tratados partilham do paradigma estrutural voltados ao conceito central de Língua formulado a partir de seu Sistema interno (Saussure), de seu funcionamento paradigmático e sintagmático, enfatizando-se sua dinâmica enquanto um Sistema de sistemas (Jakobson) ou enquanto contendo em si mesma um *Aparelho formal de enunciação* (Benveniste). Além desses autores, pertence ao *corpus* a teoria psicanalítica de Jacques Lacan, com ênfase na conceitualização sobre a presença de um *sujeito do desejo inconsciente* na linguagem. A relação entre tais teorias deverá

servir de suporte de leitura à interlocução estabelecida no campo interdisciplinar sobre a presença da linguagem nas diferentes clínicas.

Poderiam nos perguntar por que Hjelmslev não consta de nossa lista, já que contemplaria os três princípios de escolha, enunciados anteriormente. Ora, a importância da obra de Hjelmslev para Lacan pode ser medida pelo esforço realizado, por este último, para apagar a referência dos possíveis rastros deixados em suas elaborações teóricas. Reconhecemos que Hjelmslev é uma presença que não pode ser tangenciada – no mínimo pela importância de sua interpretação matematizada de Saussure, que contribuiu para separar metodologicamente o objeto construído (o que se estuda é a Língua) do fato em si (de sua realidade). Mas também reconhecemos que as dimensões que restringem o nosso trabalho não permitem o aporte de uma teoria como a de Hjelmslev. Dentre as poucas referências diretas de Lacan à Hjelmslev, destacamos seu texto *Ciência e Verdade* (Escritos, 1988 , p.834) quando ele estabelece uma diferença entre as teorias de Hjelmslev, Chomsky e Jakobson. De qualquer forma, a referência a Hjelmslev se dará de forma muito mais invisível em Lacan, através do modo como ambos olham a língua: pelo Significante em Lacan e pela pura Forma em Hjelmslev. Desse ponto de vista , é a teoria lógica do Significante em Lacan que estaria em dívida com Hjelmslev.

Dito isso, passemos ao nosso primeiro capítulo: os sistemas da língua.

2. OS SISTEMAS DA LÍNGUA.

A interpretação, emiti, não é interpolação de sentido mas jogo sobre o equívoco. Eis porque, coloquei o acento sobre o significante na língua” (Lacan , A terceira).

Tomemos inicialmente, sem maiores pretensões, um conceito, advindo da psicanálise lacaniana, para referenciar nossa abordagem da linguagem e que sirva de elemento organizador de nossa apresentação: o **significante**. Por enquanto uma espécie de significante flutuante²¹ entre a lingüística e a psicanálise. Conceito articulador, então, que permitirá construir aos poucos nossa metáfora teórica, não sem antes passarmos por uma série de deslizamentos metonímicos que, esperamos, nos levem a uma ancoragem teórica satisfatória.

²¹ A idéia de um significante flutuante foi trabalhada por Lévi-Strauss em sua *Introdução à obra de Marcel Mauss* (1950) ao se referir à defasagem intransponível entre os sistemas simbólicos, originada da cisão entre o significante e o significado que se confunde com a origem do sistema simbólico primário, pressuposto de todos os outros, que é a linguagem. Apenas indicamos a referência. Abordá-la implicaria entrarmos no complexo de idéias que orientam o pensamento de Lévi-Strauss. Síntese simbólica que foge de nosso atual propósito.

Iniciemos com a palavra de Lacan (Escritos 1, 1989²²) para, a partir de seu discurso, definirmos o campo e a função da linguagem que buscamos.

Quando os Devas, os homens e os Asuras, lemos no primeiro Brâhmana da quinta lição do Bhrad-âranyaka Upanishad, terminavam seu noviciato com Prajapâti, eles lhe fizeram essa súplica: “Fala-nos”.

“Da” , disse Prajapâti, o deus do trovão. “Haveis-me ouvido?”. E os Devas responderam Tu disseste: “Damyata, domai-vos” - querendo o texto sagrado dizer que as potências superiores submetam-se à lei da palavra.

“Da” , disse Prajapâti, o deus do trovão. “Haveis-me ouvido?”. E os homens responderam: “Datta, daí” – querendo o texto sagrado dizer que os homens se reconhecem pelo dom da palavra.

“Da” , disse Prajapâti, o deus do trovão. “Haveis-me ouvido?”. E os Asuras responderam: “Tu nos disseste: Dayadhvam perdoai” – querendo o texto sagrado dizer que as potências inferiores ressoam à invocação da palavra.

Então ai, a voz divina faz-se ouvir no trovão: Submissão, dom, perdão. Da, Da, Da. Pois Prajapâti a todos responde: “Vós me ouvistes ?”(Escritos 1, p.310).²³

Na definição de Lacan, um Significante é o que representa um Sujeito para outro Significante. Ele em si mesmo nada significa. Assim, propomos tratar o conceito de Língua como um Significante fundamental:

22 A tradução, de nossa inteira responsabilidade, foi realizada diretamente da edição em espanhol dos Escritos de Jacques Lacan, em dois volumes com tradução de Tomás Segovia , do original em Francês, revisada com a colaboração do autor e de Juan David Nasio.

23 Nos inspiramos na leitura realizada por Alduísio de Souza (2003), deste recorte do texto de Lacan, cujo visor clínico destaca o posicionamento dos significantes em relação ao auditor. “Da: foi escutado como Damyata pelos Devas. Da: foi escutado como Datta pelos Homens. Da: foi escutado como Dayadhvam pelos Assuras. **Submissão** à lei da palavra; **dom** da palavra e **invocação** da palavra. Domai-vos , daí e perdoai (Cf. Souza, 2003, p.8).

a) / Língua /²⁴ que foi “escutada” por Saussure como um Sistema de Signos;

b) / Língua / que foi “escutada” por Jakobson como um Sistema (hierárquico) de Sistemas de Signos;

c) / Língua / que foi “escutado” por Benveniste como um Sistema (que chamou de *aparelho formal*) de enunciação.

Eis o Significante / Língua / como aquele que vai representar o seu “sujeito-que-escuta”²⁵ enquanto efeito de um outro Significante em concordância com um saber que lhe é próprio. Cada um produzirá um fazer diferenciado com a Língua. Seu paradoxo: para um, o Sujeito estará foracluído; para outro, o Sujeito será suposto em sua consistência; ou ainda, o Sujeito mesmo tendo um lugar, meio órfão, aguarda por ser nomeado.

O Significante / Língua /, sendo o que se repete, é o que faz série e que estabelece sua diferença ao se repetir. Séries distintas, mas também complementares.

A primeira série é a de Saussure – é a que estabelece o gesto da ciência e recorta a Língua como uma totalidade. Saussure estabelece o Um, cuja frase poderia muito bem ser enunciada pela paráfrase de Lacan: Na Língua há o Um. Aqui o Sujeito está fora (cluido).

Destaca-se a dimensão do Real.

24 Usaremos a notação com barras para / língua / indicando que se trata do significante língua.

25 Este neologismo composto – “sujeito-que-escuta” – objetiva demarcar uma diferença entre ouvir e escutar. Para a psicanálise escuta-se a partir do que se ouve. O analista escuta a partir de uma leitura da estrutura discursiva do analisante, onde é convocado como interpretante, implicando-se com um ponto discreto das condições de enunciação de seu analisante.

A segunda série será a de Jakobson – é a que destaca a forma de abordagem da Língua em sua dinâmica, como fundada em seu próprio movimento metafórico e metonímico. Aqui o Sujeito será um suposto comunicacional. ***Destaca-se a dimensão de sua consistência no Imaginário.***

A terceira série deduz-se de Benveniste – é a que define na Língua a existência de um *aparelho formal de enunciação*. Seu Sujeito está definido como um lugar a partir do qual pode vir a enunciar-se na Língua. Mas este sujeito, em si mesmo, ainda não tem um estatuto teórico próprio. Desenha-se um lugar para ele, ainda não nomeado. ***Destaca-se nesta ausência definida por um lugar a dimensão do Simbólico.***²⁶

Para se fazer representar, este “sujeito” que cai, que é sempre a mais ou a menos, que é como um resto (em excesso), põe em movimento uma série metonímica, em busca da constituição de nossa metáfora teórica.

Teremos que esperar Lacan para considerá-lo como Sujeito nesta exceção. Aquela pela qual um conjunto funda-se como tal. A Língua sendo necessária mas nunca suficiente para expressão do desejo, que somente se mostra pelo equívoco. *A verdade é não-toda.*

Em uma palavra, teremos em Lacan um ponto de convergência desses sistemas, ao modo de uma “casa vazia” onde as vozes desses pensamentos lingüísticos podem vir falar.

26 Aqui estabelecemos um paralelo com a trilogia R.S.I. . Torna-se difícil apresentá-la de forma resumida pois é retomada por Lacan durante toda sua obra. De modo geral, poderíamos definir assim: o **Real** implica em uma impossibilidade de significação que interroga radicalmente o sujeito ; o **Simbólico** possibilita as condições de nomeação que sustenta o lugar de onde o sujeito vai enunciar; o **Imaginário** é o corpo da / na representação, que sustenta nossa consistência *egóica* frente ao outro a quem nos dirigimos. São três registros inseparáveis e podem ser tomados como sendo três dimensões da linguagem: impossível (R) , unívoco (I), equívoco (S). Do ponto de

Como nos indica poeticamente Robert Dufour, nas palavras que finalizam seu livro *O Espelho Sofiânico de Bohème*:

... para mim, o imenso interesse de Lacan não reside, pois, nem um pouco, no estabelecimento de um texto monológico que jamais existiu como tal e nenhuma repetição litúrgica desse texto, mas no fato de que Lacan é um desses lugares excepcionais onde grandes vozes da cultura em geral, depois as grandes vozes deste século agora terminado, se encontram para produzir afastamentos, efeitos de sentido, resultados inesperados. Em resumo, não posso ler Lacan sem me dizer que Lacan era um lugar, uma espécie de “casa vazia”, para retomar uma das metáforas preferidas dos estruturalistas, onde todas as vozes de pensamento em ação podiam vir falar – filosofia, literatura, poética, lingüística, teologia, matemática, topologia ...

Tendo chegado a este ponto, parece-me possível conjecturar que se o sujeito do ato fundador do lacanismo, Lacan (o nome próprio), é um sujeito que, no ato, não está, é muito provavelmente porque muitos outros nele estão entre os quais Boéhme.

Ainda as voltas com estas questões, eu explicava há pouco a um amigo lacaniano que, quando leio Lacan, nele ouço, mesmo não nomeadas, muitas vozes e autores diferentes e esse amigo me diz então: “Sim o próprio Lacan talvez não soubesse, mas eles estão ali mesmo”.

Depois nos calamos, tempo de perceber o que a homofonia proclamava: “eles são Lacan mesmo”(Dufour, 1999, p.58-59).²⁷

Isso dito passemos a tratar o sistema de linguagem de Saussure.

vista existencial teríamos as três paixões humanas: amor (S), ódio (I) e ignorância (R) (Cf. Santo Agostinho, *De Trinitate* e São Tomas, *Trinité*). Confirmam em Souza (2003).

2.1 O Sistema de Linguagem de Saussure

(...) toda lingüística é por definição saussureana (Milner,1987, p.32).

(...) Saussure pertence para sempre à história do pensamento europeu. (Benveniste. PLG 1, p.49).²⁸

Retomemos os três critérios básicos de nossa análise sobre as três teorias lingüísticas convocadas neste trabalho. Primeiro: as três teorias são estruturalistas. Segundo: as três teorias estabelecem suas proposições sobre o objeto língua. Terceiro: as três teorias constituem-se em três “sistemas de linguagem” que não englobam nem diluem o “objeto língua” para se constituírem em sua especificidade. Posteriormente, incluiremos um quarto critério (negativo), sobre a presença de uma ausência do sujeito nessas teorias.

Vejamos como os três primeiros critérios se aplicam a Saussure.

Dizer que a teoria de Saussure é estruturalista, não é mais do que afirmar que a estrutura é o conceito operador de seu pensamento. A estrutura enquanto um operador põe em funcionamento um “dispositivo que contém um modo de decisão” (Dufourt, 2000). Este

²⁷ A homofonia se dá em francês: ils sont là quand même. Desdobramento proposto pelo psicanalista Alduísio Moreira de Souza: eles estão aí mesmo assim ; eles estão aí mesmo; eles são o próprio Lacan (Souza, 2003, p. 99).

²⁸ Passaremos a grafar PLG 1 ou PLG 2 para nos referirmos aos dois volumes de *Problemas de Lingüística Geral* de Benveniste.

processo de decisão da estrutura se traduz na seguinte formulação: **se** a relação diferencial (entre seus elementos) é positiva **então** tal decisão será tomada.²⁹ Tem-se que:

A originalidade do estruturalismo é definida pelo funcionamento específico de seu operador particular, isto é, pelo tipo de decisões que ele produz (Dufour, 2000, p.34).

As outras duas questões, quais sejam, debruçar-se sobre o objeto língua e não diluí-lo em seu sistema teórico, tornam-se uma redundância, tratando-se de Saussure – fundador do método estrutural em lingüística.

Sobre o que vai operar a estrutura em Saussure ? Sobre a Língua. Mais especificamente sobre como Saussure define a Língua, ou seja, sobre seus axiomas – proposições de base do objeto Língua (que não requerem ser demonstradas, apenas apresentadas).

Este axioma apresenta-se na seguinte proposição sobre o objeto: *A Língua é um Sistema de Signos.*

O modo de pensamento saussureano deve ser definido, então, pela ação da estrutura sobre o axioma (Estrutura / A língua é um Sistema de Signos). Tudo o que derivar daí serão formas explicativas da ação do operador (estrutura) sobre o axioma (proposição de base sobre o objeto Língua), resultando na construção da teoria saussureana. Assim, os critérios da estrutura tomam uma configuração bastante singular, em Saussure.

²⁹ É a relação que se positiva e não seus elementos que se constituem por relações diferenciais negativas. O que não nos impede de inverter a questão: **Se** a relação diferencial é negativa **então** ... mantendo o essencial.

A estrutura da língua é eminentemente simbólica (não pode não significar) ; o sentido procede sempre do interior do Sistema da Língua; cada Signo (elemento da estrutura) é determinado pela relação diferencial que estabelece com os demais (no interior do Sistema da Língua) ; o Sistema de Signos da Língua é virtual (potencialmente presente) e realiza a estrutura da Língua ao se atualizar através de certas relações diferenciais entre si; os Signos são entidades de dupla face (significante / significado) que se organizam em séries paradigmáticas e sintagmáticas, que, por sua vez, podem deslocar-se de forma metafórica (uma sobre a outra) ou metonímica (no interior da série); todos estes critérios são organizados pela noção de Valor, que operacionaliza as trocas responsáveis pela produção da significação, no interior do Sistema da Língua. A estes critérios soma-se aquele do Sujeito, na forma de um elemento irreduzível ao sistema “o qual se define por faltar em seu lugar” (Cf. Dufourt, 2000, p. 30). Mas, quando chegarmos aí, o operador não será mais propriamente a estrutura e, sim, a noção de falta que a estrutura necessariamente deve comportar para incluir um Sujeito.

Por enquanto, a Língua será esta totalidade (este conjunto) na qual seus elementos (os Signos) se definirão através das relações diferenciais que mantêm entre si; onde as palavras, longe de significarem as coisas (na forma de uma nomenclatura) significam-se pelo jogo diferencial que estabelecem entre si no interior deste Sistema da Língua. Daí deduz-se que nenhum elemento existe sozinho, pois sua função dependerá de posição relacional que ocupe em relação aos outros elementos pertencentes a este mesmo conjunto. A preponderância da “relação” sobre os termos torna-se a propriedade estrutural fundamental. Essa metodologia de trabalho será decisiva para a Fonologia de Jakobson

que, num primeiro momento, definirá os fonemas por suas relações diferenciais no interior de uma determinada língua.³⁰

Passemos agora a tratar dos conceitos isolados pelo Sistema de Linguagem de Saussure. Não se trata, aqui, de buscarmos a genealogia do *Curso de Lingüística Geral*³¹, mas de sublinhar que o gesto inventivo que instalou a lingüística deste século foi a publicação do *CLG* – o *Curso* funda a lingüística. Apesar da insatisfação de Saussure com a lingüística da época em que trabalhava; apesar das anotações que constam no *CLG* não representarem a totalidade do pensamento saussureano, por inúmeras controvérsias teóricas e conceituais que refletem a impossibilidade de trazer a palavra de Saussure para a escrita do *CLG*; apesar de tudo isto, nada o impediu de tornar-se o ponto de referência para a criação da lingüística contemporânea.

Passemos às suas referências sincrônicas e conceituais.

Saussure não chegou a criar um campo teórico novo. Assim como todos os cientistas de sua época, ele tenta dar conta da composição de seu método e de seu objeto de análise em termos de regularidade e de repetição. Iniciou trabalhando com uma tríade de conceitos: linguagem, língua e fala. A definição de um implicando necessariamente a definição de outro. Por exemplo, quando Saussure afirma que a Língua é um Sistema de

30 Trataremos, no próximo item deste trabalho, de algumas das contribuições lingüísticas de Jakobson – que destacam a relação dialética existente entre som e sentido – fundamentais para a crítica literária e para a nova poesia russa. Como, por exemplo, ao teorizar que “toda similaridade aparente no som é avaliada em termos de similaridade e/ou dissimilaridade no sentido” (Jakobson), segundo nos diz Haroldo de Campos em *O poeta da lingüística* (1970). Os aspectos metafóricos e metonímicos da linguagem, assim como o destaque para sua função poética, voltada à dimensão do sensível presente na mensagem, demonstram sua leitura criativa de Saussure e lhe permitirão formular o que denominamos, para nossos fins, seu próprio sistema de linguagem.

31 Daqui para frente grafado *CLG*.

Signos, “(...) vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas” (Saussure, 1975, p. 18) , nesse enunciado estão implicadas as definições do que seja Sistema e do que seja Signo. O Signo, por sua vez, é composto de uma imagem acústica associada a um conceito – posteriormente, tratados como Significante e Significado enquanto “organizadores” ou “discriminantes” da substância comunicada e da substância comunicante, no interior do Sistema formal da Língua.³²

Os conceitos do texto de Saussure são todos tecidos desse mesmo tipo de costura. Mas o capítulo que realmente nos interessa destacar, num primeiro momento, é o terceiro capítulo da introdução do *Curso* – é aquele onde Saussure se pergunta sobre o objeto da lingüística. “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da lingüística ?” (Saussure, 1975, p.15). Ou seja, o que um lingüista deve estudar ? Ele diz o seguinte:

Outras ciências trabalham com objetos dados préviamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. Alguém pronuncia a palavra nu: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto lingüístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como um som, como expressão da idéia, como correspondente ao latim nudum, etc. bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; ... (Saussure, 1975, p.15).

E continua o autor: “Qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da lingüística” (Saussure, 1975, p.15).

³² De acordo com as Notas de Túlio de Mauro à edição francesa da Payot do CLG de F. De Saussure (Cf. nota n.º 128).

Segundo Saussure, a linguagem verbal, por exemplo, é impossível de ser estudada *in natura*, visto ser uma faculdade que comporta em si mesma elementos muito diversos (cognitivos, afetivos, contextuais, de tom de voz, gesto, etc.). São tantas as coisas envolvidas na linguagem que Saussure a considera como um “todo heteróclito”, tornando seu estudo inviável ao que se esperava de uma abordagem científica do início do século.

Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas ... (tratam-se das dicotomias som / idéia ; individual / social; produto passado / atual)

... ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da lingüística nos aparecerá como um conglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si (Saussure, 1975, p.16).

Então, para Saussure, o que interessa da linguagem? Aquilo que é regular, aquilo que se repete: a Língua.

Diz, ainda, Saussure: “É necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (Saussure, 1975, p.17).

Mas o que é a Língua ?

A Língua é um elemento de dentro da linguagem que constitui a linguagem e sem o qual ela não existiria. É o que não varia na linguagem, podendo ser capturado por sua repetição. A Língua é diferente da fala, que é o uso individual da língua e da linguagem. Em suma, a linguagem é o conceito mais amplo, a Língua o conceito operacional, e a fala o conceito que Saussure não desenvolve. Isso pode ser conferido no prefácio da primeira

edição do *Curso*, onde os organizadores, Bally e Sechehaye, referem ser a grande falta de Saussure não ter cumprido a sua promessa de falar sobre uma lingüística da fala.

A ausência de uma “Lingüística da fala” é mais sensível. Prometida aos ouvintes do terceiro curso, esse estudo teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes; sabe-se muito bem por que tal promessa não pode ser cumprida. Limitamos a recolher e a situar em seu lugar natural as condições fugitivas desse programa apenas esboçado; não poderíamos ir mais longe (Bally e Sechehaye) (In.: Saussure, 1975, p.04).

Esses três conceitos atendem a uma necessidade: criar a noção de objeto para a lingüística. Trata-se da Língua como aquilo que se repete dentro de um todo, dentro de um conjunto. O método para estudá-lo é o que será chamado mais tarde de estruturalismo.

Abordamos os conceitos de Língua e de Signo, resta ainda falar da noção de Sistema, também presente na tese saussureana “a Língua é um Sistema de Signos”. Considerar a língua como um Sistema é tomá-la como uma organização. Sendo que, do Sistema interessa apenas sua lógica interna. Saussure recusa-se a tratar os termos como entidades independentes, tomando como base de sua análise a relação que os termos estabelecem entre si.

Tomemos, como exemplo, o Sistema de parentesco elaborado por Lévi-Strauss. Assim como os fonemas, por exemplo, os termos de parentesco são elementos de significação que só adquirem sentido ao se integrarem em um Sistema. Um termo nada vale isoladamente, pois não podemos traduzir as relações de aliança a partir de uma nomenclatura de parentesco. A palavra *mãe*, por exemplo, só tem interesse nas relações

diferenciais com as palavras *avô, pai, tio e irmão*, que são estabelecidas no interior do Sistema de parentesco.

Este princípio metodológico de análise das *Estruturas Elementares do Parentesco* é extraído inteiramente da leitura de Saussure via Jakobson e Trubetzkoy. Lévi-Strauss retira daí sua teoria da predominância das relações simbólicas em que todo sistema social está fundado numa estrutura elementar do parentesco que visa "substituir um sistema de relações consangüíneas, de origem biológica, por um sistema sociológico de aliança", (Lévi-Strauss, 1989, p. 76).

Segue o autor:

Toda esta demonstração, cujas articulações principais recordamos acima, pode ser bem conduzida sob uma condição: considerar as regras do casamento e os sistemas de parentesco como uma espécie de linguagem, isto é, um conjunto de operações destinadas a assegurar, entre os indivíduos e os grupos, um certo tipo de comunicação. Que a "mensagem" seja aqui constituída pelas mulheres do grupo que circulam entre os clãs, linhagens ou famílias (e não, como na própria linguagem, pelas palavras do grupo que circulam entre os indivíduos), em nada altera a identidade do fenômeno considerado nos dois casos (Lévi-Strauss, 1989, p.77).

Retornando a Saussure. A língua é um Sistema de Signos. Um Sistema é uma regularidade – o que se repete – que será chamada de estrutura pelos leitores de Saussure (como vimos em Lévi-Strauss, por exemplo). Assim, em termos lingüísticos, as unidades só adquirem sentido no jogo relacional que estabelecem pela presença ou ausência de outras unidades (pelo que não são) no interior do Sistema da língua – daí sua definição do Signo como pura negatividade. Como negação fundante que é. Ele é aquilo que os outros não são.

Do todo heteróclito da linguagem Saussure recorta o objeto Língua enquanto Sistema, organização de Signos (não de palavras). Os Signos são entidades de dupla face que têm um Significante e um Significado – uma forma, uma expressão, e uma idéia, um conceito, um conteúdo. É um todo que tem dois lados. Um lado chamado de Significante e outro de Significado, em que uma parte não vive sem a outra. Como na metáfora da *folha de papel*: ao cortá-la, não cortamos um lado sem cortar o outro.

Assim, a palavra *pai* é um Signo porque tem um significado e uma forma acústica e gráfica; tem uma substância e um conteúdo. Porque entra num Sistema de associações com outras palavras através de determinadas leis internas que o regem. Esse Sistema de associações tem dois tipos de relações, paradigmáticas e sintagmáticas. Elas não são justapostas mas concomitantes, ou seja, é impossível pensarmos uma sem a outra. Tal organização, que Saussure vai chamar de organizações paradigmáticas (eixo das oposições; das associações por ausência, que representam as escolhas virtuais do que poderia estar no lugar de) e sintagmáticas (eixo das somas), estabelecem o conjunto possível das relações associativas com as quais podemos desenhar a Língua (ou uma língua, como a língua portuguesa, por exemplo). As relações se dão tanto no nível semântico como no nível fonológico da Língua. Constituem um método, uma forma de estudar a Língua.

De forma esquemática temos uma demonstração por montagem :

1. O objeto da lingüística é a Língua;
2. a Língua é um Sistema;
3. a Língua é um Sistema de Signos;

4. o Signo é uma unidade de dupla face: um Significante e um Significado;
5. os Signos (Significantes e Significados) se relacionam num Paradigma e num Sintagma;
6. o Signo é uma negação fundante : um Signo vale o que o outro não vale no interior do Sistema;
7. chegamos assim à noção da Valor. O conceito que organiza todos os outros conceitos.

Com a noção de Valor lingüístico, a Língua passa a ser compreendida como “um sistema de valores puros” (Saussure, 1975, p.130). “Na língua há apenas diferenças sem temos positivos” (Saussure, 1975, p.139), nenhuma significação é pré-determinada, sendo produzida pelo puro jogo diferencial no interior da Língua.

Assim:

Um Signo é o que o outro não é no interior do Sistema, ou seja:

1. Um Signo é o que o outro não é no Paradigma;
2. Um Signo é o que o outro não é no Sintagma;
3. Um Signo é o que o outro não é no Significante;
4. Um Signo é o que o outro não é no Significado.

Como nos esclarece Benveniste: “chapéu” existe como produto de relações dentro da Língua, “chaméu” não existe, pois não é produto de relação nenhuma.

“Chapéu existe ? Sim. Chaméu existe ? Não . [...] Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora dela.” (Benveniste. PLG 2 , p.227)

Isso é a Língua para Saussure.

E a noção faltante de Sujeito ? Podemos dizer o Sujeito está desde o começo ausente em Saussure. Ele está excluído internamente do conjunto da teoria saussureana. Essa exclusão funda e sustenta seu conjunto. Para passar da Língua ao Sujeito é preciso demarcar na Língua um “buraco”, um lugar de falta. “Porque, ao faltar nela, ele (o sujeito) não está pura e simplesmente ausente dela. Sutura por extensão, a relação em geral da **ausência** com a estrutura da qual ela é elemento, na medida em que ela implica a posição de um “lugar-tenete” (Milner, 1968, p.212). Mas isso implicará mais duas questões: a) que um Sujeito possa tomar a palavra; b) que faça isso sem se tomar como a fonte de seu dizer. Nos encontraremos com essas questões mais adiante neste trabalho, quando abordarmos a contribuição da psicanálise ao campo da lingüística.

Dito isto, passemos a considerar algumas conseqüências teóricas gerais das interpretações de Saussure que foram feitas no âmbito da lingüística.

Como interpretar a relação Língua / fala , já que quando falamos existe a Língua, mas como a usamos individualmente , de alguma forma intervimos nesta estrutura da Língua pela fala.

A interpretação desse aparente paradoxo resultou em duas formas bastante distintas de ler Saussure. Sem dissolver a Língua em algum objeto extralingüístico, tais leituras deram lugar a duas lingüísticas muito diferentes:

- a) uma destacará a interpretação empírica: a Língua só se atualiza na fala. Não temos como olhar para a língua em si mesma, somente em sua realização na fala. Esta leitura deu lugar à lingüística de Roman Jakobson que, partindo do princípio de que há uma regularidade na fala, vai estudar esta regularidade. Isso permitirá a Jakobson, juntamente com Trubetskoy, desenvolver a noção de fonema;
- b) a outra destacará a interpretação metodológica do *Curso*: a dicotomia língua / fala é uma decisão metodológica. Com ela separamos o objeto construído do fato (realidade) propriamente dito. Assim procede Louis Hjelmslev, desenvolvendo sua interpretação metodológica e matematizada da língua e transformando o Signo de Saussure, definido como uma relação de dupla face (significante / significado), em seu modelo quaternário : Expressão e Conteúdo / Forma e Substância. Expressão (Forma e Substância) e Conteúdo (Forma e Substância).

Ambas as leituras partem das noções de regularidade e de estrutura, e as mantêm na construção de suas teorias lingüísticas.

Continuaremos a refletir sobre tais questões com Jakobson no próximo capítulo. Não sem antes destacarmos, para finalizar, as exclusões operadas por Saussure para constituir o seu sistema teórico, são elas: a história, o referente e o sujeito.

Dessas, nos interessa destacar a exclusão do sujeito. A língua, sendo ela uma organização de falas internas ao sistema, não tem sujeito. Esta falta de um Sujeito é o que insistirá, retornando em Jakobson e em Benveniste na busca de inscrever-se na língua.

Passemos a dar a palavra a esta falta na tentativa de compreendermos como ela se constitui.

2.1.1 A exclusão do sujeito em Saussure.

(...)A língua como objeto da ciência se sustenta justamente do fato de não ser falada por ninguém cujo ser seja especificável (Milner, 1987,p.61).

Como se dá e no que implica a exclusão do sujeito realizada por Saussure?

Como pudemos ver até agora, no centro da doutrina de Saussure encontramos um princípio binário de dualidades opositivas (som/sentido; língua/fala; indivíduo/sociedade, etc.), sendo que a mais importante é a do signo – resultante da associação de um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). A relação entre significante e significado é arbitrária, ou seja, um mesmo significado pode ter significantes diferentes (léxico) e omite o referente (a “coisa”).

A partir destas dualidades opositivas, Saussure estabelece o conjunto da língua, no qual as relações opositivas binárias não são somente necessárias, mas também suficientes para definir seu sistema. Neste sistema o sujeito está fora da língua, como um resto que, se reintegrado, prejudicaria a pureza do raciocínio binário. Assim nasceu o estruturalismo, enquanto modelo das ciências do homem.

(...) *vanguarda do binarismo nas ciências do homem (...)* substitui as clássicas análises causais, medindo a influência de um termo sobre o outro e estabelecendo uma hierarquia de causas e efeitos, por um conjunto de relações diferenciais (...). *O estruturalismo representa a realização da idéia do século, a idéia binária, no campo do homem (Dufour, 2000, p. 27-28).*

De acordo com Milner (1987), a partir do estruturalismo, que uniu a lingüística a uma teoria do signo, podemos afirmar que “toda a lingüística é por definição Saussureana” (Milner, 1987, p. 32). Milner nos apresenta esta proposição através de três referências: a) ela apresenta um ideal de ciência constituído por Saussure – de dar visibilidade ao que torna possível a lingüística constituir-se em uma ciência; b) ela produz um “ponto ideal onde todas as proposições cruzam-se, instância simbólica de onde o discurso se organiza” (Milner, 1987, p.33) – este discurso é sustentado por uma *ciência ideal* que encarne um *ideal de ciência* produzindo seu modelo de análise através de dois princípios: um mínimo de axiomas expressos através de um mínimo de conceitos primitivos; c) ela, finalmente, define um conceito articulador da passagem deste ideal de ciência a seu correlato imaginário de ciência ideal: o signo.

O conceito de signo permitiu a Saussure construir a totalidade de sua ciência lingüística em conformidade absoluta com o modelo estrutural. Seu método: a) há um axioma, mínimo absoluto, e ele é evidente: “a língua é um sistema de signos”; b) há um conceito primitivo, e ele é evidente: o conceito de signo. (Cf. Milner, 1987, p. 34)

O conceito de signo torna-se, assim, a própria expressão da teoria lingüística de Saussure, permitindo-lhe definir uma regra que possibilite determinar os elementos que pertencem ou não ao sistema, ou seja, ao conjunto denominado de língua.

Aceitamos, então, que se nomeie língua a este núcleo que, em cada uma das línguas, suporta sua unicidade e sua distinção; ela não poderá apresentar-se do lado da substância, indefinidamente sobrecarregada de acidentes diversos, mas somente como uma forma, invariante através de suas atualizações, visto que ela é definida em termo de relações (Cf. Milner, 1987, p. 34).

Essa operação só é possível pelo corte que exclui da língua o sujeito que toma a palavra. Corte este que corresponde à manutenção da **demanda de que a língua não seja equívoca.** Abre-se, assim, no próprio interior da língua, o lugar – que por ser evitado se mantém presente – do equívoco (da homofonia, da homossemia, homografia), que suporta o duplo sentido.

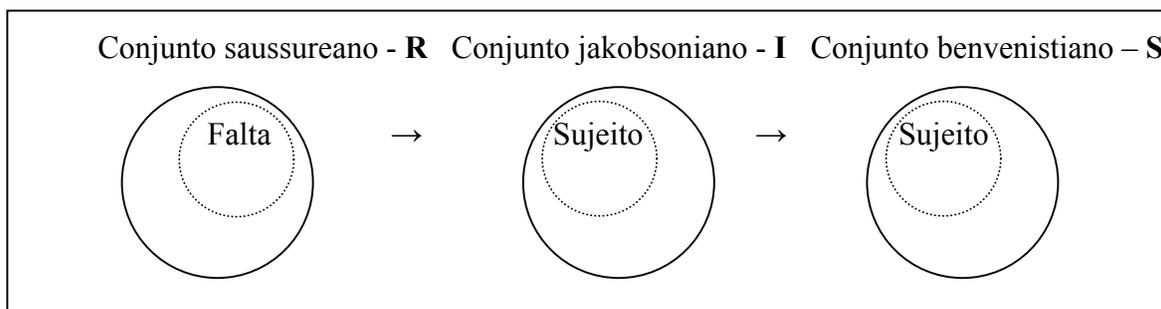
Assim, a língua se mantém como Unidade de saber sobre a linguagem, ao expulsar o sujeito de seu campo, produzindo uma ausência em seu lugar. Desta ausência que se forma, só podemos adquirir um saber pela falta. Trata-se, assim, de nos perguntarmos sobre o **Real** deste campo, no sentido de um resto que não pode por ele ser simbolizado. Dando lugar a um vazio, que será ocupado pela função do que não se inscreve no quadro de suas definições, a não ser pela dupla negação. Como aquilo que “não cessa de não se escrever”. Ou seja, o que ex-siste à língua para a lingüística, sendo que este existente se constitui pela negação de sua totalização.

Dessa forma reafirmamos nosso esquema da *figura 6*, no qual a consistência do conjunto saussureano se constitui pelo procedimento de exclusão do sujeito, estando, desta maneira, representada pelo adjetivo nominal **Real**, enquanto registro que se destaca sobre as demais dimensões do Imaginário e do Simbólico.

A partir deste Real, os Sistemas de linguagem de Jakobson e de Benveniste irão, cada qual a seu modo, produzir uma nova organização da linguagem. Ambos mantêm a referência à estrutura da língua – tal como inaugurada por Saussure – e, ambos elaboram uma teoria da linguagem ao redor deste vazio central do sistema saussureano, na tentativa de ligar a ele um Sujeito. Esta ausência deixada na estrutura saussureana da língua pela expulsão do sujeito será preenchida por Jakobson com a presença da dualidade imaginária “locutor-ouvinte” – destacando-se pelo registro do *Imaginário*. A estratégia de Benveniste será outra. Em Benveniste a ausência será nomeada referindo-se à própria língua, mais exatamente ao que, na língua, é posto em jogo desde que ela é falada. Esse lugar refere-se a um sistema específico: o sistema dos “pronomes pessoais”. Destacando, por esse ato de nomeação, um lugar para o sujeito na estrutura, e sua referência ao registro do *Simbólico*.

“Eu” e “tu”, estes dois signos vazios, não-referenciais com relação à realidade, resolvem de maneira extremamente simples um problema muito complexo, o da comunicação intersubjetiva. Eles estão à disposição de todo mundo e basta que alguém fale para que estas conchas vazias se tornem cheias (...) A concha vazia dos índices é uma espécie de autentificação e de atualização de nossa capacidade de simbolização. Desde que nos situemos neste lugar o resto da língua vem por si só (Dufour, 2000, p. 72).

Resumidamente, podemos representar de forma imagética este retorno do sujeito na estrutura a partir da seguinte figuração.



[figura 10: O retorno do sujeito]

Lê-se:

No conjunto da Língua estabelecido por Saussure há a predominância do Real – o sujeito está excluído. No lugar do sujeito temos um vazio, uma falta de sujeito, que será tratado, na leitura de Jakobson, como uma falta a ser preenchida imaginariamente por um sujeito da comunicação; pela leitura de Benveniste, este vazio será nomeado como um lugar Simbólico de enunciação, como uma “concha vazia” desenhando a cavidade do sujeito na língua.

No conjunto da língua estabelecido por Jakobson há a predominância do Imaginário – o sujeito busca consistir através da imagem estabelecida para um outro e por um outro na díade comunicativa. A esta falta Real Jakobson responderá de forma Imaginária, por um fantasma de completude.

No conjunto da língua estabelecido por Benveniste há a predominância do Simbólico – O sujeito se constitui nesse lugar que ele vai ocupar relativamente à estrutura da língua.

O sujeito se apresentará em falta para cada um destes conjuntos. A falta em Saussure será Real, a falta em Jakobson será Imaginária e em Benveniste a falta será Simbólica. Por essas três faltas mantêm-se os três furos (aberturas) a partir dos quais produziremos, posteriormente, um enlace borromeano.

Iniciemos por Jakobson, em sua tentativa de dar conta da falta através da formulação da pergunta sobre como a lingüística não estuda aquele que fala. Este retorno na língua de um sujeito que fala é idealizado por Jakobson através da miragem de

completude de um sujeito bem intencionado que acredita encontrar na linguagem um instrumento ideal de comunicação, onde aquele que fala encontra seu outro que entende. Um Sujeito que se refrata, assim como o arco-íris que a uma certa distância vemos desenhar-se na paisagem, mas que não está lá. Então resolvemos fotografá-lo na tentativa de apreender objetivamente o efêmero deste efeito subjetivo.

O mérito de Jakobson será o de nos fornecer as pistas para compreendermos sob que condições se produz essa experiência. Passemos a ele, então.

2.2 O Sistema de Linguagem de Jakobson

Saussure, e esse é seu grande mérito, colocou em primeiro plano o estudo do sistema da língua em seu conjunto e na relação de todas as suas partes componentes. ... as tentativas de reduzir as mudanças ao domínio da diacronia contradizem profundamente toda a experiência lingüística. A sincronia é dinâmica (Jakobson, 1980, p.62).

Neste item, veremos, primeiramente, como Jakobson constrói seu sistema lingüístico a partir das elaborações de Saussure. Posteriormente, passaremos a considerar a noção de sujeito presente em seu sistema.

As “peças” do “xadrez” teórico de Saussure são tratadas, por Jakobson , musicalmente. Sua interpretação centrífuga do *Curso* se apoia na metáfora da pauta musical em substituição àquela de Saussure do tabuleiro do jogo de xadrez.

Para Saussure “Uma partida de xadrez é como uma variação artificial daquilo que a língua nos apresenta de forma natural.” (Saussure, 1975, p. 104) Tomemos, então, o xadrez como o jogo da Língua em Saussure e teremos que : as regras do jogo (princípios da semiologia) são admitidas antes de iniciarmos a partida; o valor das peças (signos lingüísticos) depende de suas posições no tabuleiro (da Língua) em oposição ao lugar ocupado pelas demais peças ; movimenta-se apenas uma peça (Signo) de cada vez; o deslocamento de uma peça (Signo) repercute em todo Sistema (Língua); para descrever a posição das peças (Signos) no jogo (Língua) não é necessário descrever seu deslocamento (Diacronia) mas apenas seu estado atual (Sincrônico) no tabuleiro (Língua); só há um desencaixe na comparação: é necessário imaginar um jogador inconsciente, “que não tenha a intenção de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema” (Saussure, 1975, p.105).

Para Jakobson a Língua é como uma partitura musical. Ao comparar a Língua com a sinfonia, Jakobson irá destacar o caráter invariante da obra musical, em contraste com as variações de sua execução. A música seria como a Língua: “As execuções não tocam o estatuto da obra mesma” (...) “A execução de uma sonata de Beethoven não é a sonata mesma” (Jakobson, 1996, p.22), assim como “a execução de um signo não é sua característica essencial” (Jakobson, 1996, p.22). Mas se a execução não toca o estatuto da obra, o que ela toca então ? E ao tocar, não estaria tocando para alguém ? Jakobson optou por perguntar-se sobre as questões levantadas pela execução da obra, em que seus Signos buscam transmitir-se de alguma maneira. Assim, voltou-se para pensar como esta “obra feito língua” opera na linguagem enquanto uma estrutura dinâmica e, por extensão, como se estabelecem, em esboço, os traços de um quadro comparativo, onde a execução da

música metaforiza a atualização da Língua na linguagem ao colocar em jogo diferentes funções de seu Sistema (expressiva, estética, comunicativa, etc.). Essa metáfora se degrada metonimicamente em uma série de traços, por exemplo: 1. o plano sonoro da linguagem ganha ênfase de modelador da significação; 2. estuda-se os sons – fonemas – à luz da função que eles têm na Língua, onde, "... a percepção dos sons da linguagem é uma manifestação primária de seu valor semiológico" (Jakobson, 1996, p.23) ; 3. a linearidade da fala deve ser substituída pela idéia de estratos hierárquicos de segmentos sonoros das palavras (os traços diferenciais dos fonemas) ; 4. a Língua tem um Código e uma Mensagem, um executante e um destinatário, etc.

Enfim, onde Saussure "fecha" a Língua sobre si mesma (com seus elementos invariantes) para melhor defini-la, Jakobson "abre" para concebê-la como uma relação hierárquica entre diferentes sistemas de signos. Um Sistema de sistemas.

Segundo Dosse (1993), Jakobson, "(...) ao mesmo tempo que situa suas teses numa perspectiva Saussureana, também mantém uma certa distância de Saussure, em diversos pontos essenciais." (Dosse,1993,p.79) Assim, por exemplo, onde em Saussure a idéia de Sistema é definida como pura diferença – um Signo é o que o outro não é no interior do Sistema da Língua, ou seja, a Língua é um Sistema de diferenças – em Jakobson a idéia de Sistema é estruturada de um modo funcional – há uma funcionalidade no Sistema, os Signos não se opõem "friamente" entre si, definidos apenas por suas relações negativas, mas opõem-se dentro de uma relação hierárquica interna à Língua.

Esta diferença na forma de conceber o Sistema da Língua trará consigo outros deslocamentos importantes. Um deles diz respeito à concepção saussureana de Sincronia.

Sincrônico não é igual a estático, dirá Jakobson em seus *Diálogos sobre o tempo na língua e na literatura* (Jakobson, 1980), retomando o princípio já evocado em *Fonema e Fonologia* (Jakobson, 1972), propondo substituir este conceito pela idéia de *sincronia dinâmica* que “exige um tratamento estritamente relacional das mudanças *en fonction du système phonologique qui les subit*” (Jakobson, 1972 ,p.174).

A dinâmica da linguagem pode funcionar como parte de uma sincronia lingüística e de maneira geral tem de ser levada em conta na lingüística sincrônica (Jakobson, 1972 ,p. 47-48).

Outra mudança em Jakobson decorre da ênfase dada à noção de relações hierárquicas, que transporta o princípio saussureano da diferença – tanto a dos signos lingüísticos entre si (signo – signo) quanto aquela interna ao Signo lingüístico (significante – significado) – para um modelo fonológico. Assim, passa-se de um modelo mais propriamente lingüístico para um “modelo dos modelos” : “ a fonologia estrutural.” (Dosse, 1993. p. 80) . Nas palavras de Jakobson (1972): “(...) Cabe ao fonema como conceito fonológico básico o papel de pedra de toque de todo o estruturalismo (...) (Jakobson, 1972, p.20). Posteriormente, Jakobson irá atualizar sua proposição deslocando a idéia essencial de fonema para a de traços distintivos.

A definição do fonema enquanto feixe de propriedades distintivas impunha-se. O conceito de fonema dava, assim, lugar às unidades semântico-distintivas mais simples, aos elementos diferenciais, como a sonoridade, a oclusividade, etc. Minhas definições do fonema foram orientadas por essa verificação, desde o início dos anos trinta (Jakobson, 1980, p. 29).

Vale lembrar que não é nosso objetivo aqui apresentar os argumentos históricos da releitura de Saussure realizada por Jakobson – suas influências (poesia e literatura Russas, o futurismo, etc.) e filiações teóricas (Trubetskoy, etc.) para além de Saussure – especificamente o do *Curso de Lingüística Geral*. Também não seguiremos a genealogia dos conceitos elaborados por Jakobson, pois isso extrapolaria os limites deste trabalho. Nosso objetivo é, pois, apresentar as linhas de força do pensamento de Jakobson, em sua leitura crítica e criativa do mestre genebrino Ferdinand de Saussure, destacando as idéias que especificam o seu sistema teórico e a sua forma de abordar a língua.

Começaremos , então, decompondo o sintagma que propomos inicialmente para definir o modelo de Jakobson: **A Língua é um Sistema de sistemas de Signos**.

2.2.1 A Língua é um Sistema Hierárquico de Sistemas de Signos.

No estudo comparativo da língua e da literatura (...) Tratava-se, ainda, de proceder à elaboração estrutural mais ampla dessa relação e, partindo do novo e fecundo conceito de “sistema de sistemas”, de explicitar a ligação que unia as séries culturais em presença, sem se recorrer à idéia confusa de um encadeamento mecânico de causas e efeitos (Jakobson, 1980,p.68).

Em Jakobson, as noções de Língua, Sistema e Signo não se sobrepõem totalmente àquelas mobilizadas por Saussure. Seus pontos de contato não devem ser lidos como pontos de identidade. Constatamos, assim, as conseqüências lógicas da leitura de Saussure

que empreendemos: mexendo em um dos conceitos todos os demais se alteram, e isso mantém a coerência do novo campo proposto.

Vejam a desmontagem do sintagma: **se** a Língua é um Sistema (dinâmico e funcional) de sistemas (hierárquicos) de Signos **então:** a) o Signo é concebido como uma combinação intrínseca e inseparável de um Significante *signas* – perceptível – e de um Significado *signatum* – interpretável; e b) ambos formam uma hierarquia parte-todo, desde as unidades mínimas (os traços diferenciais, que também são considerados signos por Jakobson) até as unidades maiores (os discursos; que também são signos).

A esta hierarquia correspondem três níveis de linguagem com seus três tipos de signo: 1) um SIGNO-CÓDIGO, que compreende os Signos que vão dos traços distintivos, passando pelos fonemas, sílabas, morfemas, atingindo seu limite nas palavras. São os Signos que demarcam o NÍVEL DA PALAVRA. 2) um SIGNO-CÓDIGO-MATRIZ que compreende os Signos que compõem as frases, as cláusulas e as orações e que, portanto, demarcam o NÍVEL DA FRASE; e 3) um SIGNO-MENSAGEM que compreende os Signos do enunciado e do discurso que demarcam o NÍVEL DO DISCURSO.

Cada um desses signos tem suas características próprias :

No primeiro tipo, consideram-se os *Signos pré-fabricados*. São as palavras que encontram-se codificadas na Língua. No segundo tipo de Signos, apenas as regras de combinação estão obrigatoriamente codificadas. São considerados *Signos matriz* por indicarem a matriz sintática como sendo o Código que os constrange, mas onde a escolha das palavras fica na dependência da criatividade de quem constitui a Mensagem. A diferença entre os dois é que no primeiro a palavra está codificada como tal e, no segundo,

o que está codificado é a matriz sintática, mas não a escolha das palavras na frase. O terceiro tipo são os *Signos intersubjetivos*, comuns ao falante e ao destinatário. São esquemas de combinação generalizados e optativos. Podem ser transitórios e têm uma relação menos direta com o Código. Não pertencem diretamente ao Código, mas atestam sua existência interna, como garantia da interpretação.

Essa cascata de signos move o moinho teórico de Jakobson e demonstra o funcionamento do princípio de que a Língua, considerada tanto como Código quanto como Mensagem (*langue e parole*), é um Sistema hierárquico de sistemas de Signos, no qual alguns Signos pertencem ao Código assim como outros Signos pertencem apenas à Mensagem.

A cada volta neste moinho precipitam-se uma seqüência de questões, encaixadas entre si por correspondência lógica. Não poderia ser diferente, já que Jakobson busca acompanhar o movimento da Língua e descreve suas linhas de força.

Vejamos um exemplo de como seu Sistema, por uma espécie de desequilíbrio inicial, passa a caminhar ao acomodar e reequilibrar outros sistemas através de encaixes hierárquicos. Tomemos com ponto de partida a conclusão de Jakobson sobre a equação abaixo e vejamos como ela vai descendo a seqüência de seus degraus lógicos. 1º passo: a equação **código = língua** é reducionista, pois a própria mensagem pode ser considerada ao mesmo tempo tanto um Sistema de sistemas de Signos quanto ela mesma como um Signo (complexo) com seus Significantes e seus Significados (sendo assim, a Mensagem integra o Sistema da Língua). 2º passo: uma Mensagem implica um locutor e demanda um destinatário. Se a Mensagem integra o Sistema da Língua, então a Língua inclui um sujeito

falante, ao considerar que o ato de comunicação verbal é uma troca de Signos entre o falante e o destinatário. 3º passo: esta troca tem seu lugar no interior de um Sistema hierárquico de Signos de complexidade ascendente – numa escala que vai de um nível fonológico, onde a liberdade de criação do falante é nula, a um nível em que as frases são combinadas em enunciados e aí "cessa a ação das regras coercitivas da sintaxe e a liberdade de qualquer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente, embora não se deva subestimar o número de enunciados estereotipados" (Jakobson, 1992, p.201).

O pensamento de Jakobson implica vários planos de ação dispostos em seqüência. No exemplo que propomos, a seqüência também pode ser lida em movimento contrário, indo dos Signos ao Sistema e deste à hierarquia (níveis dos Signos na Língua) introduzindo o sujeito falante na língua e a relação **Código - Mensagem**.³³

Passemos agora a este caráter dinâmico e funcional do Sistema.

A Língua – entendida por Jakobson enquanto um Sistema de sistemas – deve ser concebida através de sua dinâmica interna e hierárquica de relações estruturais entre as partes (subconjuntos) e o todo (conjunto). A função de cada subconjunto depende do lugar que ocupa no Sistema. Assim, os fonemas, por exemplo, são elementos de significação que só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em “sistemas fonológicos” que, por sua vez, resultam do jogo de leis gerais da linguagem. Nessa compreensão, lemos em Jakobson que:

33 O interesse de Jakobson em descrever a dinâmica do sistema da língua talvez esteja relacionado, de alguma forma, a influência que recebeu do movimento artístico denominado de futurismo. Avessos a imobilidade, os futuristas não se interessavam pela imagem em si mas pelos planos animados pelo dinamismo do movimento. Como, por exemplo, no quadro de Marcel Duchamp (1887) intitulado “Nu descendo Uma Escada” (Cf. Cavalcanti, 1975) em que não

A concepção de qualquer signo lingüístico, em qualquer nível, como a combinação de dois aspectos do signo, isto é, o significante e o significado, que Saussure herdara da antiga doutrina dos estóicos, deveria ser aplicada de maneira precisa e exaustiva a todos os níveis da análise lingüística e a cada um desses níveis tomados separadamente. (...) Isso dizia respeito também à sintaxe, à morfologia e à análise dos sons da fala. Feito isso, era particularmente importante determinar com exatidão a diferença entre as oposições binárias no plano fonológico, por um lado, e no plano gramatical, por outro. No primeiro caso a oposição diz respeito ao plano do significante; no segundo, unicamente ao plano do significado (Jakobson e Pomorska, 1980, p.51).

A importância que estas idéias adquiriram no ambiente cultural de sua época não foi pequena. Temos um exemplo disso na importação deste modelo (da relação entre diferentes sistemas de signos) feito por Lévi-Strauss, para pensar suas estruturas elementares do parentesco.

Em nosso sistema de parentesco, por exemplo o termo pai tem uma conotação positiva no que concerne, ao sexo, à idade relativa, à geração; ao contrário, tem uma extensão nula, e não pode traduzir uma relação de aliança. Assim, perguntar-se-á, para cada sistema, quais são as relações expressas, e para cada termo do sistema, que conotação – positiva ou negativa – possui com referência a cada uma destas relações: geração, extensão, sexo, idade relativa, afinidade, etc. É neste estágio “microsociológico” que se espera descobrir as Leis de estrutura mais gerais, como o lingüista descobre as suas no estágio infra-fonêmico, ou o físico no estágio infra-molecular, isto é, no nível do átomo (Lévi-Strauss, 1989, p. 50).

encontramos simplesmente a representação de um corpo em movimento, mas a expressão das linhas de ação do corpo em seu dinamismo.

Não poderia ser mais claro o que esta dinâmica visa esclarecer. Busca-se definir quais são os elementos gerais presentes na construção de uma Estrutura – em nosso caso, trata-se da Estrutura da Língua.

Jakobson propôs recentemente uma hipótese segundo a qual uma única língua poderia comportar várias estruturas fonológicas diferentes, cada qual intervindo para um certo tipo de operações gramaticais. Deve haver uma relação entre todas essas modalidades estruturais da mesma língua, uma “meta-estrutura” que se pode considerar como a lei do grupo constituído pelas estruturas modais (Lévi-Strauss, 1989, p. 74).

Para Jakobson, um problema da lingüística estrutural é o de não se reconhecer a interdependência de diversas estruturas no interior de uma mesma Língua. Sendo que:

(...) para toda pessoa que fala existe uma unidade de língua, mas este código global representa um sistema de subcódigos relacionados entre si; toda língua encerra diversos tipos simultâneos, cada um dos quais é caracterizado por uma função diferente (Jakobson e Pomorska, 1980, p.82) .

A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. E, para se ter uma idéia geral dessas funções, é preciso uma perspectiva geral dos fatores constitutivos de todo o processo lingüístico, de todo o ato de comunicação verbal.

Segundo Jakobson, essa dinâmica está organizada através de dois dos termos polares: o Código e a Mensagem. Tais termos encontram-se ligados por duas operações fundamentais da Língua: a seleção e a combinação.

Em seu texto *Lingüística e Poética*, Jakobson resume este processo da seguinte forma:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou “referente”), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTATO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação (Jakobson, 1969, p.123).

E acrescenta :

Cada um desses fatores determina uma diferente função da linguagem. Mas, embora hajam seis aspectos básicos da linguagem, é muito raro encontrarmos mensagens verbais que preencham uma única função. O que existe é uma hierárquica de funções, nas qual a estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante (Jakobson, 1969, p.123).

Em suma, em qualquer ato de comunicação verbal, há seis fatores fundamentais que devem estar presentes para que um ato de fala possa realizar-se: 1) locutor (falante, codificador, emitente; poeta, autor, narrador); 2) alocutário (ouvinte, decodificador, destinatário; leitor, intérprete); 3) código (sistema, língua); 4) mensagem (palavra, discurso, texto); 5) contexto (referente); 6) contato (conexão entre o falante e destinatário). Cada um desses fatores pode subdividir-se de diferentes maneiras, que, por sua vez, estão correlacionados a seis funções da linguagem : emotiva (expressiva); conativa (apelativa); metalingüística (glosante); poética (estética); referencial (cognitiva, denotativa, ideativa); fática (língua comum).

Esse conjunto se polariza, de certa forma, entre as linguagens poética e referencial, ou seja, entre a abertura de sentido (equívoco) e o fechamento de sentido (unívoco).

A construção da mensagem poética se baseia na interação entre duas operações interrelacionadas e mutuamente implícitas de seleção (substituição) e combinação (contextura) – onde a seleção de um repertório de Signos codificados precede e complementa uma combinação sucessiva. Assim, o meio principal para construção da mensagem poética é o da projeção do princípio de equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação. Essa “igualdade” significa que, na poesia, uma sílaba é equivalente a outra sílaba (produzindo sua métrica, seu ritmo), ainda que na linguagem comum (da função referencial) os falantes não meçam a quantidade de sílabas que mobilizam ao falar. No discurso referencial isto não ocorre, e a relação entre os elementos da Língua, contrariamente ao discurso poético, não está marcada por uma relação de equivalência forte.

O material verbal mostra sobretudo uma estrutura hierárquica de simetrias baseadas em repetições, regularidades e sistematizações de distintos tipos. Em outras palavras, há uma reorientação paralelística radical de todo o material verbal em sua relação com a construção da seqüência. Tais paralelismos, sejam os que se baseiam em sons ou em diversas categorias léxicas, são um resultado “natural” de elevar a equivalência a ser um recurso constitutivo da seqüência, ao contrário de todo tipo de contraparte não poética. Esses paralelismos criam uma rede de relações internas dentro do poema mesmo, de modo que o poema se converte em um todo integrado com uma autonomia relativa (Waugh, In.: Jakobson, 1992, p.205.).

Nesse princípio, formula-se que a relação de equivalência (seleção) está para a diferença assim como a semelhança (combinação) está para a dessemelhança. Assim, ao

projetar a equivalência no eixo da combinação , o contraste entre os elementos se destaca, entrelaçando os eixos de seleção e de combinação. Porém, no uso referencial o contraste não estabelece relações de equivalência, apenas relaciona os elementos que simplesmente estão em contiguidade um com o outro, diferentemente da função poética onde a ligação do contraste com a equivalência é forte. Essa característica da poesia – de projetar a dessemelhança na contiguidade – transforma ligeiramente toda a metonímia em metáfora e toda a metáfora em metonímia e permite o processo de renovação da Língua através da invenção de novas relações decorrentes da abertura de sentido propiciada pelo fazer poético.

Mas, a questão é que , no sistema de Jakobson falta um sujeito relacionado ao fazer poético. Um sujeito que não se reduza à dimensão de concretude do próprio poeta. Assim, **o único sujeito que encontramos em Jakobson é o sujeito da comunicação.** A alteridade forte, de um possível sujeito poético, com a própria linguagem – em seu fazer com a Língua – dá lugar a uma alteridade fraca, de um suposto sujeito da comunicação, com seu simétrico interlocutor – em sua suposta garantia de sentido.

Então podemos dizer, denegatoriamente, para que possamos continuar: não que Jakobson não tenha falado de um sujeito mas ... por ter procurado este sujeito nos próprios poetas ... não o encontrou ; por ter suposto este sujeito na comunicação ... o fechou na univocidade do sentido.

Estranha solução para um espírito criativamente inquieto esta de terminar – com a devida licença poética – “empoatado”. Mais adiante, tentaremos desatá-lo, e com seus próprios fios produzir um novo enlaçamento com sua teoria.

Antes de passarmos a tratar da nossa terceira consistência – o Sistema de linguagem de Benveniste – cabem , ainda, algumas considerações sobre Jakobson para relembrar a posição que ocupa em nossa *figura 6*.

2.2.2 O retorno imaginário do sujeito em Jakobson

Ao utilizarmos metaforicamente a trilogia lacaniana do R.S.I., sustentamos que o que seriam os Significantes (os traços) referentes ao sujeito, que foram foracluídos no Sistema de Saussure, retornam no Sistema de Jakobson de forma predominantemente imaginária (e em Benveniste de modo Simbólico).

De certa forma, poderíamos dizer que, ao elevar a presença do interlocutor ao *status* de “pedra de toque, tanto na linguagem como na ciência lingüística” (Jakobson, 1980, p. 9), Jakobson tende a definir o domínio da Língua como sendo o do “diálogo”. Sendo assim, a Língua estaria “fadada” a se comunicar , pois não pode não comunicar. Para Jakobson, esta comunicação se realiza ao definirmos “quem está falando e quem está ouvindo” e “o que se está falando e ouvindo”. Em Benveniste, como a Língua serve para enunciar e não necessariamente para comunicar, modifica-se a questão a ser definida: trata-se de perguntarmos não mais sobre “quem” ou “o que” mas “de onde se está falando” .

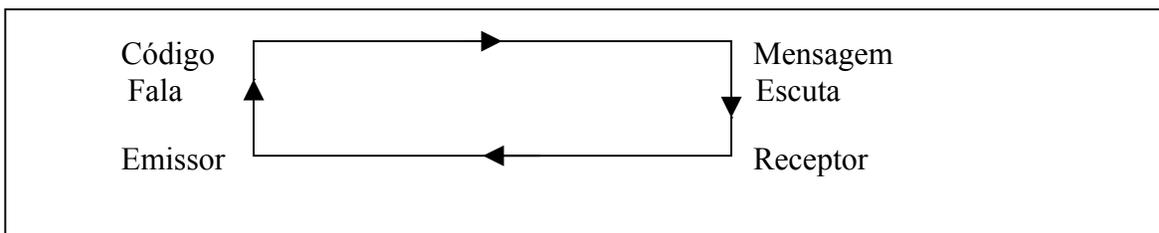
O ponto ideal que orienta a transparência da linguagem da comunicação de Jakobson se apoia na representação imaginária de uma “língua espelho” , onde emissor e receptor encontram-se definidos por uma relação de simetria absoluta. A língua

representa-se assim por um espelho plano emoldurado pelos termos polares de código e de mensagem, como sendo o suporte necessário da comunicação lingüística (ambos funcionando de maneira desdobrada entre emissor e destinatário). O leque estratificado hierarquicamente dos traços diferenciais que, passando pelo fonema e pelo morfema, chegam à unidade da palavra (com seus desdobramentos nas modalidades da frase, da cláusula e da oração), tem seu ponto de partida no emissor e encontra no receptor seu lugar de chegada e sua adequação, garantida pelo padrão ideal de comunicação regulado pelas funções da linguagem (como, entre outros, o contexto, por exemplo).

Jakobson exemplifica este padrão ideal apresentando duas formas pelas quais ele vem a falhar: 1. nos fenômenos lingüísticos das afasias: se produzem falhas na emissão (capacidade de codificação ou expressão da língua – “afasias de expressão”) ou na recepção (capacidade de compreensão ou decodificação da língua); 2. nas diferenças entre duas competências lingüísticas relativas à aquisição de uma língua estrangeira: a competência de decodificação ou compreensão (do discurso de uma determinada língua estrangeira) pode estar separada da competência de codificação ou expressão (de produzir alguma oração nesta mesma língua estrangeira). Poderíamos acrescentar ainda outros exemplos, com o da ambigüidade ou da homonímia, que coloca o receptor na dependência do contexto de situação de enunciação para definir o significado enunciado pelo emissor (como, no exemplo da língua inglesa, se ouvimos /sun/ [/sol/] ou /son/ [/filho/]).

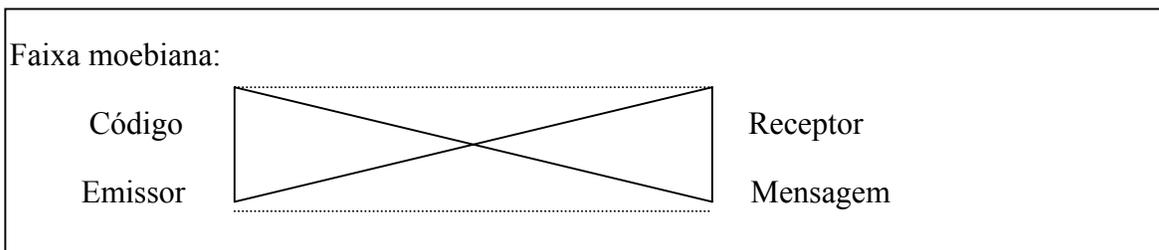
Novamente lançaremos mão de um esquema visual para apresentarmos a forma como optamos lidar com estas questões. Recorreremos à figura da cinta de moébius para nos referirmos à forma de retorno do sujeito em Jakobson.

Esquema 1- representado por uma faixa retangular:



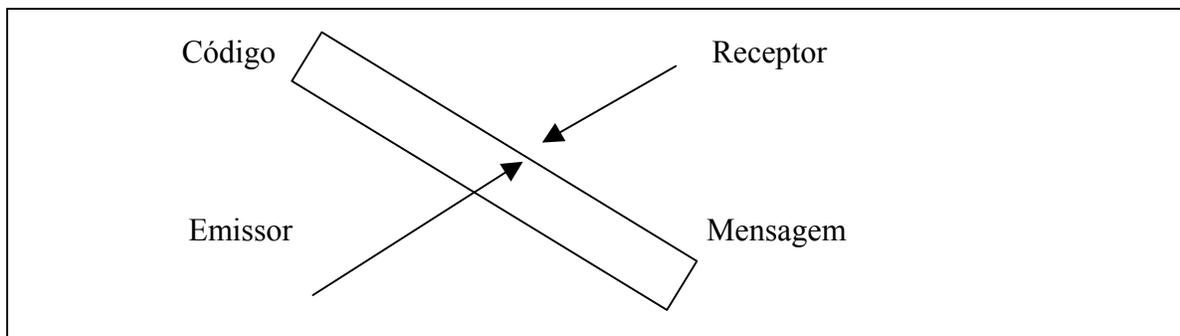
[Figura 11: O esquema retangular de Jakobson]

Lê-se: a comunicação se dá do Emissor que fala e codifica ao Receptor que escuta e decodifica a Mensagem do emissor , fechando-se o circuito. Aplicando a propriedade moebiana (meia torção e translado na faixa retangular, colando-se as extremidades) ao esquema 1 produzimos o Esquema 2:



[Figura 12 : O esquema moebiano de Jakobson]

Em nosso esquema:



[Figura 13: O espelho lingüístico de Jakobson]

Lê-se: o Emissor encontra no Receptor sua simetria imaginária garantida pela “língua espelho” emoldurada pelos pólos do código e da mensagem. Quando esta “língua espelho plano semi-transparente” se opacifica (iluminando mais um lado do espelho plano do que o outro) produz-se o efeito de estranhamento. Dois casais imaginários – emissor e receptor / receptor e emissor – se acham reduzidos a um único sujeito que “vê os próprios traços de seu rosto no espelho se transformarem nos traços do outro” (Darmon, 1994 , p.72).³⁴ Eis o sujeito poético de Jakobson recalcado pela função comunicativa da linguagem. A partir daí, um possível suposto sujeito poético em Jakobson, tal como um “eu sou um outro” de Rimbaud, segue sua errância (em seu rimbarco) sem ancoragem no rio corrente da linguagem. Como na evocação citatória de Lacan, sobre o “velho Rimbaud”, em A Terceira (1986): “Não me senti mais puxado pelos rebocadores” (Lacan, 1986, p. 35).

Assim encontramos no espelho lingüístico de Jakobson o retorno Imaginário do sujeito representado desde o Imaginário de completude fechando-se em seu circuito da comunicação. Enfim, o outro sou eu.

Passemos, então, a Benveniste.

34 Fenômeno muito utilizado nos filmes de terror, quando o espectador é surpreendido na cena em que o protagonista no instante em que olha através do vidro semi transparente da janela de sua casa, o cenário da rua ilumina-se por um trovão, fazendo surgir, no lugar da imagem deste mesmo protagonista refletida na janela, a imagem instantânea de seu perseguidor ameaçador.

2.3 O Sistema de Linguagem de Benveniste – A Língua é um Sistema de Enunciação.

Benveniste é, de um lado, um estrito saussureano e de outro busca romper a barreira do fechamento do sistema pelo estudo da significação, de modo geral, e mais particularmente, pelo estudo da subjetividade na língua. Por essa via ele procura manter o sistema como fechado em si, mas que tem paradigmas próprios para a constituição da subjetividade, ou melhor, da intersubjetividade da linguagem (Guimarães, 1995, p.45).

Benveniste – assim como Jakobson – produziu o seu “retorno a Saussure”. Um retorno que é uma segunda volta no interior do campo saussureano. Benveniste reabre, com suas perguntas, o Sistema de Saussure, para posteriormente voltar a fechá-lo, a partir de sua posição de leitor – que produz sua própria teorização através desta leitura. Benveniste, ao enunciar sua teoria do interior do campo saussureano, o reatualiza através de seu lugar de enunciação, renovando sua significação. Mas esta renovação é singular. Não deve ser confundida com uma hermenêutica, que manteria o campo saussureano sempre aberto a novas significações. É um retorno enunciativo, ou seja, que instaura um vazio no interior do campo saussureano – que pode ser representado pelo questionamento que este campo provoca no leitor, ou pela leitura que mantém o questionamento como possibilidade de sustentação de uma alteridade com o texto. Esse espaço vazio convoca um sujeito a preenchê-lo e com isso mantém a diferença entre a primeira e a segunda volta neste campo – entre Saussure e a leitura de Benveniste no interior do campo saussureano – inscrevendo, assim, um lugar singular de produção à própria teoria de Benveniste.

Este “movimento de retorno” foi teorizado por Lacan para dizer de seu retorno a Freud. Para que ele se produza, é preciso:

(...) ater-se à topologia do sujeito, a qual só se elucida em uma segunda volta sobre si mesma. Tudo deve ser redito em uma outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto, mas a posição de onde o saber pode revolver efeitos de verdade. Sem dúvida, foi de uma sutura praticada por um momento nessa articulação que se assegurou aquilo que de ciência logramos em termos absolutos (Lacan. Escritos, p. 369. ³⁵).

Tentemos acompanhar este movimento realizado por Benveniste para o que nos interessa abordar – a Língua enquanto um Sistema de enunciação. O que a nós importa sintetizar, da perspectiva de leitura de Benveniste, é o seu ato de “romper a barreira” mantendo o Sistema (da Língua). Trabalho de leitura que produz sua *aufhebung* (superar conservando) sobre os princípios saussureanos (do *Curso de Lingüística Geral*).

Nessa perspectiva de leitura, destacamos três textos de Benveniste, que consideramos expressar de forma minimalista a estrutura teórica que sustenta o axioma que propomos para defini-lo, qual seja: “A Língua é um Sistema de Enunciação”. Estudaremos: *A forma e o sentido na linguagem; Da subjetividade na linguagem ; O aparelho formal da enunciação.*

A leitura desses três textos é suficiente para pensarmos a passagem de Saussure a Benveniste. Isso se revela através do princípio por ele enunciado de que: “O sistema

³⁵ Utilizamos também a Edição Brasileira dos Escritos, referida sem número, diferenciando da referência à edição espanhola em dois volumes, seguida pela numeração respectiva, Escrito 1 ou Escrito 2.

lingüístico, sem deixar de constituir um sistema, deveria tomar em consideração os fenômenos de enunciação” (Benveniste, PLG II, p.62).

Destacaremos, em linhas genéricas, a passagem realizada por Benveniste das relações entre os Signos no interior do Sistema da Língua (na perspectiva saussureana) para as relações entre as posições de enunciação do sujeito na Língua. Na primeira posição, denominada no âmbito semiótico, as palavras já possuem sua significação no Sistema da Língua. O segundo âmbito refere-se ao semântico, onde as palavras adquirem significação no discurso (utilização da língua pelo falante). Para tal sistema, a Língua não existe, a não ser pelo exercício da fala. Sendo, então, a enunciação “... este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, PLG II, p. 82).

Iniciemos pelo *texto A forma e o sentido na linguagem*, onde Benveniste vai apresentar sua perspectiva de estudo da Língua (sua semântica estrutural) opondo nela dois níveis de significação – um semiótico, outro semântico. Este texto começa com um questionamento sobre o que é a significação. A resposta a isso organizará todo o argumento sustentado no texto, apresentando de modo exemplar o método de pensamento estrutural do autor.

Parte-se do pressuposto seguinte: antes de qualquer coisa, de qualquer definição possível, a linguagem significa, ou seja, é da própria “natureza” da linguagem significar. Diríamos : a linguagem não pode não significar. Benveniste nos diz que essa significação está necessariamente ligada ao exercício do discurso. Indicando, já no começo de seu texto, que a significação está necessariamente ligada à dimensão semântica da língua. A Língua

se realiza por meio de sons (emitidos e percebidos) que se organizam em palavras dotadas de sentido, ao serem instanciadas por um ato de fala.

Benveniste parte da noção saussureana de que a Língua é um Sistema de Signos, para ir além da análise realizada por Saussure. Diríamos que o Signo de Saussure será o coelho que Benveniste coloca em sua cartola, para fazer aparecer – aqui e de outra maneira – o que já se encontrava lá – no *Curso* de Saussure. E também para “fazer melhor” desaparecer aqui (em Benveniste) o que continua lá (em Saussure).

Para que esse “passe” de mágica se produza, é preciso realizar um desencaixe – da unidade do Signo intralingüístico – seguido de um re-encaixe – em sua nova unidade: a palavra. Vejamos passo a passo.

Primeiro Benveniste apresenta o conceito: “Dizer que a língua é feita de signos significa dizer que o signo é a unidade semiótica”. (Benveniste, PLG II, p. 224) Depois apresenta sua (con)seqüência lógica. Prepara o desencaixe (relativizando): para tal, é preciso esclarecer primeiro a noção de signo enquanto unidade e posteriormente no que depende da semiótica. Apresenta o desencaixe em duas partes: o Signo é a unidade de significação pois não podemos descer abaixo dele sem perder a significação.

O Signo assim definido depende da consideração semiótica da Língua. Conclusão parcial: o Signo é limitado pela significação. O conceito de significação subordina o de Signo. Torna-se necessário, agora, reorganizar o conjunto a partir da noção de significação. Já não estamos mais com a mesma teoria do valor de Saussure – pura diferença. Segue Benveniste: há dois modos de significação na língua: 1. o modo semiótico, que está organizado por relações paradigmáticas e internas à língua, onde cada Signo é significativo

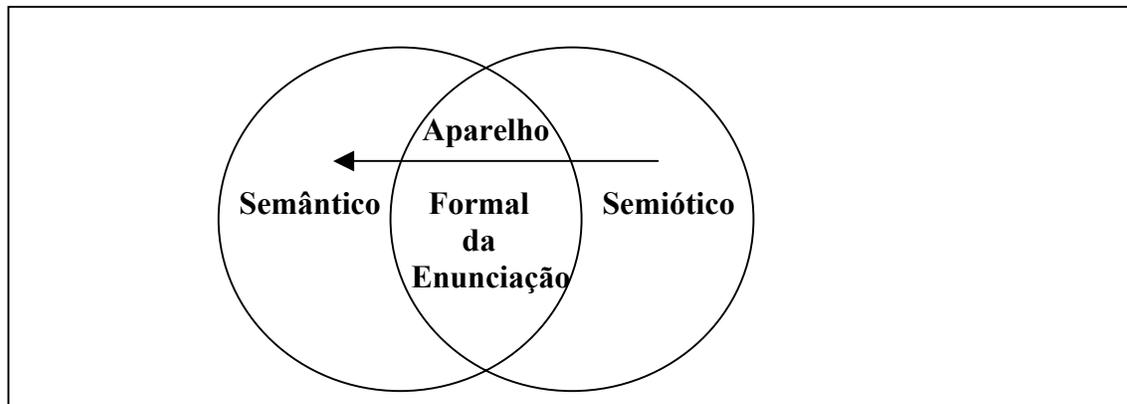
em relação a sua diferença com os demais; 2. o modo semântico, que está organizado por operações sintagmáticas no nível da frase, através da colocação da Língua em ação por um locutor.

Assim, a semiótica constitui uma propriedade da Língua e a semântica uma propriedade do locutor. As noções de forma e sentido, anteriormente disjuntas (semiótico, para a forma dos signos e semântico, para o sentido das palavras na frase) aparecem definidas e englobadas sob o enfoque semântico. “Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria (...)” (Benveniste, PLG II, p.233).

Esse englobamento, proposto por Benveniste, do nível de significação produzido pela articulação semântica – onde o sentido é definido pela Mensagem, que é organizada pelas palavras que, por sua vez, são determinadas pelo contexto de situação de discurso – vai possibilitar o desenvolvimento teórico sobre a categoria de pessoa e os conceitos de intersubjetividade e de enunciação.

Deslizar do Signo à significação na linguagem é a modalidade de dar forma ao sentido na linguagem – assim conclui-se o enigma cifrado no título deste item. Mas esta passagem não se completa sem a concepção de um *aparelho formal de enunciação* – que não apenas reorganiza o esquema mas acaba por subvertê-lo. Vejamos a seqüência das relações entre os âmbitos semiótico e semântico da linguagem, relacionados ao conceito de enunciação, no esquema abaixo:

O primeiro âmbito tem como unidade o Signo, o segundo a palavra.



[Figura 11 : aparelho formal de enunciação]

No âmbito Semiótico: a unidade de significação é o Signo – corresponde ao conceito de Língua em Saussure (*Curso*) – ,ou seja, a Língua é uma pura possibilidade combinatória (diferencial) que está virtualmente à disposição da comunidade dos falantes. Assim, o âmbito semiótico define-se pela existência do Signo na Língua, que depende exclusivamente das relações diferenciais que estabelece no interior do sistema, independentemente da existência do sujeito e da referência

No âmbito Semântico: a unidade de significação é a palavra – considerada como “língua em uso”. É a palavra que, ao ser *agenciada* pelo locutor, coloca a Língua em funcionamento. Língua e uso são indissociáveis. Um não existe sem o outro. Assim, o âmbito semântico está na dependência da apropriação da Língua, de seu uso por um locutor, sendo que “as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico” (Benveniste, PLG II, p.233).

Com o *Aparelho Formal de Enunciação*: a unidade de significação passa a ser o próprio ato de enunciação. O *Aparelho* integra os dois sistemas anteriores. Aqui as palavras (semantizadas pelas relações que estabelecem no interior das frases) transformam-

se em *indicadores de subjetividade* – *eu-tu / ele* enquanto signos de *uma relação ao ato de fala* – pois implicam, na e pela enunciação, a “referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (Benveniste, PLG II, p.230) onde atitude e contexto (*este – aqui – agora*) tornam-se inseparáveis.

A passagem do Semiótico ao Semântico é realizada pelo aparelho formal de enunciação. Feita a passagem, a Enunciação adquire *status* de conceito englobante, subvertendo as unidades do semiótico e do semântico. Chega-se, assim, à definição de que: “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-a como eu” (Benveniste, PLG I, p. 288).

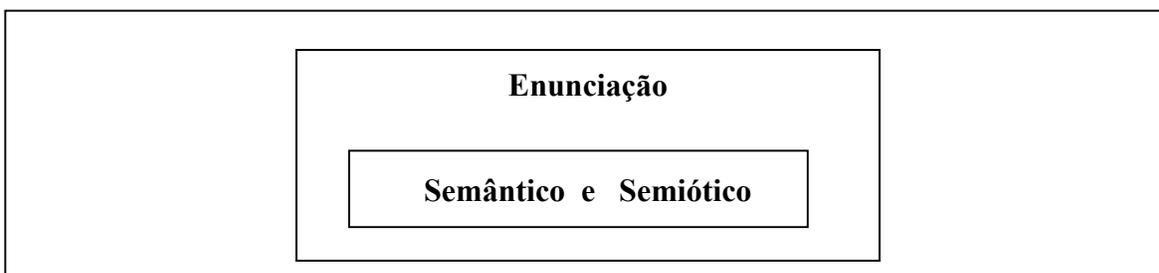
Conclui-se que a distinção dicotômica entre os âmbitos Semiótico e Semântico da língua desaparece, ao ser pensada através de sua articulação pelo Aparelho formal de enunciação. Assim, a relação entre dois conjuntos – um semiótico (que significa na língua) e outro semântico (significa no uso da língua) – é englobada pelo ato de enunciação, através do qual tanto a Língua se realiza no sujeito como o sujeito na Língua. Desliza-se do Signo à palavra, e da Língua à presença do sujeito na Língua.

Nosso esquema se redefine: a Enunciação engloba e (re)define uma relação necessária na língua entre o Semiótico (signo) e o Semântico (discurso). Deixamos um esquema de classificação dualista (da relação Semiótico e Semântico, e vice-versa) em que predomina a lógica *das partes*, ou seja, da complementariedade dos elementos (do signo para o primeiro e da palavra para o segundo) no interior do conjunto – elidindo a referência à totalidade (da estrutura) da qual constitui – para a lógica *do todo*, de preeminência da estrutura, isto é, do *Aparelho formal da enunciação*.

Assim temos um esquema de englobamento, onde, no nível superior temos unidade e no inferior temos distinção (faz parte e ao mesmo tempo difere da unidade). Um exemplo desta lógica hierárquica pode ser encontrado na narrativa do Gênesis sobre a criação de Eva a partir de uma costela de Adão. Num primeiro nível (englobante), homens e mulheres pertencem à categoria englobante *Homem* como representantes da espécie humana. Num segundo nível (englobado), homens e mulheres diferem como protótipos de indivíduos (partes de um conjunto: a espécie humana) machos ou fêmeas. É só com referência ao nível 1 que pode haver unidade no nível 2. Dito de outra forma, o princípio da unidade encontra-se fora do casal.³⁶ Assim, por exemplo, podemos enunciar “este homem não é Homem”, lendo (escutando) – com Benveniste e com Lacan – em cada termo dois valores (dois significantes) diferentes do mesmo conceito. Talvez pudéssemos dizer, aqui, saussureanamente, que o valor (determinado pelas relações do sistema) instaura a diferença determinando a significação.

Num exemplo empírico, cotidiano e não propriamente lingüístico, podemos observar que o valor não pode ser dissociado das relações de diferença produzidas no interior de um conjunto. Assim, por exemplo, não existe mão direita e mão esquerda senão em referência à totalidade do corpo humano. Elas são sempre vistas em relação a um todo que as organiza e as define. Ou seja, diferenciação quer dizer diferenciação de valor. Neste breve procedimento analógico, não saímos do campo da linguagem. Retomemos esquematicamente, então:

36 Confira-se o trabalho do antropólogo francês Louis Dumont, *Homo hierarchicus: O sistema das castas e suas implicações*, que desenvolveu uma teoria própria da hierarquia para compreender as diferenças entre sociedades Holistas – como a Índia – e sociedades individualistas – como a nossa sociedade ocidental moderna.



[Figura 15: A enunciação englobante]

Do conjunto de Signos da Língua (presentes de forma geral e *a priori* indefinido para o sujeito), as palavras mobilizam alguns destes signos e os articulam a uma significação particular (a partir do uso da língua) que decorre da forma como as palavras se arranjam e se relacionam no interior de uma determinada configuração sintática. “A palavra é a unidade do semântico, entretanto ela está sempre na frase pois a função da língua é predicar” (Lichtenberg, 2001, p.153).

Mas esta unidade de base, que é a palavra, não tem a menor consistência se um “eu” não fala nela. Um “eu” que é, ao mesmo tempo, Signo do Código na Língua e índice do enunciador na Mensagem, como poderia ser dito em linguagem jakobsoniana. Assim, na perspectiva da enunciação, a palavra “eu” que designa o enunciador (quem diz eu) está em relação existencial com a enunciação na qual funciona como índice, onde um sujeito vai enunciar neste encaixe lingüístico. Benveniste fornece um conteúdo existencial ao que seria, em Saussure (*Curso de Lingüística Geral*), apenas uma estrutura universal da linguagem.

Esta passagem foi possível, em grande parte, pelo desenvolvimento do conceito de subjetividade elaborado por Benveniste.

Em “Da subjetividade na linguagem” (1988), Benveniste começa por questionar a afirmação de que a linguagem possa ser considerada como instrumento de comunicação. Considerá-la como instrumento seria opô-la ao homem, que não existe em sua natureza separado da linguagem. Tanto um (homem) quanto outro (linguagem) são de “natureza” eminentemente simbólica e realizam-se mutuamente.

Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (Benveniste, PLG I, p. 285).

Dessa forma, a subjetividade define-se por existir na própria linguagem. E traduz-se pela “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’ ” (Benveniste, PLG I p.286).

É “ego” que diz *ego*. É “eu” que se apresenta como *sujeito* em seu discurso.

Portanto, fica esclarecido, logo de início, que não se trata de nenhum sujeito psicológico (sentimento de si mesmo), nem biológico (espécie) ou mesmo sociológico (indivíduo), pois só há sujeito na linguagem, fundamentado no *status lingüístico da ‘pessoa’*.

(...) o sujeito, nessa concepção, é produto de um jogo de interação dado pelo uso das formas lingüísticas que, pertencentes à língua, possibilitam a passagem do locutor a sujeito num processo de apropriação da língua (Flores, 1999, p.28).

Os pronomes pessoais são essas formas lingüísticas que indicam a ‘pessoa’. Eles são signos que, apesar de existirem na língua, não remetem a um conceito. Os pronomes

personais existem na língua como signos vazios, que só adquirem sentido dentro de uma instância de discurso. A subjetividade está no próprio exercício da língua. Designar-se como *eu* permite ao locutor apropriar-se de toda a Língua.

A linguagem de algum modo propõem formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definido-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu (Benveniste, 1989, p.289).

A forma pronominal “ele”, por estar fora da alocução e não remeter a nenhuma pessoa, é designada por Benveniste como “não-pessoa”. “A forma ele ... tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por “eu” ” (Benveniste, PLG I, p.292).

Assim, a enunciação, por estar sustentada por aquele que se enuncia “eu”, identifica-se com o próprio ato. É a subjetividade do discurso (seus indicadores) que torna possível o ato enunciativo. Como nos indica Benveniste, dizer “*ele*” *jura* é uma descrição, mas dizer “*eu*” *juro* torna-se um compromisso.

O fecho se fecha. A Língua, então, longe de ser um instrumento, deve ser assumida como intersubjetividade para que a comunicação seja possível. Assim, as relações do sistema pronominal da pessoa estão diretamente relacionadas ao *aparelho formal de enunciação*. Definição que se reabre para melhor definir-se em *O Aparelho formal da enunciação*. Busquemos um texto de apoio, no qual estas definições aparecem de forma bastante clara.

Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste define as características destes termos. A primeira característica é a de que:

uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua unicidade específica: o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual o “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum (Benveniste, PLG I, p.253) .

A segunda característica :

consiste em que “eu” e “tu” são inversíveis : o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu” , e “eu” se torna “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa nada nem ninguém (Benveniste, PLG I, p.253).

A terceira característica :

“terceira pessoa” é a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente. Mas atenção, “não se deve representar a “terceira pessoa” como uma pessoa apta a despersonalizar-se”. Ela é a “não-pessoa, que possui como marca a ausência do que qualifica especificamente o “eu” e o “tu”(Benveniste, PLG I, p.253).

Relembrando o *Aparelho formal de enunciação*, onde define-se que “eu” e “tu” são dois signos vazios e não referenciam nada da realidade, servindo apenas para estabelecer uma relação intersubjetiva na linguagem. Quando alguém fala, estes Signos vazios se preenchem e tornam-se cheios, referindo tanto o sujeito que fala neles quanto a situação de enunciação em que estão implicados “aquele que fala”, “aquele a quem se fala”, e também “aquele que está ausente” desta fala. Toda esta referência está limitada pelo tempo em que um “eu” toma a palavra diante de um “tu”. Quando este “eu” se cala, dá direito ao “tu” de

tornar-se “eu”, que (re)toma este lugar “da própria boca de seu interlocutor” (Dufour, 2000, p.85). Sucintamente, usar “eu” é “reconhecer-se mutuamente o direito à fala”.

Trocando, sem parar, “eu” e “tu”, garantimos por contraste nosso arrimo comum no presente, definido por um “aqui” e um “agora” (...). O presente nada mais é do que o tempo em que “eu” fala a “tu” (Dufour, 2000, p.86).

Dessa forma, poderíamos dizer que, do ponto de vista da enunciação (e também da psicanálise) “eu” só existe por um outro (“tu”) e , se este outro não está, “eu” corre o risco de desaparecer. Mas “eu” também existe para um outro (“tu”) no qual “eu” se reconhece. Assim, “eu” é aquele que diz “eu”, mas é preciso que diga “eu” em presença (real e / ou simbólica) de um “tu”, que autentifique a consistência desse “eu” diante de si próprio. Poderíamos dizer, nesse sentido, que existir é ex-sistir de si mesmo. Mas para que “eu” e “tu” se assegurem mutuamente de sua presença (ou da referência a sua indexação na língua) é preciso que o “ele” faça o seu papel, garantindo a ausência fora do campo definido pelo *órgão da troca* “eu” e “tu” . Dito de outra forma, o “ele” ao representar a ausência no discurso garante a presença do “eu-tu”. Existe um “eu-tu”, *aqui e agora*, incluídos no discurso porque existe um “ele” , lá, ausente, fora da cena.

Podemos dizer, então, com Dufort (2000), que “é necessário ao sujeito [eu (eu-tu)] e a este outro [tu (eu-tu)] um Outro [ele] marcando a ausência fora do campo deles para que não contamine a copresença” (Dufort , 2000, p.91).

Esses operadores de enunciação de Benveniste – das relações transitivas entre o “eu” e o “tu” , representadas pelo conector lógico “e” , assim como a relação intransitiva designada pelo “ele” representada pelo disjuntor lógico “ou” – guardam forte relação de

isomorfismo com os operadores de linguagem de Jakobson – da metáfora, enquanto ausência positivamente representada no campo da presença, e da metonímia como sucessão de lugares dos espaços de fala do sujeito.

Quando um lugar de enunciação – espaço de fala – articula-se a um momento de enunciação – *este, aqui e agora* – um sujeito pode aí advir como efeito de sentido desta articulação. Talvez, assim, de uma teoria do sentido (presente em Benveniste) possamos articular uma teoria do sujeito (ausente em Benveniste)

2.3 O retorno simbólico do sujeito em Benveniste.

Na perspectiva de Benveniste, a língua se apresenta como um campo de ligações estruturais de lugares de enunciação, que permite ao sujeito, num mesmo lance, acessar a língua e aceder à condição de *pessoa* (Benveniste) que lhe possibilita habitar a estrutura simbólica da linguagem. A linguagem só é possível, para Benveniste, porque “cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (Benveniste, PLG I, p.286). Para Benveniste, a comunicação é apenas consequência disso – diferentemente do modelo de Jakobson, em que a comunicação ocupa um lugar central.

A psicanálise acrescentará à esta série de laços estruturais uma subtração, uma falta que os organiza e os define ao redor de um impossível (de dizer), de um interdito, de algo

que estabelece um limite à estrutura e a define enquanto existente. Esse interdito é da mesma ordem daquele que funda toda a possibilidade de cultura para a antropologia e toda a possibilidade de subjetividade (que haja sujeito do e ao inconsciente) para a psicanálise. É devido a isso que tanto a cultura (para Lévi-Strauss) quanto o inconsciente (para Lacan) estão estruturados como uma linguagem.

Assim, entrar na cultura ou aceder ao inconsciente é o mesmo que entrar num sistema simbólico que se constitui na e pela linguagem. E enunciar é se dobrar às exigências desse sistema – um sistema Simbólico que tem como condição de sua existência que haja um impossível que lhe seja fundante. Mas, ainda é preciso que algo sustente esse impossível, enquanto função discursiva.

Essa função discursiva apresenta-se na antropologia de Lévi-Strauss, por exemplo, na figura do *operador totêmico* – aquele que interdita o canibalismo de um determinado animal que simboliza o mito de origem de determinado grupo étnico (pois comê-lo seria comer a sua própria existência), assim como interdita as alianças conjugais entre os membros de um mesmo grupo totêmico, possibilitando que as relações de aliança entre os grupos regre as relações de consangüinidade (a interdição prescreve leis positivas e negativas – diz com quem se deve casar e com quem não é possível fazê-lo).

Essa função discursiva – que sustenta a interdição – é definida tradicionalmente na psicanálise como *função paterna*, que possibilita o estabelecimento dos laços edípicos, ou seja, das relações possíveis entre as posições denominadas, em nossa cultura, de “pai”, “mãe” e “filho”, no interior do que se convencionou chamar de “família”, sustentadas por uma conjugação impossível “mãe-filho”.

A *função paterna* será responsável por definir o lugar da falta na estrutura, regradada pela operação simbólica chamada de *castração*. Essa falta será simbolizada por um significante a partir do qual a significação de todos os lugares (na língua, na cultura, nos laços sociais e pessoais) vai se organizar: o significante do *falo*. Este “significante é externo à estrutura – pois a funda como possibilidade – e também é interno a ela – pois está destinado a designar os efeitos de significado em seu conjunto. No léxico psicanalítico, esse “falo simbólico” equivale à lei, tanto à lei que permite a existência da cultura, quanto a que permite a existência da linguagem, como também a que permite a existência do sujeito. É essa *função* que sustenta que todos os lugares tomem sua significação. Sendo assim, temos que, na psicanálise, toda a diferença é, em primeiro lugar, uma diferença sexual (filho/filha; homem/mulher).

Em termos da presença de um sujeito na Língua, quando alguém vai falar, fala do lugar que lhe é permitido e outorgado por esta *função*. Fala-se em nome da *função* que lhe outorgou um lugar na estrutura da linguagem e que organiza essa própria estrutura, isto é, fala-se em *nome do pai*.

Para ser falante, é necessário referir-se a essa *função*. Para falar é preciso ocupar esse lugar. Mas esse lugar não é um lugar vazio, ele é constituído de uma série de traços que são os traços ideais supostos a essa *função*. Por isso Lacan vai situar o sujeito falante, como aquele que aceitou ocupar esse lugar que vai se constituir como o *Ideal do Eu*. Assim, o lugar de onde o sujeito fala é lugar do *Ideal do eu*.

A partir deste modelo, advindo da psicanálise, podemos (re)situar os modelos de Benveniste e Jakobson, para nossos propósitos comparativos, da seguinte forma:

Com Benveniste estaríamos de acordo que, enquanto falantes, no sentido da enunciação, nós falamos desse lugar que o *Outro* (Lacan) nos outorgou na estrutura (o *Aparelho formal de enunciação* na Língua, para Benveniste e o *Ideal de Eu* constituído de traços inconscientes, para Lacan) no nosso acesso à linguagem.

Mas, se em Benveniste é deste lugar na estrutura que um sujeito assume a palavra, para Jakobson continuaríamos a nos ver como uma imagem ideal (virtual) no espelho da linguagem, que corresponderia ao projeto de completude da linguagem comunicacional visado pela miragem relativa ao casal “locutor-ouvinte”.

Assim, em Jakobson, o trajeto do sujeito na estrutura da linguagem vai ser comandado pela necessidade de corresponder a essa idealidade, pela necessidade do falante ser este *Eu ideal*, preso na busca de ser reconhecido como portador dos significantes desta imagem virtual idealizada. Uma miragem imaginária da realização do fantasma de completude na língua que corresponde a um sujeito ascético, puro, não marcado poderíamos dizer, tomando a metáfora do modelo fonético de Jakobson (não denota informações a seu respeito).

Teremos dois percursos do sujeito na Língua. Em Benveniste, um percurso do lado do *Ideal do eu*, que comanda o caminho do sujeito pelo Simbólico, e em Jakobson, um percurso do lado do *Eu ideal*, que comanda o caminho do sujeito pelo Imaginário.

Assim, podemos dizer que o sujeito faltante (Real) do sistema de Saussure retorna enquanto trajeto Simbólico do sistema de Benveniste correspondendo ao *Ideal de eu*, e enquanto trajeto Imaginário do sistema de Jakobson correspondendo ao *Eu ideal*.

É necessário lembrar que, segundo a psicanálise, estas duas posições do sujeito na estrutura não existem separadamente, pois uma não existe sem a outra. Elas correspondem, de certa forma, ao movimento de abertura e de fechamento da linguagem, ou aquele da constituição das certezas que dão consistência ao sujeito e seus momentos de ruptura ou de relativização que reduzem o sujeito a um lugar na estrutura. No primeiro, o sujeito busca conhecer no outro os traços ideais a partir dos quais procura reconhecer-se a si mesmo nestes traços – estabelecendo uma trajetória de continuidade entre o eu e o outro. No segundo, a consistência dá lugar à existência. O sujeito pode reconhecer, *no a posteriori* de sua fala, o conjunto de traços que lhe permitiram enunciar, ou seja, de que lugar (de sua estrutura subjetiva linguageira) organizou-se determinado dizer. Não basta apenas um lapso, um tropeço na linguagem, para dizer que algo falou no lugar do sujeito, as expensas de sua vontade, mas é preciso articular “isso”, que surgiu inesperadamente, com os significantes que fazem série na história do sujeito (como veremos no exemplo tirado de Freud, logo adiante neste trabalho).

Assim, consistir imaginariamente na continuidade (eu – outro) e existir simbolicamente na alteridade (eu / outro) são duas modalidades de um mesmo sujeito na estrutura. É a falta que os articula – e aqui entramos o específico da psicanálise.

Ao consistir imaginariamente o sujeito busca seu sentido, “seus” significados, conjugando-os com os significados que supõe compartilhar com os outros, numa solução de continuidade – aqui nada vem a questionar este contínuo, pois o sujeito não percebe que busca seu sentido no outro. Mas se, para ser, o sujeito busca seu sentido no outro é porque não o tem. Algo lhe falta para ser. É preciso ter um lugar no (desejo do) outro para ser. É

preciso ter um atributo nomeado pelo outro para ser. Enquanto o sujeito “tem” este atributo (tem um sentido) o outro “é” e por “ser” pode lhe fornecer o sentido - onde há “ser” no outro há “ter” no sujeito e onde há “ter” no outro há “ser” no sujeito. Duas faltas se recortam: uma falta de ser e uma falta de sentido. Assim, a partir deste movimento de descontinuidade, entre o eu e o outro, a falta vem ao ser pela perda da completude – ele não mais faz um com o outro (lembramos nosso casal imaginário do modelo comunicacional de Jakobson). Pode-se dizer, então, que o sujeito é falta-para-ser. É através de sua relação de alteridade com a própria linguagem que o sujeito poderá estar ausente e presente ao mesmo tempo. Que ele poderá estar ausente mas representado por um significante que o fará presente. É sua capacidade de “(re)inventar-se” continuamente nesta linguagem, a partir do que sua estrutura lhe impõe – através de seu *Sinthoma*³⁷ – que lhe possibilitará simbolizar esta falta-para-ser, este buraco, para que possa compor com os traços de seu *Ideal do eu* o seu próprio caminho. Como vimos, não estamos mais nem totalmente com Jakobson nem totalmente com Benveniste. Este sujeito não é mais um sujeito de pura enunciação, uma concha vazia a ser preenchida. Mas um sujeito que irá compor sua enunciação na linguagem e na Língua, com os traços que lhe foram cunhados em sua estrutura subjetiva e que conformam seu *Ideal de eu* e sustentam seus projetos identificatórios. Esses traços que definirão seu estilo, sua forma de compor com a linguagem, seu “fazer-com-a-língua”, isto é, seu *Sinthoma* – aquilo que fala na estrutura.

Passemos agora ao nosso próximo item, onde retomaremos a inter-relação estrutural de nossos axiomas lingüísticos.

37 *Sinthoma* retoma a antiga grafia francesa de sintoma para expressar a forma de lidar com o desejo inconsciente, diferenciando-se da concepção de um sinal de doença. Falaremos mais sobre o *Sinthoma* nas notas 38, 52 e 54.

2.4 Uma Falta Comum

Como opera a estrutura sobre nossos três axiomas lingüísticos ?

Para respondermos a esta questão lançaremos mão de uma pequena variação no procedimento metodológico utilizado na construção de nosso texto até o momento. Esta variação se justifica por tratarmos, neste item, de uma síntese relacional das três estruturas de linguagem referidas até o momento. Nossa primeira idéia foi a constituição de uma grade que apresentaria ao leitor, de forma panorâmica, uma síntese das relações entre os sistemas referidos até o momento. Por uma questão de clareza, acabamos optando pelo tratamento seqüencial dos seis princípios estruturais a que correspondem as três teorias abordadas. Os seis princípios são sincrônicos a cada teoria, e cada teoria é disposta em uma seqüência diacrônica. Assim, por exemplo, ao dispormos na sincronia o princípio número “1”, seus correspondentes na diacronia serão os da modalidade da atualização do primeiro princípio em “1.1”; “1.2” ; “1.3”. Desta forma, descrevemos, enumerado e em negrito, os seis princípios estruturais compartilhados pelos autores abordados, para , seqüencialmente descrevermos a forma como cada um lida com cada princípio estrutural referido, visando demonstrar como opera a estrutura em cada modelo. Dito de outra forma, visando explicitar como cada um responde ao imperativo de uma *ciência ideal* produzindo os axiomas de seu *ideal de ciência* próprio (Milner, 1996). Passemos ao nosso esquema seqüencial.

1. A estrutura da língua é eminentemente simbólica (não pode não significar) ;

1.1 Em Saussure a estrutura da Língua significa através da relação de diferença entre os signos no interior do sistema da Língua.

1.2 Em Jakobson a estrutura da Língua significa através do jogo metafórico e metonímico produzido no interior dos sistemas hierárquicos de signos da Língua, estratificados em níveis que vão dos traços diferenciais dos fonemas até as unidades do discurso (que, relativos ao falante, significam da menor à maior liberdade de criação de sentido na Língua). Estes estratos se organizam, no discurso, de acordo com a predominância de uma das seis funções de base da linguagem das quais se destacam as polaridades da função comunicativa (fática) e da função poética – que também definem-se pela polaridade que vai da menor liberdade de inovação de sentido (que se relaciona ao domínio do significado no código da Língua) à maior liberdade de inovação de sentido (onde predomina a relação entre os significantes e da mensagem na Língua).

1.3 Em Benveniste a estrutura da Língua significa através da enunciação – onde um locutor, ao colocar em funcionamento a Língua, por esse ato individual de utilização torna-se, sujeito. Isso somente é possível porque existe no interior da própria Língua um *aparelho formal de enunciação* constituído, entre outras coisas, pelo conjunto “eu”, “tu” e “ele” . Esse aparelho funciona, de certa maneira, como um dispositivo no interior da Língua, que inscreve sempre em seus lugares os alocutários. “Quando um sujeito fala, ele, diz “eu” a um “tu”, a propósito d’ “ele” ” (Dufour,2000, p.69).

2. o sentido procede sempre de um lugar no interior do Sistema da Língua;

2.1 Em Saussure a significação é produzida pela noção de valor

2.2 Em Jakobson o sentido se dá pela decodificação do código pelo ouvinte ou pela codificação da mensagem pelo falante.

2.3 Em Benveniste o sentido se dá pela semantização da língua quando posta em discurso.

3. cada elemento da estrutura é determinado pela relação diferencial que estabelece com os demais (no interior do sistema da língua) ;

3.1 Em Saussure o **elemento** da estrutura é o **signo** determinado pela relação diferencial que estabelece com os outros signos

3.2 Em Jakobson o **elemento** da estrutura é um sistema mínimo de signos hierarquizados (estratos)

3.3 Em Benveniste o **elemento** da estrutura é o Aparelho formal de enunciação que unifica a relação dos signos com as palavras e frases numa situação particular de discurso.

4. o Sistema de Signos da Língua é virtual (potencialmente presente) e realiza a estrutura da Língua ao se atualizar através de certas relações diferenciais entre si;

4.1 Em Saussure o Sistema da Língua é virtual e se realiza através das relações diferenciais entre os Signos.

4.2 Em Jakobson o Sistema da Língua é virtual e se atualiza através do intercâmbio de Signos entre falante e destinatário no ato de comunicação.

4.3 Em Benveniste o Sistema da Língua é virtual e se realiza através da apropriação individual do Aparelho Formal de Enunciação.

5. os Signos são entidades de dupla face (significante / significado) que se organizam em séries paradigmáticas e sintagmáticas, que, por sua vez, podem deslocar-se de forma metafórica (uma sobre a outra) ou metonímica (no interior da série);

5.1 Em Saussure os Signos são organizados pela noção de valor, que operacionaliza as trocas responsáveis pela produção da significação, no interior do Sistema da Língua.

5.2 Em Jakobson os Signos formam uma hierarquia parte-todo no conjunto da Língua – indo dos traços diferenciais dos fonemas até as unidades maiores do discurso.

5.3 Em Benveniste os Signos são as unidades de significação do âmbito semiótico da linguagem. Articulados em palavras, são apropriados pelo locutor e tornam-se instrumento de expressão semântica. Através dos indicadores de subjetividade na Língua os Signos são referidos ao próprio ato de fala e a sua situação de discurso.

6. a falta: a estes princípios , soma-se aquele do sujeito, na forma de um elemento irreduzível ao Sistema “o qual se define por faltar em seu lugar”. (Cf Dufourt, 200, p. 30) O operador deixa de ser apenas a estrutura, incluindo nela a noção de falta que (a estrutura) necessariamente deve comportar para suportar um Sujeito.

6.1 Em Saussure o Sujeito está como impossibilidade : como a marca do que não existe no interior do Sistema (o sujeito “não cessa de não se escrever”). Somente poderia advir como existente pela negação da totalidade da Língua, instituindo ao menos um ponto de falta.

6.2 Em Jakobson o Sujeito está como necessidade : para todo falante é necessário que sustente a comunicação. Ao comunicar o sujeito “Não cessa de se escrever”. É o que lhe permite consistir imaginariamente como sujeito.

6.3 Em Benveniste o Sujeito está como possível : a enunciação está dada como pura possibilidade, para todo “homem” na Língua, mas ela não se efetiva se o locutor não tomar a palavra. O sujeito então “cessa de se escrever”.

6.4 Aqui intervém a psicanálise: na psicanálise teremos o Sujeito submetido à contingência: ela introduz nos sistemas anteriores um sujeito que “cessa de não se escrever”, podendo, então, advir no Sistema da Língua.

Assim temos que:

a) em Saussure o Sujeito é forcluído – a predominância do registro do Real define o Sistema.

b) em Jakobson o Sujeito é imaginarizado como unívoco – a predominância do registro do Imaginário define o Sistema.

c) em Benveniste o Sujeito está “presente pela ausência” (como lugar de enunciação na Língua) – a predominância do registro do Simbólico define o Sistema.

Na psicanálise o Sujeito pode advir no lugar de articulação dos Sistemas anteriores. Ao articulá-los o Sujeito se desfaz do absoluto suposto do Real, desvela o fantasma de completude do Imaginário e intervém como suporte da enunciação no Simbólico, podendo estar “ausente pela presença” de um Significante que o represente.

Este movimento de enlace produz retroativamente uma nova maneira de lidar com o Real do sistema da Língua em Saussure – destacando nos significantes do conjunto teórico saussureano um significante que diga de um Sujeito. Para que, no interior desse conjunto, possa advir um representante de uma representação do um Sujeito.

2.5 Finalizando o capítulo.

Como dissemos anteriormente, acreditamos que é possível pensar que os três Sistemas de linguagem formam, juntos, um único Sistema de linguagem. Isso se dá ao serem organizados como um conjunto de textos que giram em torno de uma falta comum a todos eles. Introduzir uma falta no interior de cada um dos conjuntos teóricos é o que nos permitirá articulá-los. Essa falta cumpre a função de um elemento que não se deixa

enquadrar no fechamento de cada um de nossos Sistemas de linguagem examinados. Tal elemento se expressa pelo conceito lacunar de “sujeito”.

Temos assim um trajeto: da estrutura ao sujeito. Temos assim uma travessia: do sujeito na estrutura. Temos assim um procedimento: localizar o sujeito na estrutura. Procedimento que define-se que por uma teoria do Sujeito que é relativa a uma teoria do Significante. Temos assim um campo onde esta teoria se define: o campo da psicanálise lacaniana. Este procedimento nos permite “derivar de uma relação lingüística um sujeito que seja capaz de sustentá-la (...)” (Miller, 1964, p.17). Teorização que tentaremos produzir em nosso próximo capítulo.

3. POR UM CONCEITO DE SUJEITO

O sujeito como expressão gramatical, força retórica ou outros, não é mais que efeito, quando muito, desta articulação que se produz num instante pontual em que supomos que a verdade fala e o saber se articula para suportar este falar (Souza, 1996, p.10).

Neste capítulo iremos propor um conceito de Sujeito³⁸ que seja compatível com o conceito de Estrutura , ou seja, tentaremos trabalhar com um conceito de Sujeito sobre o qual opera a Estrutura da linguagem. Assim, retomaremos os argumentos formulados no capítulo anterior, para definir que proposições sobre o Sujeito são necessárias para que a Estrutura possa operar sobre ele. Adiantamos que, o Sujeito será definido na Estrutura por *faltar em seu lugar* (Dufour, 2000, p.30) e que a Estrutura irá se definir por conter essa falta.

Retomemos nosso fio de *Ariadne*. No capítulo anterior, falamos de uma falta comum aos três Sistemas de linguagem: um conceito de Sujeito. Da exterioridade lingüística, convocamos a psicanálise lacaniana para dizer desse conceito. O motivo dessa

38 Sendo assim, passaremos a grafá-lo com maiúscula.

escolha, enunciado na introdução de nosso trabalho, remete aos três critérios epistemológicos escolhidos para relacionar nossas teorias de referência, quais sejam: 1. serem estruturalistas; 2. construírem seus axiomas relacionados à linguagem e suas proposições incluírem o conceito de Língua; 3. não diluírem o objeto Língua em seus teoremas explicativos. Esses critérios epistemológicos nos permitem incluir a psicanálise lacaniana nessa reflexão. Assim, a lingüística torna-se afetada pela psicanálise e, por extensão, a falta “comum” que referimos anteriormente passa ao estatuto de uma falta fundante. Ou seja, uma falta que articula nossos três Sistemas a seu “mais um” (a psicanálise), transformando-se em algo que, ao não se inscrever circunscreve um lugar de articulação, uma “casa vazia” que se preenche por uma interrogação (sobre a presença de um Sujeito na Estrutura). Uma falta que funda, num mesmo ato, uma Estrutura e um Sujeito “nesta / a partir desta” Estrutura.

Na verdade, trata-se de uma dupla falta, ou de uma falta que remete a dois valores diferentes de um mesmo conceito. Digamos que, em função de algo faltar na Estrutura, é possível que, deste lugar faltante, surja um Sujeito, assim como é porque algo falta ao Sujeito que uma Estrutura pode se apresentar a ele³⁹.

39 Isto que falta ao Sujeito pode ser pensado através do processo de uma psicanálise, apresentado, resumidamente, pelos seguintes tópicos: 1. um *a priori* – para a psicanálise a existência é jogada nos significantes; 2. um momento inicial – onde aquele que procura uma análise sofre por faltar-lhe as condições para enunciar seu sintoma. 3. Uma travessia do Sujeito na língua, onde o que lhe era impossível de dizer (Real) passa a ser lido por ele como uma interrogação que se apresenta através da linguagem e que definirá o seu sintoma; 4. uma conclusão – o sintoma se torna um Sinthoma, ou seja, aquilo que fala na estrutura. Ao reestabelecer sua alteridade com a própria estrutura da linguagem o Sujeito tem condições de criar suas respostas a este vazio de significação que lhe angustiava. Assim, sua capacidade de lidar com a linguagem se renova, produzindo um novo fazer com a língua para que o Sujeito encontre sua forma (seu estilo) de responder a interrogação de sua estrutura e suportá-la pelo exercício da fala. Idéias baseadas em minhas anotações realizadas a partir da escuta da palestra do psicanalista Alduísio Moreira de Souza no congresso da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, em 1991, sobre “A cura”.

Nesse sentido, não temos uma dualidade Sujeito / Estrutura (ou vice-versa), mas uma implicação, na qual um não existe sem o outro. Isso permite passar do Um “fechado” da Estrutura da Língua (quando nossos três Sistemas de linguagem se constituíram em Uma Estrutura englobante) ao Um “aberto”, o *um* da fenda na Estrutura que é também o *um* do traço Significante do Sujeito na Estrutura.

Desse modo, a falta que articula um Sujeito na Estrutura da linguagem pode ser pensada como interna à própria linguagem : 1º) há um indeterminado na linguagem – um “isso” – que se apresenta através de Significantes prévios a qualquer significação. Tal “antecedência de significantes à leitura de qualquer significado promove uma hiância, cujo espaço o sujeito tenta preencher com significações” (Medeiros, 1997, p. 44) ; 2º) esta indeterminação adquire seu primeiro esboço de determinação através de um advérbio relativo de lugar: onde ; 3º) esse “lugar” é o que permite uma articulação lógica para o Sujeito, que se apresenta através do enunciado freudiano *Wo es war, soll Ich werden* , ou, na tradução que propomos, *“Onde isso era devo advir”* , isto é, lá onde isso era devo advir como Sujeito. Este lugar é, em Lacan, relativo ao conceito de grande Outro, um lugar de pura articulação lógica dos Significantes que dizem do Sujeito.

A passagem do indeterminado ao determinado na linguagem também foi realizada por Saussure. Com a diferença de que sua equação nos deixará como um resto (intratável) o Sujeito. Sujeito este que não deixa de fazer parte do cálculo, como resto. Ele não se separa do cálculo.

Para Saussure, o indeterminado na linguagem é seu caráter heteróclito, sua multiplicidade que só pode ser determinada – tratada – através da Língua. Assim:

*(...) o que se chama de **linguagem**: nada mais em si mesmo do que um ponto a partir do qual as línguas podem ser reunidas em um todo (...) Dizendo as línguas: certamente nós as supomos várias e reunidas, mas também é sempre possível distingui-las. Pois este plural é na verdade **uma coleção de singulares, ao mesmo tempo parecidas e discerníveis** (...) que se nomeie **língua** a este núcleo que, em cada uma das línguas, suporta sua unicidade e sua distinção (Milner, 1987, p.11-12). (Os grifos são nossos)*

Notemos que, sendo a linguagem o conjunto englobante, esta determinação é parcial pois deixa de fora de seu campo tudo o que na linguagem não é a Língua (a fala, o sujeito, etc.).

Reconhece-se aí a cisão da língua com a palavra cuja mecânica, abertamente ou não, funciona em todas as versões comuns da lingüística (Milner, 1987,p.12).

Então, a Língua é um saber parcial sobre a linguagem, que é maior que a Língua. Ela recorta na linguagem um limite e, com isso, constitui um espaço de interioridade e seu complementar, sua exterioridade. Mas, como a própria Língua se estrutura através de variações diferenciais no interior do sistema de Signos que a define, esses mesmos Signos (elementos) podem ser definidos por faltar em seu lugar (*in absentia*) – por sua ausência, sua virtualidade. Novamente é **um lugar** (no tabuleiro de xadrez da Língua saussureana) **a ser ocupado numa estrutura** que fornecerá o valor e a significação dos elementos que estão em jogo no interior do conjunto. Esse lugar, antes de ser ocupado, inscreve os valores em jogo dentro de uma estratégia de combinações possíveis. É uma “casa vazia” no tabuleiro que ganha estatuto de anterioridade lógica, definindo os valores das peças em

jogo. Mas, para que Saussure possa construir seu saber que determina “a demanda de que a língua não seja equívoca” (Milner, 1987,p.13) , o sujeito fica de fora do jogo.

Para que as peças digam algo de um sujeito cuja cena se desenrola no tabuleiro, é preciso jogar até a exaustão os lances da sincronia e da diacronia, evocando um fazer poético (Jakobson). É preciso perceber que jogar na estratégia da enunciação do “eu sou sua rainha” (*cheque*) não faz do “você é meu rei” um *cheque-mate* (Benveniste) – não é o lance que finaliza o jogo. É preciso, ainda, se distanciar do tabuleiro, para que seu desenho se redefina em outra escala, como uma rede que engloba suas Mensagens e na qual algo se deixa pegar pelo jogo de contraste e semelhança (da metáfora e da metonímia).

Os Significantes deste jogo , por estarem inscritos na cultura, implicam a existência de lugares simbólicos *a priori* que serão ocupados por seus jogadores. É o que permite a cada um sonhar vendo-se jogar. Não é a experiência do fenômeno, nem de jogar, nem de contemplar o jogo, ou mesmo de saber-se ou supor-se contemplado por alguém que assiste o jogo (ser olhado por alguém).

Com Lacan (1979) podemos dizer que este campo de xadrez (de Saussure) é também o campo do sonho, onde o discurso advém de outra prática de linguagem. Lá (no sonho) onde um “isso” mostra, nossa posição de sujeito é fundamentalmente a daquele que não vê. Dupla falta: de um lado “isso” mostra e de outro um Sujeito não vê. Assim, somos reduzidos à nossa realidade de olhar. Um olhar capturado por um Significante que diz algo do Sujeito (para outro Significante) articulando-se num dizer. Dupla articulação num dizer que surge do Outro: “isso” tem a ver contigo ! (Cf. Lacan, Seminário Livro11)

Passemos agora a situar alguns pontos da leitura que faz Lacan de Saussure.

3.1 O Trajeto da Estrutura ao Sujeito – Saussure via Lacan.

A leitura que Lacan realiza de Saussure propõe a primazia do Significante sobre o significado. E coloca o sujeito numa condição de subordinação a esses Significantes (da estrutura, do Outro enquanto *tesouro dos Significantes*), ou seja, o Sujeito será um efeito desses Significantes. É o que expressa em sua formulação : *um Significante é o que representa um Sujeito para outro Significante*. Lógica unária (circular) própria às construções que devem explicar questões referentes a origem.

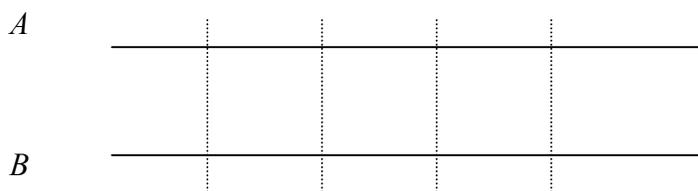
Em nosso caso, se um Sujeito se origina da Estrutura, então , em um pensamento estrutural as origens são sempre míticas. E os mitos de origem não deixam de evocar a nebulosa do campo religioso. Puxando-lhe um fio, derivemos dele um exemplo que nos seja adequado. Aquele que define *Iavé* através de uma flexão verbal: *eu sou o que sou*. Dessa formulação axiomática, destaca-se um Sujeito numa posição de subordinação. Deus existe, o Sujeito ex-siste. Isto é, Deus existe separado mas contíguo no humano: o Sujeito *Dele* provêm. Assim , não há origem para Deus , apenas para o humano. Lacan já nos dizia que *Deus é inconsciente*. Dizia também que *O inconsciente é estruturado como uma linguagem*. Então podemos afirmar, como consequência lógica, que a hipótese da existência de *Deus* está estruturada como uma linguagem. Operando uma “decantação” sobre todos estes elementos ficamos com a noção de Estrutura. A Estrutura existe, um Sujeito ex-siste.

Apesar de não serem definidos como estruturalistas, Goethe, Marx, Platão, também têm as suas formulações de origem. Respectivamente, “no começo era” ... o Ato, a Práxis,

o Amor. Lacan tem a dele: no começo existe o Significante e o Sujeito ex-siste à sua própria existência.

Esta “lógica do significante”, Lacan a constrói a partir da leitura do *Curso de Lingüística Geral* de Saussure, especificamente, do esquema encontrado no capítulo *O valor lingüístico*, sobre a imagem do “reino flutuante”, em que duas massas amorfas definem a língua como marcada simultaneamente pelo produto de idéias confusas e por sons indeterminados.

Podemos, então, representar o fato lingüístico em seu conjunto, isto é, a língua, como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das idéias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B); é o que se pode representar aproximadamente pelo esquema:



(Saussure, 1975 , p.130-31 .)

Saussure ainda ressalta que essa articulação entre significado e significante se dá no domínio da Língua, “onde os elementos das duas ordens se combinam”; e acrescenta, “esta combinação produz uma forma, não uma substância”. (Saussure, 1975 , p.131).

Na leitura de Lacan (1985) temos que:

No nível superior, Saussure situa a seqüência do que ele nomeia pensamentos – sem a menor convicção , visto que sua teoria consiste precisamente em reduzir este termo para conduzi-lo ao de significado, na medida em que ele é distinguido do significante e da coisa – e ele insiste sobretudo

em relação a seu aspecto de massa amorfa. É o que, de nossa parte, chamaremos provisoriamente de massa sentimental da corrente do discurso, massa confusa em que as unidades aparecem, ilhotas, uma imagem, um objeto, um sentimento, um grito, um apelo. É um contínuo, enquanto que embaixo, o significante está ali como pura cadeia do discurso, sucessão de vocábulos, em que nada é isolável (Lacan, O seminário, livro 3, p. 295-6).

Com Lacan, não se tratam de ondulações (efeito da pressão do ar – “plano indefinido das idéias confusas” – sobre a água – “plano não menos indeterminado dos sons”) produzindo a idéia de união entre a matéria fônica e o pensamento, mas de um deslizamento contínuo entre os dois fluxos. Esse deslizamento se detém em um “ponto de estofo”⁴⁰ a partir do qual as significações irão se organizar pelo enganchamento de um significante em outro significante para fazer surgir uma nova significação.

Lacan distingue, jakobsonianamente, duas funções do ponto de estofo: uma função sincrônica e uma função diacrônica. A função diacrônica relaciona-se à frase,

na medida em que ela só fecha sua significação com seu último termo, sendo cada termo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando-lhes o sentido por seu efeito retroativo (Lacan, Escritos, 1998, p. 820).

Como no exemplo abaixo, no qual o último termo do sintagma define a significação⁴¹:

40 Ponto de estofo é o ponto de costura realizado pelo estofador, também chamado ponto de capitonagem, para unir o tecido a seu forro. Também pode ser chamado de ponto de basta, referindo-se ao que barra o deslizamento contínuo dos significantes (este ponto sendo ele mesmo um significante, chamado paterno por seu caráter de interdição).

41 Exemplo consta em Godino Cabas (1982, p.83).

Ai querido assim não podemos continuar vivendo.

Ai querido assim não podemos continuar.

Ai querido assim não podemos.

Ai querido assim não.

Ai querido assim.

Ai querido.

Ai (Cabas, 1982, p.83).

Valoriza-se a conexão de um Significante com outro na diacronia falante. Na verdade, o último termo falta, pois não temos como sabê-lo *a priori*. É o encadeamento metonímico que tenta resgatá-lo, mas a idéia de uma significação final permanece alhures. A significação advém do Código, entendido como o *tesouro dos Significantes*, o conjunto dos Significantes de um Sujeito. O grande Outro lacaniano. É desse Outro que o sujeito receberá sua mensagem de forma invertida, ou seja, ao enunciar sua escanção pontuará seu discurso (sua fala).

A função sincrônica do ponto de estofo é a da metáfora. Seu efeito de significação se dá através da substituição de um Significante por outro, tal como observamos no procedimento de criação poética. Como podemos ler logo abaixo, no estrato deste poema “borromeano” de Arnaldo Antunes:

*Pensamento vem de fora
e pensa que vem de dentro,
pensamento que expectora
o que no meu peito penso (Arnaldo Antunes, 1988, p. 33).⁴²*

⁴² Poema sem título publicado integralmente na revista 34Letras nº 1, setembro, 1988, p. 33.

Estrutura sincrônica assim como o trabalho de criação poética, opera de forma mais oculta ao se fazer notar nos efeitos que produz na diacronia, apoiados nas escanções rítmicas da linguagem produzidos pelo jogo entre som e sentido, estabelecido na dinâmica da seleção e combinação de palavras. No exemplo citado, destaca-se a cadência da alternância de sílabas fortes e fracas, pela repetição de elementos que variam e outros que não variam, ambos visando o efeito poético.

Esta transposição de um termo (Significante) a outro produz a significação.

Tratam-se de duas redes diferentes. A rede propriamente Significante está organizada sincronicamente, como pura diferença. Já o que predomina no significado é a unidade de significação composta pela rede do discurso disposto diacronicamente.

Ilustremos esse processo com uma figura lúdica utilizada metaforicamente por Freud para pensar sua clínica: *O Bloco Mágico (Wunderblock)*.

Este texto freudiano, de 1924-25, a nosso ver, guarda muitas aproximações com a metáfora saussureana da folha de papel⁴³. Já no primeiro parágrafo de seu texto, Freud nos diz que “a superfície que conserva estas anotações (tratam-se de anotações gráficas que asseguram a função da memória), quadro **ou folha de papel**, é então como uma parte

Pensamento vem de fora / e pensa que vem de dentro, / pensamento que expectora / o que no meu peito penso./ Pensamento a mil por hora,/ tormento a todo momento. / Por que é que eu penso agora / sem o meu / onsentimento? / Se tudo que comemora / tem o seu impedimento,/ se tudo aquilo que chora / cresce com o seu fermento; / pensamento, dê o fora, / saia do meu pensamento. / Pensamento, vá embora, / desapareça no vento./ E não jogarei sementes / em cima do seu cimento.

43 “A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro (...)” (Saussure1975, p.131).

materializada do aparato mnemônico⁴⁴ que levamos, invisível, em nós” (Freud, 1981, p. 2808).⁴⁵

Nesse linha associativa, Freud acredita ter encontrado no *Wunderblock* uma *singular coincidência* de estrutura com “nosso”⁴⁶ sistema mnêmico⁴⁷.

O ‘block’ mágico é uma lâmina de rezina ou de cera de cor escura, enquadrada em uma moldura de papel sobre o qual coloca-se uma fina folha transparente, presa em sua borda superior e solta na inferior. Esta folha é a parte mais interessante de todo aparelho. Compõe-se, por sua vez, de duas películas separáveis, menos em suas bordas transversais. A película superior é uma lâmina transparente de celulóide, e a inferior, um papel encerado muito fino e translúcido. Quando o aparelho não é utilizado, a superfície interna do papel encerado permanece ligeiramente aderida à face superior da lâmina de cera (Freud, 1981, p. 2809).⁴⁸

Como este brinquedo, este *bloco* – esta espécie de cubo composto por uma base ceramínosa escura (como um carbono), recoberta por uma película muito fina e transparente que, por sua vez, é recoberta por uma segunda película igualmente fina de papel encerado – produz seu efeito *mágico*, transformando-se num *bloco mágico*? Ao escrevermos na película superior, aparece o que se traçou na película intermediária, devido sua transparência sobre o carbono ao fundo. Assim, a película fica marcada pelo traço

44 Os termos freudianos de *Aparato mnemônico*, *Aparelho de linguagem*, remetem ao conceito de *Aparelho psíquico* que se refere ao *funcionamento do Inconsciente* para Freud.

45 Tradução realizada do espanhol (de nossa responsabilidade). Os grifos são nossos.

46 Utilizamos as aspas para indicar a duplicidade de sentido. “Nosso sistema” refere-se tanto ao universal (de todos nós) quando ao singular (nossa teoria: a psicanálise).

47 Este sistema tem uma estrutura topológica (não anatômica). Imagine-se um pente invertido. Na extremidade esquerda coloca-se a percepção (de estímulos) e na direita a consciência (permite a expressão do estímulo). Os dentes do pente localizados entre as duas extremidades (percepção/consciência) serão os traços mnêmicos (Inconscientes). Este é o percurso da palavra em Freud. As palavras deixam traços (que escrevem nossos sonhos).

48 A tradução do Espanhol é de nossa responsabilidade.

registrado em seu avesso , devido ao fundo de carbono. Quando levantamos a película intermediária, apaga-se o que havia sido impresso. Mas, na última película, ceramínosa, ficam registrados todos os traços, tornando-se porém ininteligíveis devido suas várias sobreposições. Apagam-se exteriormente, mas permanecem na parte interna, onde encontram-se seus registros.

O significado pode apagar-se mas os traços significantes se mantém apesar de emaranhados. A “singular coincidência” em Freud torna-se isotopia de estrutura em Lacan: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* (o é). Sendo o trabalho de análise aquele de reescrever esses traços, na companhia de um analista que indica ao Sujeito o lugar onde falha sua tradução. Este nó, na tradução, é o que ficará como sintoma aguardando sua leitura.

A Estrutura para Lacan está composta desses Significantes, que aguardam um Sujeito para serem ditos. Antecedência lógica do campo da linguagem na tomada da palavra por um Sujeito (em seu ato enunciativo).

A Estrutura de linguagem possibilita que um Sujeito advenha numa relação de contingência com ela que se dará por um elemento ausente, exterior ao Sistema da Língua. Assim, nesse conjunto de significantes de nosso “bloco mágico”, há um elemento significativo que está fora do sistema, mas que pertence ao “bloco”. É a caneta do escritor. Seu estilo o anima. Penso com minha caneta dizia Wittgenstein. É o *stilo*⁴⁹ com

49 No **Witz de Haroldo de Campos**, “Stylo (“Lapiseira”, “caneta tinteiro ou esferográfica, em francês) se substitui a “estilo”, ambos – *style* e *stylographe* (...) são provenientes da mesma palavra latina *stilus*, com o sentido de instrumento pontiagudo, de metal ou osso, com o qual se escrevia nas tábuas enceradas (...) foi por um passe de metonímico que o instrumento manual da escritura passou a designar a marca escritural mesma: o estilo” (Campos, 1997, p.04).

que se marca de modo singular a superfície de cera. Enfim, é o próprio ato de tradução. Ao traduzi-los, os Significantes trabalham um sujeito, enquanto a *pá-lavra* o campo da linguagem. Esse efeito do significante nada mais é do que o próprio lugar do Sujeito na Estrutura. Glosando Buffon via Lacan, podemos dizer que: *O estilo, ao recortar a linguagem, é o homem mesmo em sua singularidade.*

3.2 A Travessia do Sujeito na Estrutura – um retorno de Lacan à Freud via Saussure, Jakobson e Benveniste .

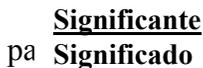
Até o momento estamos tentando mostrar como o Sujeito é um efeito da Estrutura – entendida como a articulação, metafórica e metonímica (cf. Jakobson), de elementos Significantes (cf. Lacan) no interior de um campo de linguagem solidário ao uso individual (cf. Benveniste) da Língua (cf. Saussure).

Significante e Sujeito são os dois termos fundantes sobre os quais se apoia o Sistema lacaniano. A travessia de um Sujeito na Estrutura se dá através dos Significantes articulados pelos dois *tropos* de linguagem: a metonímia e a metáfora. Tais Significantes designam , por uma lado, o Sujeito relativo ao desejo que se conjuga metonimicamente (desejo de desejo), aquilo que faltaria ao objeto supostamente perdido para ser reencontrado – o que faltaria ao Sujeito para ser – e , por outro lado, o Sujeito relativo ao sentido, definido metaforicamente (substituição de um Significante a um outro Significante na cadeia simbólica).

Para a psicanálise se há fala (se “isso” fala) é por que há desejo na linguagem. E se há desejo na linguagem em algum lugar deve haver algum saber sobre este desejo. Este saber poderia, então, determinar metaforicamente o que “isso” (o fato de haver fala na linguagem) deseja (de mim, e que me convoca como partícipe deste campo de linguagem). Ai está a determinação do sentido que permite supor um objeto ao desejo (o que quer “isso” de mim).

Lacan começa alterando o algoritmo saussureano, ao atribuir-lhe a primazia do Significante, destinando-lhe uma função : a de colocar um termo sobre uma barra resistente à significação. Passando a escrevê-lo : **f(S) I / s**.

f: função; **(S)**: Significante; **I**: termo; **/**: barra de resistência; **s**: significação.

Transforma-se o signo saussureano de  pa  : o

Significante incide sobre o significado, invertendo a fórmula saussureana. A elipse que circunda e envolve o signo, definindo sua relação interna, assim como as setas que a indicam, desaparecem. A barra ganha o estatuto de resistência à significação. Os *atos lingüísticos* de Saussure – a Língua marcada por um conjunto indefinido das idéias confusas contíguo em planos paralelos e simultâneos ao conjunto indeterminado de sons – dão lugar à articulação metonímica (diacronia da fala) e metafórica (sincronia dos Significantes) em Lacan. O ponto de entrecruzamento dos planos (sincronia na diacronia e vice versa) será definido por Lacan pelo *ponto de capitonagem*, correspondendo à intersecção do Código e da Mensagem.

A cada eixo corresponde uma forma de estruturação. Na estruturação metonímica, a função do Significante é a de conectar Significantes entre si. A barra mantém o significado fora do alcance do Significante. Sua fórmula conceitualiza o desejo:

$$\mathbf{F (S...S') S \equiv S (-) s}$$

Na estruturação da metáfora, a função do Significante é a de substituir um Significante por outro, ultrapassando a barra na criação de uma nova significação.

$$\mathbf{F (S' / S) \equiv S (+) s}$$

O movimento diacrônico do discurso do Sujeito é cortado sincronicamente pela irrupção do efeito de um elemento (Significante) contido na cadeia Significante, cujo exemplo é a produção de um lapso de linguagem (tropeço na fala).

Recorramos mais uma vez a Freud, especificamente, ao primeiro capítulo da *Psicopatologia da vida cotidiana*, intitulado *O esquecimento de nomes próprios*.

Tomemos diretamente o exemplo que serviu de análise ao tema. Trata-se do nome Signorelli. Pintor da Renascença italiana, cuja obra mencionada no texto se encontra na catedral de Orvieto, onde estão pintados *As quatro últimas coisas: Morte, Juízo, Inferno e Céu*”.

O nome que tentei lembrar em vão (...) foi o do artista que pintou os afrescos magníficos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto. Em vez no nome que eu procurava – Signorelli – , impunha-se a mim nomes de dois outros pintores – Botticelli e Boltraffio – embora fossem imediata e decisivamente rejeitados por meu juízo como incorretos (Freud, 1996, p. 20).

Freud tenta evocar, sem sucesso, o nome do pintor *Signorelli*. Surge em sua memória dois outros pintores: *Botticelli* e *Boltraffio*. Vejamos o contexto em que este esquecimento se produz.

Eu viajava em companhia de um estranho, indo de Ragusa, na Dalmácia, para um lugar na Herzegovina: nossa conversa voltou-se para o assunto das viagens pela Itália, e perguntei a meu companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto e se vira ali os famosos afrescos pintados por ... (Freud, 1996, p. 20.)

O esquecimento do nome só revelou-se a Freud quando lembrou do que conversava, um pouco antes, com seu companheiro de viagem, revelando “ser um caso de perturbação do novo tema emergente pelo tema que o antecedeu” (Freud, 1996, p.20).

Pouco antes de perguntar a meu companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto, conversávamos sobre os costumes dos turcos que vivem na Bósnia e na Herzegovina. Eu lhe havia contado o que ouvira de um colega que trabalhou em meio a essas pessoas – que elas costumam ter grande confiança no médico e total resignação ao destino. Quando se é obrigado a lhes dizer que nada pode ser feito por um doente, respondem: “Herr [senhor], o que se há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo (Freud, 1996, p.20).

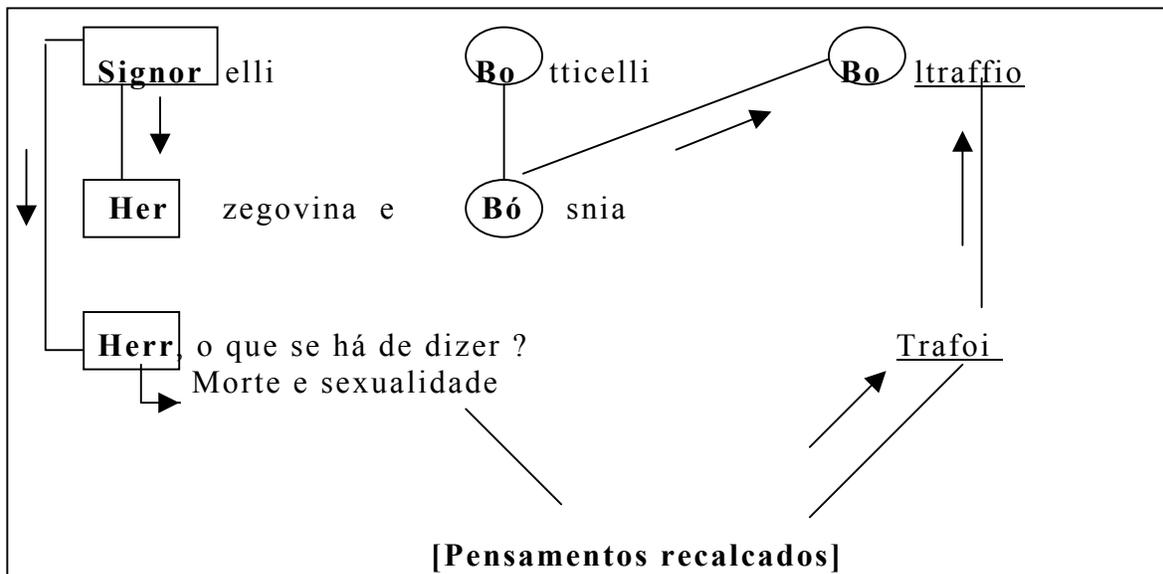
Após este comentário, Freud se calou. Neste momento outro detalhe lhe ocorreu no espírito: os turcos dão tanta importância ao prazer sexual que se desesperam se aquilo acabar, a vida não vale mais nada. Quando pensava neste fato, Freud evocou outro acontecimento: acabara de receber de Trafoi a notícia que um paciente seu se suicidara, por estar acometido de uma perturbação sexual incurável.

O que se passou neste momento ? Qual impossível de suportar emergiu, fazendo com que Freud silenciasse ?

A análise que Freud faz do princípio do mecanismo do esquecimento nos fornece os seguintes elementos para demonstrá-lo:

- a) não havia razão aparente de ter esquecido o nome;
- b) a perturbação a propósito do novo tema que vem emergir esta palavra está atrelada a um tema precedente;
- c) a perturbação está associada ao tema morte e sexualidade;
- d) o motivo, nesse processo de esquecimento, não está mais disponível como material significativo, porque ficou recalçado em sua significação.

Freud coloca em evidência as associações que emergiram num diagrama, para demonstrar com clareza e de forma objetiva a conexão:



[Figura 16: O esquecimento de nomes próprios – Freud (Freud, 1996 p.22)]

Como Freud analisa esta combinação Significante ? Signorelli foi dividido em duas partes. Aparece sem modificação “elli” , em um substituto Botticelli. O outro Significante , Signor, aparece através da tradução de “Herr”, colocando em jogo elementos de combinação dos temas recalcados: morte e sexualidade, dos nomes Herzegovina, Bósnia e Trafoi. Os nomes de substituição revelam, através dos laços associativos, o nome esquecido e os elementos recalcados.

Para Freud, o esquecimento dos nomes implica a evidência de um enlace que une as associações a alguma conexão através do conteúdo externo que, no caso, são os afrescos de Orvieto, que surgem através da investigação dos pensamentos recalcados sobre a morte e sexualidade.

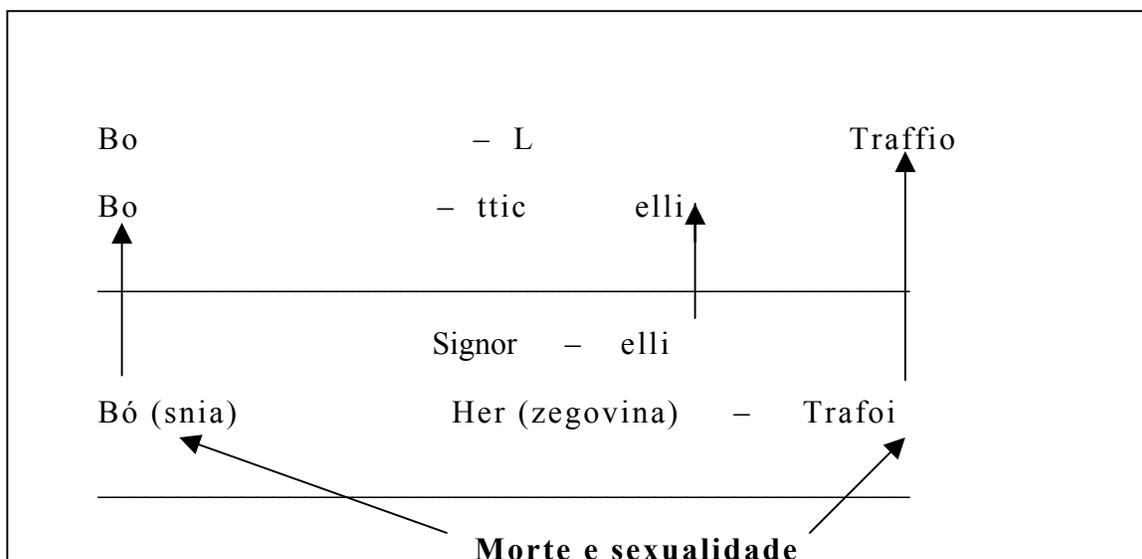
Lacan refere-se a este texto de Freud, em seu seminário de 1956-57, sobre *As formações do inconsciente*. A análise do texto freudiano visa indicar a função do Significante, que se faz evidente ao nível do equívoco assim como Freud demonstrou em sua análise do mecanismo do esquecimento, em 1898.

Segundo Lacan, os nomes de substituição emergem num jogo de associações puramente fonemáticas, entre os Significantes latentes e os significantes evocados. Assim, o esquecimento do nome Signorelli é acompanhado , através de sua vertente associativa, por nomes substitutos, “errados”. É nessa rede verbal associativa, que parece sem sentido, que a palavra pode ser dita, rompendo a barreira da censura e revelando que o inconsciente (como a linguagem) opera a revelia do Sujeito.

Lacan retoma o deslizamento associativo, realizado por Freud, dos Significantes que emergem no contexto associativo, para recuperar o nome Signorelli. Nesse contexto,

destaca que as associações se realizam segundo o sentido ou segundo o som. Sua operação se dá através do mecanismo do Significante que permite a emergência das *formações do inconsciente*.

Lacan nos apresenta estas associações no seguinte plano:



[Figura 17: O esquecimento de nomes próprios – Lacan]

O essencial não é o esquecimento absoluto (um vazio), mas o fato de que em lugar de Signorelli se apresentam outros nomes – Botticelli, Boltráfio – que manifestam uma combinação de Significantes: Bosnia, Herzegovina e Trafoi.

Os nomes de substituição são os pontos terminais de uma cadeia de Significantes. São as ruínas metonímicas do recalcado (a idéia da morte). “A palavra passa para outro lugar, apaga-se, é repelida (...) encontramos os destroços, as ruínas desse objeto metonímico (...)” (Lacan. O Seminário, livro 5, p. 43).

- *Signor* é um significante que joga seu jogo no inconsciente pela relação de similaridade que mantém com *Her* de Herzegovina e com *Herr* – senhor, em alemão, que corresponde ao italiano *Signor*. Freud não pode recuperar *Signorelli*. *Signor* está para o mestre absoluto assim com a morte está para o que não é evocável;
- *Elli*, Freud não lhe dá muita atenção, tomando-o com anódino. Será evocado em *Botticelli*. Apesar disso, *elli* não deixa de evocar o apelo ao Senhor, feito por Cristo antes de morrer: “*Eli, Eli, lamá sabactani*”, isto é, “Senhor, Senhor porque me desamparaste?” (Cf. Medeiros, 1997, p.36) *eli* sendo um termo comum tanto ao aramaico quanto ao hebraico. Exemplo de recalçamento primário, daquilo que não pode ser dito.⁵⁰
- Estão recalçadas: as referências aos Turcos de Bósnia-Herzegovina e o suicídio em *Traffoi*. O recalçado retorna através de *Bo*, aparentemente neutro e pouco revelador, mas que aparece marcado em *Bo-tticelli* e *Bo-ltraffio*. Este último pelo som fonemático dá acesso à *Traffoi*, onde aconteceu o suicídio do paciente de Freud.

Essas associações se dão através do jogo metafórico e metonímico. Lacan nos fala de “ruínas metonímicas” presentes em *Bo* e *Traffio* – partes de Significantes recalçados que surgem nos fonemas. Poderíamos dizer que estes restos metonímicos buscam, sem sucesso,

⁵⁰ O exemplo Hebreu é mais claro ainda a respeito do mecanismo de recalçamento. “Yahweh” – Y,h,w,h, – não é para ser lido em voz alta, para ser interpretado. Em seu lugar é dito “Adonai”. “Y,h,w,h,” está lá para recalcar as vogais que não podem ser ditas. (Cf. Freud, Vol. II, p. 1643 – “A Significação da Ordem das Vogais (1911)” – Regnault, 1985 – “Dieu est inconscient”).

através do método freudiano da *associação livre*, chegar a uma metáfora que aborde o que está em jogo: a morte.

Poderíamos dizer também que *Botticelli* é uma metonímia, de uma parte de *Bósnia* e de outra parte de *Signorelli*. Mas os laços que unem *Bo* (de *Botticelli*) e *Bo* (de *Bósnia*) são metafóricos, assim como aquele que liga *Tráffio* a *Trafoi*. As “ruínas metonímicas” nos colocam sobre as pegadas do significante perdido e o jogo de substituição metafórica só é possível porque se apoia sobre a cadeia Significante no deslizamento de suas combinações. Mas Lacan nos indica que *Herr* não é uma metáfora, mas apenas um caso particular de substituição. “*Herr* esgueira-se no nível do objeto metonímico: e por uma boa razão: ele corria o risco de ficar um pouco presente demais após essas conversas” (Lacan, O seminário, Livro 5, p. 43). O que é metafórico em *herr* é o efeito do Significante ligado aos afrescos de Orvieto, que Freud chama *a evocação das últimas coisas*. É a ficção que *Signorelli* torna familiar, que torna possível que apareça o sinistro da realidade de enfrentar a morte. “O *Signor* só está na jogada na medida em que pode simplesmente traduzir o *Herr*. É aí que encontramos o nível substitutivo” (Lacan, O seminário, Livro 5, p. 43).

A substituição é a articulação, o meio significante, onde se instaura o ato da metáfora. Isso não quer dizer que a substituição seja a metáfora. (...) Dizer que a metáfora produz-se no nível da substituição significa que a substituição é uma possibilidade de articulação do significante, que a metáfora exerce sua função de criação de significado no lugar onde a substituição pode se produzir, mas isso são duas coisas diferentes. Do mesmo modo, a metonímia e a combinação são duas coisas diferentes. (Lacan, O seminário, Livro 5, p. 43-44).

Com isso, tivemos o exemplo de como o Significante opera de maneira autônoma, revelando o funcionamento do inconsciente. Freud o explicita ao mostrar que há uma relação de sentido que se estabeleceu entre *Signorelli* e os pensamentos reprimidos que lhe eram impossíveis de evocar, os afrescos de Orvieto, por estarem relacionados à morte e à sexualidade. Não custa lembrar que, para Freud, a condição do sintoma é justamente a de tomar um elemento mnêmico (um significante) de uma situação anterior privilegiada para articular uma situação atual, empregada inconscientemente como elemento Significante para dar forma a uma indeterminação através de seu efeito de equívoco.

Isto posto, importa lembrar que nosso objetivo, neste segundo item, foi o de dar conta do trajeto que vai da Estrutura da linguagem ao conceito de Sujeito. Tentamos, inicialmente, mostrar como este trajeto implica necessariamente numa travessia do Sujeito, através de determinados Significantes, na Estrutura. Posteriormente, nosso esforço foi o de localizar o Sujeito na Estrutura, através do conceito de Significante proposto por uma teoria relativa ao conceito elaborado por Lacan através de sua leitura de Freud via Saussure e Jakobson. Concluiu-se que este conceito pertence a um campo teórico específico: à psicanálise lacaniana. Sobre este último ponto, pretendeu-se mostrar que as noções lingüísticas de Lacan, prosseguem as anteriores de Saussure, concernentes ao Significante, assim como as de Jakobson, referentes aos processos sincrônicos da metáfora e diacrônicos da metonímia. A essas noções foram acrescentadas as modalidades como as formações do inconsciente se estruturam formalmente. Concluímos que, a partir deste acréscimo, a Estrutura do Significante impõe-se à Estrutura da linguagem.

No entanto, falta, ainda, relacionarmos Benveniste. Retomemos a costura para incluí-lo em nossa rede. Reconheceu-se a Estrutura da linguagem no inconsciente, e um lugar de Sujeito na Estrutura através do enlace de Significantes uns com os outros, formando uma cadeia. Concluiu-se que há uma solidariedade de princípio entre Sujeito e Significante em Lacan. Mas não nomeamos o procedimento através do qual isso se dá: a enunciação (que em Freud seria o método de associação livre derivado da *talking cure* ou “cura pela palavra”).

Para Benveniste é *eu que diz eu*. Existindo dois valores para um mesmo conceito de *eu*. Um *eu* do procedimento de enunciação, que suporta a enunciação, e outro *eu* que é enunciado. Não há si mesmo mas cisão entre dois *eus*. Esta cisão interessa a Lacan. A teorização sobre a enunciação permitiu a Lacan pensar o instante pontual de articulação de um Sujeito ao mobilizar determinados Significantes em sua fala. A idéia da cisão permite designar no sujeito do enunciado um sujeito evanescente da enunciação. A enunciação seria este instante de abertura da linguagem e o enunciado seu momento de fechamento. Assim, esta cisão é também um corte no campo da linguagem. Este corte produz um Sujeito em sua partição que é parturição. A linguagem vive porque respira e faz pulsar um Sujeito. Em seu duplo movimento, inspira o Sujeito para em seguida expirar o sentido.

Assim, esta cisão é também um corte no conjunto da Língua. A Língua também requer um Sujeito que suporte a suspensão momentânea de sentido, que suporte que haja duplo sentido, que haja equívoco na Língua. Exigindo, ela também, a teorização de um Sujeito que ex-sista a ela, ao indicar a possibilidade de que algo falte na Língua. Exigindo,

também, um conceito de falta para que a Língua seja pensada como um conjunto que suporte sua não-totalização.

Nessa abordagem, enunciação não é simplesmente o ato de enunciar mas as condições para suportar a abertura e os efeitos que ela produz no enunciado. Assim, a dimensão heterogênea da linguagem – não suportada pelo Sistema saussureano (fechando o conjunto da Língua) , evitada pelo Sistema jakobsoniano (banindo o equívoco da função comunicativa da linguagem e exilando-o ao nível da produção poética, mesmo referindo que esta última não estava restrita à poesia) , não teorizada diretamente por Benveniste (apesar de indicar a dimensão desse “hetero” na Língua, através da referência a “não-pessoa” , o “ele” da tríade “eu-tu / ele” , em seu aparelho formal da enunciação) – pode ser introduzida na Língua. Com Lacan há heterogeneidade na Estrutura da Língua.

3.3 O inconsciente é condição da lingüística.

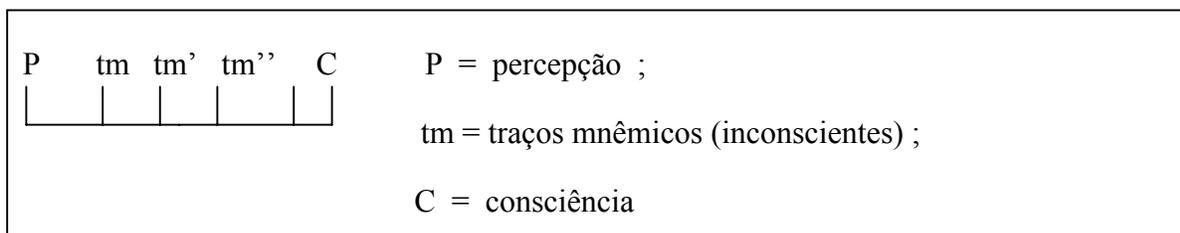
A dimensão de heterogeneidade na Língua, através do dispositivo de enunciação, foi abordada por uma lingüista que se deixou afetar pela psicanálise. Trata-se de Jacqueline Authier-Revuz. Devido à qualidade de sua teorização e sua pertinência para nosso trabalho, passaremos agora a destacar alguns pontos eletivos de nossa leitura da 3ª parte de seu texto intitulado: *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso.*

O que nos interessa destacar na reflexão da autora dá seguimento ao que estamos trabalhando neste capítulo, e nos servirá igualmente como fecho do conjunto de argumentos mobilizados neste bloco.

Authier defende a tese de que não há nem unicidade de sujeito nem unicidade do significante na cadeia linear da fala. Questiona as abordagens da linguagem que se ancoram na idéia de um *Sujeito Pleno*, que se tomaria como sendo a *Causa Primeira* do sentido e que teria o pleno domínio de si mesmo identificado a um Eu autônomo que profere sua *Palavra Homogênea*. No lugar desse delírio de autonomia ego narcísica, a autora propõe que pensemos um *Sujeito Dividido*, que seja um efeito do funcionamento da Linguagem que modifica e é modificado pela linguagem mesma através de sua *Palavra Heterogênea*.

É nessa proposta de ir em direção à **fala heterogênea** que a autora encontra o trabalho que a psicanálise realiza com a (e na) linguagem, para “fazer ressurgir conflitos esquecidos, solicitações recalcadas – eventualmente portadores de sofrimento – que, sem que o sujeito saiba, agem em sua vida atual” (Authier,1982, p. 41).

Retomando o fundamento arqueológico freudiano de que a tarefa do analista consiste em “construir o que foi esquecido a partir dos **traços** deixados por esses esquecimentos” (Authier,1982,p.41). Relembremos do aparelho de memória que trabalhamos anteriormente, o circuito onde das palavras deixam seus traços.



[Figura 19: O pente freudiano]

A autora segue destacando as características do trabalho analítico de fazer retornar no presente (da enunciação) os Significantes que foram solicitados em situações passadas e que ficaram aprisionados (produzindo seus sintomas) juntamente com o desejo inconsciente que representam. Essa lógica não cronológica da produção de um sentido recorrente é relatada por Freud, no *Projeto de Psicologia para Neurólogos*, ao descrever a experiência realizada no trabalho analítico com sua paciente Emma.

Nos encontramos aqui frente o caso de que uma recordação desperte um afeto que não pode suscitar quando ocorreu em qualidade de vivência (...) este caso é típico da repressão que se produz na histeria. Sempre comprovamos que se reprime uma recordação, a qual só posteriormente chega a converter-se em um trauma (Freud, Tomo I, 1981, p. 254).

Essa lógica permitiu a Lacan desenvolver seu conceito de *après-coup* (posterioridade), evidenciando o sentido decorrente do jogo posicional dos Significantes evocados na fala do analisante.

Nessa linha de raciocínio, Authier enuncia sua premissa de que : **“A linguagem é a condição do inconsciente”** (Authier,1982,p.42).

Mas o trabalho analítico transgride o funcionamento habitual da linguagem. O trabalho psicanalítico da “talking-cure”, ao dar iniciativa às palavras , através do método da associação livre, transgride as leis da conversação assim como uma escrita poética transgride as leis da comunicação.

Segundo a autora, a eficácia da Linguagem na psicanálise está fundada em três *Princípios Negativos*:

- 1º) “Não há um discurso do inconsciente” (o ICS age no discurso normal);
- 2º) “Não há o *terceiro ouvido* ou segunda vista do psicanalista que lhe possibilitaria um acesso direto ao inconsciente” ;
- 3º) A escuta analítica do discurso “Não é um comentário, uma interpretação, um *a mais*, a partir daquilo que é dito”.

Tal conjunto define uma *Posição Positiva* que se enuncia na seguinte forma: “**O Lugar da Interpretação Analítica é a Linguagem**” (Authier,1982,p.44).

Mas não se trata de utilizar a linguagem para traduzir um *sentido manifesto* – veiculado por uma “palavra-instrumento” – que traduz (comenta) um *sentido oculto*. O trabalho de tradução diz de um trabalho de escuta, é um “recorte (...) que se efetua sobre a materialidade da cadeia falada” (Authier,1982,p.44). Sendo a metáfora (enquanto figura de linguagem que nos permite uma composição combinatória) que nos permite articular os traços metonímicos presentes na materialidade da cadeia falada para estabelecer entre eles uma relação com os Significantes.

A linguagem é ela mesma desdobrada em uma **dupla cena** (pela mesma linguagem). Cena 1: comunicação regulada por códigos. Duplicada na Cena 2: linguagem que efetua rupturas na cena 1. Produzindo assim um avesso do discurso, que não é um outro discurso mas o discurso do Outro operando no Sujeito que enuncia a partir daí.

“A articulação de um discurso com seu avesso se dá pela localização de seus traços na cadeia falada” (Authier,1982,p.45), pelo o que é dito do desejo, sem que se saiba, na fala. Onde o desejo encontra-se mascarado em seu próprio dizer.

A intervenção do analista se atém a tomar este discurso “ao pé da letra” fazendo surgir dela sua articulação ao inconsciente. É na base material do Significante que se detém a escuta analítica. Transformando a letra em Significante e fazendo surgir do Significante a letra. A letra é pura possibilidade que se transforma em Significante pelo grau de alteridade propiciado pela escuta do analista que se atendo às “ressonâncias do dizer”, escuta no funcionamento normal do discurso, a retórica acionada inconscientemente no nível do Significante.

Segundo Authier, se a situação analítica é “anormal”, a língua “normal” não é uma língua “analítica”. A análise é homóloga em sua prática à escritura poética. Ambas praticam a *regeneração do significante* (Lacan), através da estruturação da “proliferação dos harmônicos de uma palavra” (Authier,1982,p.47).

Nessa linha que Lacan encontra Jakobson, ao destacar as duas grandes funções da linguagem: 1) metonímia – a palavra por uma palavra – função de conectar significantes entre si; 2) metáfora – uma palavra pela outra – função de substituição de um significante por outro significante, produzindo um efeito de significação.

Seguindo os passos de Freud, encontramos também nossos exemplos tirados do registro cotidiano: “Palavras-Valise” (neologismos) , lapsos, homofonias (“nach Hose / nach Hause”), construções lógicas não percebidas que atravessam os significantes

inconscientes do discurso de um paciente (Quarta proporcional⁵¹ : se x está para z então y está para ...) etc.

Authier nos lembra também que a polissemia e a homonímia são os fundamentos do chiste. Além de se fazerem presentes na forma de ecos ou recortes evidentes que se impõem em nossas próprias palavras ou na do outro, indicam formações do inconsciente, assim como nos indica a Interpretação dos sonhos. Os sonhos devem ser lidos com um enigma e não com uma chave interpretativa *a priori*. São imagens que, através de associações, transformam-se em sílabas ou palavras.

Segundo a autora, toda a localização de traços do discurso inconsciente numa análise nos leva à afirmação de que todo discurso é polifônico, e, portanto, deve ser lido tal como o registro de uma partitura musical. O Inconsciente é este texto escrito embaixo. Lembremos do Bloco Mágico do exemplo de Freud.

Se a polifonia de um discurso se inscreve na estrutura material da língua através da linearidade de uma cadeia falada, podemos afirmar que: **“A língua é a condição do inconsciente”** (Authier,1982,p.53).

Mas com Authier, também podemos dizer que:

1. Se o ponto de vista do discurso atravessado pelo inconsciente articula-se às posições de sujeito (falante) a partir do campo psicanalítico, exterior à lingüística, através do conceito elaborado por Lacan, (Seminário 20, p.25), de

51 Em Pommier (1990, p.86) encontramos bons exemplos deste sistema lógico da quarta proporcional, estabelecido através da repetição de uma seqüência de significantes que é deduzida pela escuta do psicanalista da associação livre realizada pelo analisante em sessão.

“**linguisteria**”⁵² , isto é, da língua afetada pelo desejo, pela falta, por uma incompletude fundante ;

2. **Se** o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para traduzir em palavras um sentido do qual ele seria a fonte consciente, mas, ao inverso é um sujeito descentrado, ex-centrico , ex-sistente no interior da própria linguagem ;
3. **Se a** Segunda Tópica freudiana (*eu, supereu, isso*) denuncia a autonomia do sujeito livre, assim como a teoria do significante, em Lacan, ao situar o inconsciente como causa formal, “o efeito de linguagem é a causa introduzida no Sujeito” ;
4. **Se o** Sujeito não é uma entidade homogênea, mas o resultado de uma Estrutura complexa de linguagem que reconhece a existência do inconsciente, que concebe que o Sujeito é dividido, clivado, fendido ... o que não significa colocar-se em uma dualidade de Sujeito ;
5. **Se** para o Sujeito não há o centro fora da ilusão e do fantasma (ilusão que subjetiva, inconsciente, que determina o objeto da demanda do Outro ao sujeito), ou seja, trata-se de reconhecer a realidade da Ilusão. E, com isso, levar-se em conta o não-dito da lingüística, onde: “A linguagem é atravessada pelo

52 Neologismo forjado por Lacan para dizer da especificidade do funcionamento da linguagem do inconsciente (...) *se considerarmos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguisteria* (Lacan. O Seminário, livro 20, p. 25).

desejo”, ou seja, levar em conta a articulação da linguagem e da Língua no inconsciente;

6. então podemos dizer que: O inconsciente é condição da lingüística.

Não se trata de superar as proposições anteriores, mas de articulá-las, moebianamente⁵³ Assim, de um lado da fita teremos que : “A linguagem é a condição do inconsciente” (Authier,1982,p.42); “A língua é a condição do inconsciente” (Authier,1982, p.53). De outro lado, que : “O inconsciente é condição da lingüística”.

Ambos os campos – lingüística e psicanálise – podem ser articulados através de duas questões que se implicam mutuamente. De um lado da folha de papel, para usar a metáfora saussureana, encontramos a questão “o que pode a lingüística **dizer** à psicanálise?” e do outro lado sua complementar “o que pode a psicanálise **fazer** com esta lingüística?”. Cifra-se, assim, o desafio que se coloca na cena analítica, assim como o desafio da lingüística que se implica nesta articulação. Este “desafio” pode ser enunciado pela paráfrase de Austin: “**quando dizer (num campo) implica fazer (no outro)**” – e vice versa.

⁵³ A figura topológica da banda de moebius, se produz ao tomarmos uma faixa inicialmente bilátera – frente / verso – realizando uma meia torção na faixa, seguida de um movimento de translação que possibilite colar suas extremidades. Transforma-se, desta forma, a superfície anteriormente bilátera da faixa em uma superfície unilátera. O trajeto iniciado em um lado da folha desliza pelo seu avesso retornando novamente ao direito quando uma volta se completa.

4. O RETORNO À LÍNGUA

*A questão é, pois: o que é a língua se a psicanálise existe ?
(Milner, 1987, p.17)*

Chegou o momento de retornarmos sobre nosso esquema inicial, para continuar avançando. Resumindo nossa trajetória, partimos da noção inicial de estrutura que migra do estruturalismo lingüístico, inaugurado por Saussure – que exclui previamente o sujeito para fundar a interioridade de seu campo – para um estruturalismo psicanalítico – que implica uma concepção de Sujeito que se constitui junto com a Estrutura da linguagem, “costurado” ao tecido Significante da Língua.

As características do Significante psicanalítico diferem do significante lingüístico por implicarem uma topologia da Estrutura que localize a “costura” dos Significantes relativos ao Sujeito. Estas novas características seguem :

as da existência de uma cadeia articulada (...) que tende a formar grupos fechados, isto é, compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais, por sua vez, prendem-se a outras cadeias à maneira de anéis (...) (Lacan, O Seminário, livro 5, p.34).⁵⁴

⁵⁴ Estes anéis, especificamente, retornarão dezoito anos mais tarde no Seminário *Le Sinthome* (1975-76) na análise que Lacan realiza da obra de James Joyce.

Como a Estrutura da linguagem, a estrutura psicanalítica também possui duas funções de Estrutura: sua função diacrônica, correspondente à dimensão “estruturada” relativa ao plano atual da Língua e sua função sincrônica e “estruturante”, referente à dimensão virtual. Dois planos da estrutura que se encontram em relação de continuidade – a um “tempo” estrutural (sincrônico) corresponde um “movimento” (diacrônico) relativo à Estrutura.

A psicanálise, ao introduzir um elemento novo na Estrutura (o Sujeito) , afeta o conjunto da linguagem e o recompõe segundo suas próprias leis: as do Significante. Um Sujeito solidário a uma teoria do Significante transforma o plano da atualidade estruturada da linguagem, acrescentando-lhe a dimensão de uma experiência de assujeitamento ao campo da linguagem. Os efeitos desse assujeitamento também se fazem sentir sobre o plano da virtualidade, convertendo-a na idéia de uma “ausência” localizada na Estrutura. “Ausência” que corresponde a um elemento inapreensível pela Estrutura (sua dimensão Real). Conclui-se que a dinâmica da Estrutura passa a ser suportada por uma falta.

Este Real que passa a ser regido pela dimensão estruturante da linguagem pode, dessa forma, ser representado simbolicamente em sua ausência por um Significante. A relação que define a Estrutura passa de um conjunto definido pela categoria do “todo” a outro conjunto definido pela categoria do “não-todo” – pois sempre sobrarão algo de irrepresentável, uma falta fundante, um resto da operação de simbolização de transformação do Real (do impossível de dizer, de fazer, de escrever) em uma ausência, que permite que a ausência se preencha com uma experiência organizada imaginariamente. Assim, a simbolização do real, realizada pelo Significante, define um sujeito enlaçado à

dimensão estruturante da linguagem (a outros significantes). O procedimento de imaginarização desta experiência insere nesta ausência um sujeito reflexivo e imaginário.

Assim, a relação simbólica do Sujeito com a Estrutura é uma relação de “reconhecimento” (reconhecer um Significante na Estrutura que diga de um Sujeito), e a relação imaginária do Sujeito com a estrutura é de “des-conhecimento” (desta ausência estruturante, que passa a ser vivida como uma falta passível de preenchimento). O *Simbólico* determina que exista uma falta – para que exista um lugar para o Sujeito na Estrutura – e o *Imaginário* determina qual seria o objeto desta falta na tentativa de suturá-la.

O *Real* surge no elemento que resta a se escrever, naquilo que não se enquadra, neste “algo” de inominável, de desconhecido que através do Simbólico se transforma em “algo” que possa ser representado e percebido imaginariamente, ao nomear aí um lugar, como um ponto no infinito define o horizonte nomeando um referente inalcançável ao Sujeito.

O espaço circunscrito da linguagem se abre para o espaço “transcendental” do Sujeito, produzindo uma relação definida em sua forma pela figura topológica de um *toro*, isto é, uma esfera furada – uma câmara de ar. A imagem do *toro* nos fornece um suporte para pensarmos esta metáfora do furo. Um furo no centro da esfera que une o seu centro a exterioridade que o constitui, seu exterior periférico passa a seu exterior central: a falta passa para dentro.

É preciso atravessar a Estrutura da linguagem fazendo passar através de seu furo simbólico o fio do Significante para localizar nela um Sujeito. Este furo nos permite

articular nossas três consistências – Saussure, Jakobson e Benveniste – a seu mais um – Lacan, transferindo para elas as propriedades Significantes de uma Estrutura onde um Sujeito se constitui (Cf. figura 8, na página 26).

Os Signos isolados no campo da lingüística saussureana se referem a um Código da Língua cuja virtualidade os define como Mensagens. Mas a própria comunicação, por incluir necessariamente um sujeito que fala, não é levada em consideração por Saussure. Esta questão é, então, retomada por Jakobson, que define os pólos da emissão e da recepção fixando os limites do campo da linguagem do que não faz parte dela. Assim Saussure dá lugar a Jakobson.

A psicanálise nos diz que, das relações que se dão no interior da linguagem, vemos apenas os efeitos imaginários, pois elas se realizam em uma Outra Cena. Assim o Sujeito da Enunciação decorrente do *Aparelho formal de enunciação* em Benveniste é ainda um sujeito agente, mas um Sujeito que vai além da dimensão do imaginário pois estrutura-se em sua consistência somente ao colocar a língua em funcionamento. Por isso podemos tratá-lo como sendo um Sujeito do Simbólico. Seu elemento estruturante encontra-se do outro lado, na própria Estrutura (do *aparelho formal de enunciação*) da Língua, isto é em sua dimensão simbólica, como a concebe a psicanálise. A dimensão do Real neste campo produz no sujeito um “des-reconhecimento” no Imaginário, desestabilizando os elementos estruturantes.

Assim, tanto em Jakobson quanto em Benveniste temos um sujeito que age – comunicando no primeiro e enunciando no segundo. Mas este sujeito agente tem um estatuto diferente em cada um destes autores – Imaginário em um e Simbólico em outro.

Em Jakobson abole-se a alteridade em um sistema de comunicação, apostando na identidade entre emissor e receptor da mensagem – no processo de identificação de um a outro. A alienação do sujeito, neste modelo, é a de um “ego” que fala para ser reconhecido por outro “ego” que escuta, numa solução de continuidade de um a outro. Corresponde à ilusão ego-narcísica de que nos fala a psicanálise. O outro é um outro espelho que garante ao “eu” sua consistência imaginária egóica (de ser um “eu”). Com Jakobson não podemos pensar que este outro aí não esteja. Falta-lhe, ainda, a dimensão de um Outro simbólico que sustenta a posição de olhar, a partir da qual um Sujeito pode advir perante o desejo, no sentido daquilo que falta a este Outro. É desse lugar que um Sujeito poderá vir a enunciar (o lugar do “ideal de eu”, para a psicanálise). É deste lugar que podemos inverter sua premissa ao dizer que o emissor recebe sua própria Mensagem (de volta) de forma invertida.

Em Benveniste, o imaginário não exclui a relação de alteridade, abrindo-se para uma dimensão simbólica. As relações de reversibilidade enunciativa entre “eu-tu” traduzem todos os regimes de ficção imaginários possíveis a um sujeito. É seu dispositivo ficcional dentro do dispositivo enunciativo da Língua. Este dispositivo também é um recurso narcísico, mas de um narcisismo que introduz a dúvida (cartesiana) no Sujeito: a de que o outro (“tu”) pode não estar presente (pode enganar) para garantir a consistência do “eu”. O outro (“tu”) passa a existir como um suplemento da fantasmática do “eu”. O “tu” torna-se a fantasia na qual o “eu” pode identificar-se, garantindo sua consistência, numa relação incorporada ao “tu”. Nesse desdobramento ficcional, o “eu” autor pode identificar-se com um “eu” ator que encena seu papel na sua fantasia. Podemos dizer, ainda, que esta ficção é uma “imagem” projetada na tela da fantasia de um Sujeito. E que esta tela desvela

de modo impessoal (ele) um “eu”, ela é também simbólica, sendo o que possibilita que um “eu” se reconheça nas imagens, realizando o vínculo “eu”-“tu”. Assim podemos grafar “eu”-“tu” /”ele” para dizer que “eu”-“tu” só existe na tela (/) da cena enunciativa sustentada por um “ele” (impessoal) a partir do qual um “eu” poderá advir.

Com tais correlações metafóricas nos aproximamos da teoria do Sujeito estabelecida pela psicanálise (de Lacan). Lacan vai além de uma doutrina da intersubjetividade, como nos apresenta Benveniste através de suas duas figuras de alteridade: uma alteridade fraca, reversível do eu-tu – imaginária – e uma alteridade forte, irreversível, eu-tu/ele – simbólica. Podemos dizer, ainda, que falta-lhe uma operação, que é articulada pela psicanálise: produzir um furo simbólico no próprio Sistema simbólico de linguagem (*aparelho formal da enunciação*) – como definimos anteriormente neste trabalho. Esse furo pode ser traduzido pela questão: existe algo para além da tela da cena enunciativa? Uma espécie de “pergunta-defesa” contra o inominável. Mas é a própria enunciação que convoca a “substância” da tela. Logo, nada existe para além da tela. Mas é preciso realizar a travessia para percebermos que o mito fala “o” mundo e não “do” mundo. E ao falar “o” mundo designa “no” mundo sua falta, ou seja, a do “referente” que não existe independentemente do Sujeito que fala.

A psicanálise nos permite assim derivar da relação lingüística em si (estabelecida por Saussure) para um Sujeito que seja capaz de sustentá-la. Este Sujeito não poderá ser o suporte indiviso da mensagem e do código, como o quer Jakobson. É necessário a produção da palavra enunciada pelo Sujeito, que não está situado nem no pólo do emissor e nem no lugar do receptor. Este Sujeito só pode ser pensado através da falta que o articula à Estrutura. A falta do Código ao nível da palavra e a falta do sujeito-agente no lugar do

Códigos são correlatas e introduzem no interior da linguagem a fissura do inconsciente. Podemos dizer, agora, que um Sujeito é capaz de um inconsciente. **Assim, Saussure dá lugar a Jakobson que dá lugar a Benveniste que dá lugar a Lacan.**

A psicanálise articula o triplo furo produzido na lingüística, relacionando-a a uma Outra cena, enxertada no lugar do código, da sincronia, da enunciação, onde a Estrutura faz sua conexão com um Sujeito.

Atravessa-se o enunciado em direção à Enunciação. Atravessa-se a tela da cena enunciativa para , mais além, nos encontrarmos com a falta que organiza a palavra enunciada. O conjunto do discurso do Sujeito (seu texto) se organiza (se tece) em torno dessa falta que, por sua vez, organiza o lugar de desconhecimento do Sujeito na Estrutura. Assim, a falta deixa em aberto no discurso (na enunciação) o lugar do desconhecido. É isso que produz o corte (epistemológico) entre a lingüística e a psicanálise, que passam a ser articuladas, através de transformações mútuas, em um discurso teórico unificado. Sua superfície é moebiana, não mais bilátera.

A superfície iniciou-se com o texto de Saussure como suporte da escritura lacaniana. Podemos dizer que Lacan escreveu com seus Significantes, imprimindo seu estilo (*stilo*) na folha de papel saussureana. Os Significantes lacanianos, em contato com os Significantes saussureanos, reviram a superfície da folha produzindo sua dobra (sua meia torção) ; opondo-se produzem sua translação; reunindo-se em sua diferença colam suas pontas; o movimento que os relaciona e os reverte os faz passar um no outro produzindo o jogo da diferença; produzindo o novo.

Para que serve este “novo” campo teórico ? Para pensar a clínica psicanalítica e deste lugar retornar à lingüística produzindo novas possibilidades de relações conceituais em seu próprio campo. Diríamos que, na tentativa de provocar um arejamento, uma abertura à novas significações, e com isso, outras possibilidades de pensar o “fazer com a língua” , a prática com a linguagem, relacionando-a a outras cenas enunciativas, como as da clínica, por exemplo, alargando seu horizonte expressivo e sua capacidade de produzir novas interrogações.

A transferência de um campo a outro (Imaginarização do Simbólico) implica em interpretação (Simbolização do Real) mas também em resistência (Realização do Imaginário). Cabe a nós, localizarmos este movimento na Estrutura, situando os lugares de abertura à significância, para que um Sujeito possa daí advir. É preciso “não perder o ponto” para estabelecer a pontuação (escanção), o apontamento dos elementos Significantes que sejam índices da estruturação de um Sujeito. É preciso buscar a metáfora. É preciso correr o risco de degradá-la em suas séries metonímicas para voltar a buscá-la , reintegrando-a a novas formas expressivas. É preciso tecer na Língua acrescentando os novos fios do discurso.

Nosso sistema torna-se nosso tear. Um sistema de textos – fios de referência analítica – que produzem uma tessitura teórica própria. Uma Tela – pano de fundo – que configura uma unidade de ação. Sobre esta tela, perpassam as tintas de cada fazer, em sua singularidade, em sua Enunciação. Tinta sobre tela organizam um fazer; um mosaico

aparece na tessitura⁵⁵, evocando a polifonia. A teoria torna-se um produto no horizonte de um fazer. Significantes de um trabalho em processo incitam, polemizam, redimensionam nosso olhar, nossa leitura. Algo se produz. Uma invariância, construída topologicamente, nos informa sobre a Estrutura. Regras de navegação em constelação de conceitos. Um fazer com a linguagem transforma anagramaticamente o “tear” com “arte”. O tecido metafórico constrói-se metonimicamente. Até que produz-se a metáfora.

4.1 A Língua é uma linha que se estende na busca de um Sujeito.

Iniciamos este trabalho com a metáfora da Língua como uma linha que se estende em busca de um Sujeito. Nossa primeira unidade. Na seqüência, nossa língua tencionou-se internamente até explodir em três Sistemas diferenciados de linguagem que, por sua vez, fecharam-se em três consistências refratárias ao conceito de Sujeito. A partir do campo teórico da psicanálise, tomou-se essas três consistências sobrepostas como uma série Significante (três círculos – conjuntos – sobrepostos) enlaçada pelo Sistema teórico proposto pela psicanálise (um quarto elo que os costura) para dar conta da existência de um Sujeito na Estrutura. Chegamos, assim, à nossa segunda unidade, composta de três Significantes contados um a um (o significante Saussureano, o significante Jakobsoniano, o significante Benvenistiano) enlaçados a seu + 1, o Significante Lacaniano, da costura que

55 Segundo o novo dicionário Aurélio, **tessitura** significa o “conjunto dos sons que abrangem uma parte da escala geral e convêm melhor a uma determinada voz ou a um determinado instrumento”. Por extensão, “o conjunto das notas mais freqüentes numa peça musical, constituindo a extensão média em que está escrita” (p.1670).

enlaça o Sujeito ao Significante na Estrutura, propondo uma outra maneira de lidar com a estrutura da Língua e da linguagem.

Este enlace, no léxico psicanalítico, tem os atributos do *Sinthoma*⁵⁶ estrutural para psicanálise, isto é, uma forma de suportar o que se impõe ao Sujeito pela Estrutura. O *Sinthoma* é uma forma de lidar com a interrogação que este buraco, esta falta radical, fundante da Estrutura coloca ao Sujeito. Podemos dizer que é nesse exercício com a linguagem, na linguagem e a partir da linguagem, que cada um pode encontrar o seu *estilo*, a sua forma de lidar com a interrogação que advém do *Real* da Estrutura. Podemos dizer também que o *Sinthoma* é uma provocação, um convite à invenção que é renovado a cada ato de linguagem e que reenlaça e reintegra o Sujeito e a linguagem, revitalizando a ambos no exercício constante de criação e de abertura da linguagem. O *Sinthoma* é uma forma de contornar este *Real*, que faz limite na Língua, através da criação de novas formas que ampliem os limites da expressividade e as possibilidades de Sujeito na Língua. Assim, diremos que **se o *Sinthoma* é uma nova forma de lidar com a Língua, então, a psicanálise é o *Sinthoma* da lingüística.** Passemos a ele.

56 Segundo Souza (2003) Le Sinthome, é uma escrita que “diferencia-se do francês usual Le Symptôme (O Sintoma). É de ortografia antiga, supostamente latina, vulgar, que foi então helenizado pelo sufixo *ptoma*, que remete em grego à morte, a queda, e mesmo à decadência (...) Foi em 1945 que este vocábulo grego chegou na língua francesa, *sunptôma*, diferenciando-se então do latino vulgar *sinthome*, que Lacan revitaliza para falar de Joyce”. (Souza, 2003, p.22) A idéia geral que podemos reter é a de que Symptôme nos remete a mesmidade e *Sinthoma* a inovação, no trato com a linguagem e no “fazer com a língua”, uma forma criativa de lidar com a “determinação” subjetiva da estrutura.

4.2 A psicanálise é o *Sinthoma* da lingüística.

Este *Sinthoma* Lacan o inventou com Joyce.

O que é que se passa em Joyce ? O significante vem recheiar o significado. É pelo fato de os significantes se embutirem, se comporem, se engavetarem – leiam Finnegans Wake – que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é mesmo o que há de mais próximo daquilo que nós, analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler – o lapso. É a título de lapso que aquilo significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneiras diferentes. Mas é precisamente por isso que aquilo se lê mal, ou que se lê através, ou que não se lê. Mas esta dimensão do ler-se, não é ela suficiente para mostrar que estamos no registro do discurso analítico?

O de que se trata no discurso analítico é sempre isto – ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa (Lacan, O Seminário, livro 20, p.51-52).

Poderíamos dizer que o *Sinthoma* bordeja a função poética da linguagem ao manusear *Lalangue*. Compreendendo *Lalangue* como aquilo que a experiência do inconsciente mostra como efeito, uma língua que “serve a coisas inteiramente diferentes da comunicação” (Lacan, O Seminário, livro 20, p.188) ⁵⁷

⁵⁷ Lacan, no seminário 20 (O rato no labirinto, 1973) expõe o que entende por este néovocabulo *Lalangue*. “*Lalangue* serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação”. Mantivemos a expressão em francês de acordo com a leitura de Haroldo de Campos que não concorda com a tradução proposta para o português de *Alingua*. “Diferentemente do artigo feminino francês (*La*), o equivalente (*a*) em português, quando justaposto a uma palavra, pode confundir-se

Lalangue ao não se inscrever no quadro das definições da lingüística, é o que existe à Língua para a lingüística, sendo que este existente se constitui pela negação de sua totalização .

Eis o impasse que a lingüística herda , por extensão, da psicanálise. A *falta* articula (lingüística e psicanálise). Algo que ao não se inscrever circunscreve um lugar de articulação, uma casa vazia que se preenche por uma interrogação.

A interrogação que tenta dar conta do Real da lingüística, segundo Milner, em *O amor da língua* , constrói-se sobre o que ela teve que excluir para se constituir como ciência, ao isolar seu objeto específico: a Língua.

Este ponto de impossível de uma ciência torna-se seu “ponto de poesia”. Uma espécie de “lugar dos equívocos” para o qual Lacan forjou o termo “LALANGUE”. Mais precisamente, “uma coleção de lugares, todos singulares e todos heterogêneos, sempre outra para ela mesma, incessantemente heterotópica” (Milner, 1987,p.9).

Milner não isenta o lingüista de reconhecer este lugar. Eu diria mesmo que o lingüista está preso na própria rede de linguagem que construiu para pescar sua Língua, seu objeto. Para desembaraçar-se dessa rede, segundo nos adverte Milner, será preciso articular o ponto onde seus fios fazem nó com os fios do desejo inconsciente, “não como

com o prefixo de negação, de privação(...) Assim, alíngua poderia significar carência de língua, de linguagem, como alingüe seria o contrário absoluto de plurilingüe (..) eqüivalendo a “deslinguado”. Ora, LALANGUE, pode-se dizer, é o oposto de não-língua, de privação língua. É antes uma língua enfatizada, uma língua tensionada pela “função poética” , uma língua que “serve a coisas inteiramente diversas da comunicação” (Haroldo de Campos. In.: O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalingua).

indistinguível, mas como localizável pela via da falha que ele impõe a todas as referências” (Milner, 1987, p.24).

Somente porque *Lalangue* opera na Língua que algo da ordem do desejo é enunciável. E, assim, a travessia de um Sujeito é possível.

Esse desafio que Milner lança aos lingüistas – o de ter que se ver com um Real que insiste – serve igualmente aos psicanalistas. Ao menos duas posições são possíveis como resposta. Suportar o Real e fazer algo com isso ou obturá-lo.

A primeira posição é a que podemos chamar de poética, que inclui uma ética, e exige uma prática inventiva e não acomodativa com a linguagem, implicando e implicando-se na dimensão do equívoco (gênio da Língua), onde podemos ser desditos no ato mesmo de nossa enunciação por um simples lapso ou mesmo um cacófato. A segunda trata de eludir o Real através de uma imagem da Língua que corresponda à exigência de completude.

A poesia está para primeira e a gramática para a segunda.

O fazer poético nos dá acesso a uma espécie de avesso, que ao encobrir se descobre ao desvelar no lugar do gramático o anagramático, enquanto saber inconsciente da própria Língua – o que estabelece a relação entre a leitura anagramática e o trabalho do sonho. Lá onde Saussure esperava Freud, segundo Jacques Lacan (O Seminário, livro 20).

Então, de certa forma também estamos no Real que toca a psicanálise. Estamos no conceito de *falta*, relacionado à Língua, à articulação do Sujeito na Língua e ao lugar do *Sinthoma*.

O fato de o conceito de *falta* ser enunciado pela psicanálise não deve ser entendido como o testemunho de algum domínio ou de mestria, mas de uma interrogação que parte da nossa falta comum. Pois para psicanálise é a falta que nos introduz na linguagem.

A falta, embora se expresse de diferentes maneiras, conforme as línguas, sendo simplesmente um efeito de Estrutura, é fundamentalmente a mesma para todo Sujeito falante.

Mas se, para lingüística, a Língua serve para que possamos nos reconhecer como participando de uma mesma comunidade de falantes, com a psicanálise podemos acrescentar que se trata de uma comunidade de falta. Isto quer dizer que entender uma palavra não significa que estamos na garantia da comunicação, mas que uma palavra está veiculada ao desejo daquele que fala. É preciso escutar a poesia que é veiculada pela sua fala. Quer dizer que é preciso participar da mesma falta (ser da mesma paróquia). Do mesmo modo que para rir de um chiste e para entender um lapsos também.

O que é mais importante numa Língua , seu sentido ou sua poesia ?

Aqueles que se apoiam numa lingüística da comunicação, para constituir seu objeto, acreditam que a língua serve para transmitir o sentido.

A clínica psicanalítica insiste em nos dizer que se isto for verdade a Língua é um péssimo sistema, pois está prenhe de equívocos. Basta falarmos nela para verificarmos que, quando se fala, a comunicação do sentido é falha.

E o *Sinthoma* ? O *Sinthoma* nos diz que não se trata de dominar um saber, que anteciparia um signo a ser contido, um conceito a ser compreendido, a um saber que não

deixaria espaço para o imprevisível. O *Sinthoma* diz de um “saber-fazer” – com o *Sinthoma*, com a língua – mais da ordem da criação poética do que científica. Trata-se então de renovar as condições de enunciação e de expressividade em seu fazer na e com a linguagem.

Talvez, na pista deste conceito de *Sinthoma*, possamos operar uma reflexão em torno da psicanálise e da linguagem. Talvez possamos renovar nossa forma de estar na linguagem ousando, dentro de nossa competência, revitalizar o uso da Língua.

A palavra poética não tem margens, embora não seja “imarginável”⁵⁸. Nela escuta-se a imagem que um olhar gravou no clarão da Língua, onde a linguagem se refaz em nova conformação simbólica. Como na poesia “chegados ao final do caminho, fica a sensação de que se está diante de um objeto em fuga” (Waldman, 1990, p.30). Que o leitor nos perdoe a falta de dicção e a interferência poética. Na poesia “a boca desarruma os vocábulos na hora de falar” (Barros, 1990, p. 14).

⁵⁸ Neologismo criado por Donaldo Schüler em sua tradução de *Finnegans Wake*, de James Joyce.

5. Considerações Finais

Ler uma obra é o mesmo que fazer um trabalho: há sempre uma questão que persegue a gente a propósito desse ou daquele texto (Melman, 1991, p. 141).

Um trabalho é sempre um *Work in progress*, nunca está totalmente pronto, mas mesmo assim é necessário concluir. E concluir é deixar-se marcar por essa incompletude. Sabemos os efeitos catastróficos da suspensão de um ato – pois um ato é aquilo que demarca um antes e um depois e com isso situa um Sujeito. A poesia trágica nos deixa isso muito claro. Se quisermos outros exemplos, basta lembramos do destino de Hamlet ou, mais “concretamente”, basta evocarmos o esforço do obsessivo em manter a figura de um pai incastrado, idealizado, situado num para além das impurezas da experiência mundana. Por isso não age, para não se marcar. Mas deixar-se marcar pela incompletude não é identificar-se com ela. Isso seria uma resposta histórica a questão: ter a mestria, encarnar em seu ser o saber sobre a incompletude. Mas a incompletude é, no fim das contas, simplesmente uma questão de Estrutura. Não é necessário negá-la evitando-a com a certeza obsessiva ou banalizando-a com a certeza histórica. É melhor aprender com ela e pensar que a incompletude de hoje não é necessariamente a incompletude de amanhã. Como diria Guimarães Rosa, é preferível resguardar o seu talvez.

É preciso não temer que certos pontos de instabilidade possam vir a desmanchar o sentido, pois o sentido é sempre vetorial, e para caminhar nele é preciso sair do lugar, desequilibrar-se para melhor reequilibrar-se e assim poder avançar um pouco mais, para melhor se posicionar.

É convocando esta idéia da incompletude que pretendemos encaminhar nossa conclusão, retomando dois pontos que mobilizaram a escrita deste trabalho e que, é preciso dizer, não tem a pretensão de consistirem numa tese. Eles insistem em guardar o seu talvez e convidam o leitor a colher a pertinência de sua dissertação. Estes dois pontos referem-se, por um lado, as possíveis conseqüências teóricas deste trabalho (tanto para lingüística quanto para psicanálise) e, por outro, sobre seus possíveis direcionamentos práticos (tanto para lingüística quanto para psicanálise).

Estes pontos foram brevemente enunciados anteriormente (Capítulo 4 – O retorno à língua) neste trabalho. Mas, ao retornarem no momento de concluir, assumem uma densidade prática e contextual e reivindicam a pertinência de inscrição de uma posição outra, interdisciplinar, no interior de um curso de “Letras”. O que este outro tem a me dizer? O que ele procura e porque procura onde procura? O que ele quer de mim? Perguntas clássicas, antigas. Mantenhamos a pergunta à procura de alguma resposta que a renove. Mas a pergunta insiste e retorna ainda mais incisiva em seu questionamento. Esta forma de análise da linguagem que o trabalho defende, o que ela propicia? Não fugiremos desta questão. Apenas lembramos o fato de que a motivação deste trabalho surgiu de questões relativas a diferentes práticas de linguagem (muitas delas referentes ao contexto clínico) que questionam a divisão (gramatical ou outra) do que seja correto ou incorreto na Língua,

e que são práticas que demandam um conceito de sujeito para tornarem-se conceitualmente operativas. Mas o fato de termos que lidar com um questionamento que advém do campo de uma prática não significa que tenhamos necessariamente que trabalhar com um *corpus* empírico de análise para contribuir no debate. Lembramos que nossa contribuição com este trabalho se propõe como sendo discursiva, ou seja, é antes de tudo uma contribuição à reflexão epistemológica que interesse ao campo interdisciplinar, envolvendo principalmente a lingüística e a psicanálise. Poderíamos citar outros trabalhos que, a partir de uma epistemologia similar a que propomos, apresentam contribuições práticas de análise da língua – indicando assim sua pertinência tanto à lingüística quanto à psicanálise.⁵⁹ Mas, neste momento, vamos nos limitar a apresentar algumas conseqüências advindas da direção teórica adotada.

Neste sentido, tentaremos apresentar as linhas de força do argumento de Jean-Claude Milner (1996) sobre o que denominou de “O primeiro classicismo de Lacan”. O trabalho desse lingüista nos serviu como uma referência segura, para nos situarmos no percurso que vai da lingüística à psicanálise e que retorna à lingüística, resignificando seu

59 No campo da lingüística, encontramos o trabalho da Valdir Flores, sobre a irrupção do inconsciente na semântica da língua. Seu trabalho submete a lingüística clássica a uma nova leitura epistemológica, questionando a transparência da significação. Assim, podemos ler na contracapa de seu livro que “a estrutura deixa de ser mera repetição para também contemplar o sujeito e o sentido, na enunciação, como instâncias do imprevisível” (Flores, 1999). O autor além de defender a pertinência da interdisciplinaridade no estudo da lingüística, trabalha com 50 casos de análise em que as formas sintático-semânticas do discurso indireto são estudadas a partir da hipótese da interferência do inconsciente na semântica da língua. No campo da psicanálise, temos o trabalho de Francisco Settineri, que estuda “o funcionamento da linguagem quando das intervenções operadas pelo psicanalista sobre a fala dos analisantes” (Settineri, 2002,p.247). Neste trabalho, o autor pergunta-se, entre outras coisas, sobre os recortes das unidades lingüísticas (Saussure) presentes na interpretação clínica. Temos, assim, dois exemplos de análise bastante consistentes sobre as contribuições recíprocas entre os campos da lingüística e da psicanálise, sem sobreposição dos campos – análise que defendemos neste trabalho.

campo, com categorias psicanalíticas que possam auxiliar no tratamento da Língua e da linguagem, tais como as noções de Sujeito e de inconsciente.

Consideramos que a referência a esse trabalho seja uma baliza teórica necessária e suficiente para explicitar nossa tomada de posição epistemológica em relação à lingüística. Ela será, aqui, nosso ponto de estofo e de fechamento, lançando para o futuro – para frente – sua reabertura, aguardando seus efeitos de leitura.

Reteremos de Milner apenas o suficiente para explicitar a retomada da lingüística pela psicanálise, sem descaracterizar o pensamento do autor, e no que ela pode retornar à lingüística enquanto um procedimento de orientação epistemológica possível no trabalho com a linguagem, ao reintroduzir nela um sujeito que não se deixa descrever por qualidades empíricas – no que talvez fosse mais exato dizer, um Sujeito como forma e não como substância assim como dizemos que uma Língua da forma se opõe a uma Língua da substância.

Acompanhemos os passos da argumentação de Milner.

Milner parte da proposição de Lacan (Escritos, 1998) de que “o sujeito sobre o qual opera a psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (Milner, 1996, p.28), ou seja, um Sujeito que deve ser “distinto de toda forma de individualidade empírica” (Milner, 1996, p.28).

Mas o fato de se dizer que a práxis da psicanálise implica um Sujeito da ciência não quer dizer que a psicanálise, ela mesma, seja uma ciência. Segundo Milner, a

psicanálise difere de uma ciência, pois “ela articula uma teoria em estado nascente apreendida no movimento de uma reflexão iniciada na práxis” (Milner , 1996, p.29).

Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo. É aí , no entanto, que se deve fazer uma demarcação, sem o que tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas que é falta de audácia e falta de haver situado o objeto que malogra (Lacan, Escritos, 1998, p.873) .

O saber que advém da prática de uma análise, só é possível julgá-lo *a posteriori*. Ou seja, o ato analítico – que possibilita que um sujeito surja como efeito da enunciação do analisante – só pode ser pensado como científico, a partir do Sujeito da ciência, no *a posteriori*. O saber que se produz desse ato é aquilo que se articula – por significantes que se expressam em palavras – para dar conta de uma verdade que se insinua ao sujeito no momento de sua fala (Cf. Souza, 1996). É sempre um momento evanescente, pontual, que deve ser avalizado pela escuta e intervenção do analista, em sua dimensão de alteridade transferencial (grande Outro). Poderíamos dizer , de certa forma, que na psicanálise, o critério de alguma positividade científica , demandado pelo *domínio conceitual do saber* está determinado pelo domínio *conceitual do fazer* (cf. Bouquet, 1997 p.39). Seu critério epistemológico se dá através de “um dos critérios de Koyré⁶⁰ – o critério de uma “relação entre teoria e técnica tal que a técnica se entende como aplicação prática de uma teoria e que a teoria se entende como teoria dessa técnica” (Bouquet, 1997, p. 40).

60 Alexandre Koyré (1892-1964) pertence a tradição francesa da história das ciências. Seus comentários sobre o cogito artesiano influenciaram diretamente a teoria do significante de Lacan.

Assim, essa “práxis” da psicanálise, a qual nos fala Milner, não demanda da ciência que lhe constitua um ponto ideal de referência. Ao contrário, ela estrutura internamente suas próprias proposições. Dito de outra forma, o campo da psicanálise não pode ser regulado por uma exterioridade científica. Sendo assim, não faz sentido apresentar uma ciência como modelo que a psicanálise teria que seguir, pois: “não há ideal de ciência para a psicanálise tampouco há para ela ciência ideal. A psicanálise encontrará em si mesma os fundamentos de seus princípios e métodos” (Milner, 1996, p. 31).

Poderíamos dizer que a psicanálise se constitui a partir de uma certa autonomia epistêmica, estando suficientemente segura para questionar a ciência.

Devido ao fato de apresentar-se enquanto um conjunto autônomo de proposições é que a psicanálise pode ser tomada ela mesma como um ponto ideal, “organizador de um campo epistemológico e permitindo nele se orientar” (Milner, 1996, p. 31).

Desta forma, seria possível inverter as posições e construir para ciência um ideal da análise, chegando assim ao que corresponderia a sua forma de análise ideal, isto é, ajustando a ciência ao modelo da psicanálise.

Mas não devemos cair tão facilmente nesta armadilha de constituir a psicanálise como uma ciência ideal. Seguindo o texto de Milner, encontramos sua advertência de que, em Lacan, não temos uma teoria da ciência, nem uma epistemologia. O que encontramos, em Lacan, é um *Doutrinal de ciência*, isto é, um conjunto de proposições sobre a ciência e de proposições sobre o Sujeito. Esse doutrinal é o que permitirá a articulação da ciência ao Sujeito.

Fazendo a economia de uma série de mediações históricas e conceituais, podemos dizer que, na leitura de Milner, a concepção de ciência de Lacan apoia-se na definição de Koyrè ao distinguir a ciência galileana, sendo “galileana uma ciência que combina dois traços: a empiricidade e a matematização” (Milner, 1996, p. 36). Assim:

Admitindo-se que todo existente empírico é passível de ser tratado por alguma técnica e que a matematização constitui o paradigma de toda teoria, a ciência galileana é uma teoria da técnica e a técnica é uma aplicação prática da ciência (Milner, 1996, p.36).

Na ciência moderna, as dimensões *techné / episteme* encontram-se superpostas. Essa sobreposição *theoria / práxis* tem como consequência uma ruptura com a ciência da antigüidade. A matemática, considerada, até então, como a ciência dos astros, deixa de estar ligada ao eterno. A partir daí a figura de um universo perfeito e imutável fica lascada e sempre poderemos *discernir manchas no Sol* (Milner, 1996, p.43). Além disso, a ciência passará ao domínio da contingência – a *práxis* passa a habitar o seio da *theoria*. O conjunto dos corpos celestes apresenta-se como podendo não estar lá, como podendo ser outro do que é. O Universo passa a ser habitado pelo Diverso.

Os números não funcionam mais como Números, chaves de ouro do Mesmo, mas como letras e, como letras, devem apreender o diverso no que ele tem de incessantemente outro. O empírico é literalizável como empírico; a letra não leva o objeto ao céu das Idéias (...); a literalização não é idealização (Milner, 1996, p.44).

Literalidade e contingência passam a definir os traços estruturais e intrínsecos da ciência. Consequência lógica dedutiva: 1. só existe ciência do contingente; 2. todo

contingente pode ser apreensível por uma ciência; 3. o conjunto dos contingentes é o universo.

Disso, outra conclusão se estabelece: **se** o Sujeito sobre o qual opera a psicanálise é um correlato da ciência moderna **então** é também um correlato do contingente.

O universo da ciência transforma-se no *Coup de Dés* de Mallarmé, um corte que produz um *Lance de Dados* não abole o acaso (Cf. Campos, 1991).

A partir de um fazer, jogam-se os dados de um domínio conceitual. Entre os possíveis lances, antes dos dados caírem, se esboça um impossível. “Impossível, uma vez caídos, que eles tenham outro número sobre a face visível. Onde vemos que o impossível não está disjunto da contingência mas dela inclui o núcleo real” (Milner, 1996, p.52).

O Sujeito está, assim, suspenso na contingência, entre o momento anterior e o momento posterior do lance de dados. Esquecer sua contingência é autorizar sua costura – é fixar o Sujeito na tessitura da cadeia Significante, radicalizar seu esquecimento é estabelecer o rasgão, que não pode ser cerzido, entre o Sujeito e a cadeia de Significantes que lhe diz respeito – é a forclusão do Sujeito.

Assim a letra se fixa, formando um conjunto de pontos de referência ao universo das proposições da ciência.

Cada um desses pontos deve se deixar apreender como uma oscilação de variação infinita, dado que basta que uma única variação afete um único de seus pontos para que dois universos possíveis sejam distintos, uma vez que em virtude disso os universos possíveis são em número infinito, já que o

universo só existe para a ciência mediante o desvio desses universos possíveis, o universo é necessariamente infinito e não deixa de sê-lo, mesmo que os pontos que o constituem fossem por acaso em número efetivamente finito. Infinito qualitativo mais que quantitativo (Milner, 1996, p. 53).

Daí podemos concluir que:

1. É unicamente pela contingência que esse infinito advém no universo, e a ele advém de seu próprio interior – assim como é pela contingência que um Sujeito advém na Estrutura;
2. O universo como objeto da ciência e como objeto contingente é intrinsecamente infinito – a Estrutura também é contingente, pois ela está relacionada a um Sujeito, ela é, então, intrinsecamente aberta à contingência (pode ser outra do que é, mas uma vez lançados os dados ...). Lembremos que a Língua pode ser outra do que é, mas uma vez lançados os dados “uma” língua se mostra – e não outra – na face visível ao cair;
3. O infinito é a marca da contingência.

Assim, Milner pode enunciar o que define como sendo a sua tese moderna por excelência :

- a) a finitude não existe no universo; e como tudo só existe no universo:
- b) a finitude não existe; pois
- c) não há nada fora do universo.

Tese que apresenta como corolário que o Sujeito não é um fora-do-universo. Mas para distinguir-se desse universo é preciso uma teoria topológica do Sujeito que o considere interno-externo a esse universo.

“Para a psicanálise, o conceito de que existe um universo, de que nada dele se excetua, nem mesmo o Homem, é o conceito que diz não a consciência, é o inconsciente” (Milner, 1996, p. 54), por isso, para Lacan, Deus é Inconsciente.

Mas como dizer inconsciente é dizer que não existe nada fora-do-universo, a hipótese do inconsciente passa a ser também uma afirmação do universo da ciência, pois “o infinito é o que diz não à exceção de finitude; o inconsciente é o que diz não à consciência de si enquanto privilégio (...) o inconsciente explica o consciente e não o inverso” (Milner, 1996, p. 55) .

Assim, o consciente é uma derivação do inconsciente.

O inconsciente parasita incessantemente o consciente, ele o manifesta como podendo ser outro que é e é por essa razão somente, que estabelece em que não pode justamente ser outro (...) A psicanálise é em seu âmago uma doutrina do universo infinito e contingente (Milner, 1996, p. 55).

Assim, a psicanálise aponta para a existência de um conjunto ao mesmo tempo totalizável e aberto, um Todo infinito afetado pela existência ou não de um limite. Nesse conjunto um sujeito pode advir. Que para esse sujeito haja sexuação , em lugar de não haver nada, é contingente. Que esse Sujeito se inscreva do lado homem ou do lado mulher nesse conjunto é contingente. Mas, esse Sujeito, uma vez inscrito, uma vez lançados os

dados, não pode ser outro do que é. O inconsciente freudiano é sexual. E a sexuação é essa contingência inconsciente que se inscreve no corpo do Sujeito falante.

A psicanálise só pode se autorizar o doutrinal de ciência desde que se baseie na sexuação como fenômeno e na sexualidade como região da realidade onde esse fenômeno pode ser apreendido. O doutrinal de ciência é apenas um outro nome da sexuação como lance de dados, isto é, como letra (Milner, 1996, p.57).

Assim voltamos aos fundamentos, pois a psicanálise não é uma panacéia, ela não responde tudo. Feita a viagem é sempre preciso voltarmos aos seus fundamentos freudianos. “Chegados ao final do caminho, fica a sensação de que se está diante de um objeto em fuga e, desse modo, a intenção de apresentar não se completa” (Waldman, 1990, p.30). Estamos sempre diante de uma experiência de leitura. Para orientá-la, a psicanálise estará sempre presente ao formular a indicação da boa pergunta. Que cada um coloque de si e não retroceda em sua travessia.

Quanto a nós, esperamos ter deixado uma pequena contribuição para reflexão daqueles que se interessam em pensar este campo de relações interdisciplinares ou àqueles a quem estas questões, de alguma forma, se endereçam.

Um trabalho é sempre o trabalho de um efeito de uma travessia pelas questões que nos interrogam. Encontramos, implicado nessa travessia, um Sujeito – ao mesmo tempo interior e exterior ao conjunto de interrogações que compõem as condições de enunciação de suas questões – no esforço de tecer pela escrita os pontos onde seus fios fazem “nó”. Esses “nós” o amarram ao texto permitindo que uma leitura se realize e convocando um

leitor em seu possível enlace de leitura. Um trabalho pode aceder assim, a condição de laço social que transita pela linguagem – passagem de um singular “nó” ao plural “nós”.

Nosso ponto de partida encontra seu ponto de chegada na ancoragem Lacaniana (A Terceira), através da metáfora de que “a linguagem é como uma linha imaginária que se torce, contorce, retorce e se enlaça e – acrescento – escrevendo se anola” (Souza, 2003, p. 40).

A travessia deste trabalho, assim se define: da gestação de uma metáfora teórica à parturição de um Sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, A. Poesia sem título. Revista 34Letras nº 1, Setembro, 1988, p. 33.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. D.R.L.A.V., 1978, n. 26. p. 91-151.
- BARROS, M. *Gramática Expositiva do Chão (poesia quase toda)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- _____ *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BLANCHOT, M. *Thomas L'obscur*. Mimio, s/d.
- CABAS, A.G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Editora Moraes, 1982.
- CAMPOS, H. *O poeta da linguística*. In.: Jakobson. *Lingüística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____ *O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua*. In.: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, n. 13, dez. / 1997. P. 3 – 30.
- _____ *Um relance de dados*. In.: Campos (org.). *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, p. 115 – 149;
- _____ *Lance de olhos sobre Um Lance de Dados*. In.: Campos (org.). *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, p 187 – 193.
- CAVALCANTI, C. *Como entender a pintura moderna*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1975.
- CHEMAMA, R. (Ed.) *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- DARMON, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas. Série Discurso Psicanalítico, 1994.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo I: o campo do signo*. São Paulo: Ensaio, 1993.
- _____ *História do estruturalismo II: o canto do cisne*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- DUFOUR, D-R. *Os Mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- _____ *O Espelho Sofiânico de Bohème*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- DUMONT, L. *Homo hierarchicus: O sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- FLORES, V. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1999.
- _____ *Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte)*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 36, n. 4 . dez. / 2001. p. 7 – 67.
- _____ *Para um estudo enunciativo da categoria aspectos nos verbos do Português do Brasil*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 34, n. 2 . jun. / 1999. p. 91 – 126.
- FRANK, J. *Pelo Prisma Russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: EDUSP, 1992.
- FREUD, S. *Obras completas*. Tomo I. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981.
- _____ *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981
- _____ *Obras completas*. Tomo III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981
- _____ *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Volume VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995.
- GRANON-LAFONT, J. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

- HOLANDA, A. B. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revisada e ampliada, 1986.
- JAKOBSON, R. e POMORSKA, K. *Diálogos*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____ *El marco del lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica, Lengua y Estudios Literarios, 1996.
- _____ *Arte verbal, signo verbal, tiempo verbal*. México: Fondo de Cultura Económica, Lengua y Estudios Literarios, 1992.
- _____ *Seis lições sobre o som e o sentido*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- _____ *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972
- LACAN, J. *Escritos 1*. México : Siglo Veintiuno Editores, 1989.
- _____ *Escritos 2*. México : Siglo Veintiuno Editores, 1988.
- _____ *Escritos*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____ *A terceira*. In.: Che vuoi ? psicanálise e cultura. Porto Alegre, ano um , nº. zero, out. / 1986. p. 16 – 42.
- _____ *O seminário - livro 3 : As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985
- _____ *O seminário - livro 5 : As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____ *O seminário - livro 11 : Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- _____ *O seminário - livro 20 : Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- _____ *O seminário - livro 23 : O sintoma*. Mimeo, versão apócrifa da Escola Freudiana de Buenos Aires, s/d.
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Martisn Fontes, 1996.

- LÉVI-STRAUSS, C. *Introdução à obra de Marcel Mauss*. In.: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, 1974.
- _____ *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1989.
- LICHTENBERG, S. *Usos do todo: uma abordagem enunciativa*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 36, n. 4 . dez. / 2001. p. 147 – 181.
- MEDEIROS, P. *Um certo saber de Sócrates e o não saber do analista*. In.: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, n. 6, jun. / 1997. P. 3 – 51.
- MELMAN, C. *Estrutura lacaniana das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MILNER, J-C. *O amor da língua*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.
- _____ *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- _____ *Los nombres indistintos*. Argentina : Manantial, 1999.
- NOBREGA, M. *O mesmo e o outro: Saussure e a AD*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 34, n. 2 . jun. / 1999. p. 65 – 90.
- POMMIER, G. *O desenlace de uma análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- QUINET, A. A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.**
- REGANULT, F. *Dieu est inconscient*. Paris: Navarin, 1985, p. 98 – 101.
- ROUDINESCO, E. ; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969
- SCHÄFFER, M. “Eu” conta a “tu” histórias que ouviu d’”ele”. *Quem é ele ?* Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 36, n. 4, dez/2001. P. 69-95.
- SETTINERI, F. *Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem na interpretação psicanalítica*. In.: SCHÄFFER, M. (Org.) *As aventuras do sentido: psicanálise e lingüística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 247 – 364.
- SOUZA, A.M. *Precisões clínicas em psicanálise*. Mimeo , 2003.

_____ *Sobre a interpretação e a finitude da análise*. In.: Che vuoi ? psicanálise e cultura. Porto Alegre, ano dois , n°. 3 e 4 , inverno / 1987. p. 49 – 65.

_____ *A questão do sujeito: ensaio de psicanálise infame – existiria incompatibilidade entre o sujeito poético e o sujeito da ciência ?* In.: Cadernos da Casa de Cultura Guimarães Rosa. Porto Alegre, Set. / 1996. p. 1 – 20.

TEIXEIRA, M. *O objeto língua: unidade constituída pela ausência*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 34, n. 2 . jun. / 1999. p. 31 – 64.

_____ *Análise de Discurso e Psicanálise. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TROIS, J.F.M. *Interrogações sobre uma falta comum: o sintoma na fala*. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Linguística e o sintoma da/na fala na aquisição desviante da linguagem*, coordenada por Valdir do Nascimento Flores (UFRGS), no 6º Encontro Nacional Sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: PUCRS, 1-3 outubro 2003.

WALDMAN, B. *Poesia ao Réis do Chão*. In.: BARROS, M. Gramática Expositiva do Chão (poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.